

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JEFFERSON SCHMIDT

UNÇÃO COM ÓLEO:
UMA PROPOSTA DE RITO NO CONTEXTO LUTERANO BRASILEIRO

São Leopoldo

2016

JEFFERSON SCHMIDT

UNÇÃO COM ÓLEO:
UMA PROPOSTA DE RITO NO CONTEXTO LUTERANO BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S349u Schmidt, Jefferson

Unção com óleo : uma proposta de rito no contexto
luterano brasileiro / Jefferson Schmidt ; orientador Júlio
César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.

101 p. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2016.

1. Unção. 2. Unção dos enfermos. 3. Sinais e símbolos –
Aspectos religiosos – Igreja Luterana. 4. Cuidado pastoral. I.
Adam, Júlio César. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JEFFERSON SCHMIDT

UNÇÃO COM ÓLEO:
UMA PROPOSTA DE RITO NO CONTEXTO LUTERANO BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Data da Defesa:

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – Faculdades EST – (Presidente)

Oneide Bobsin – Doutor em Sociologia da Religião – Faculdades EST

Renato Ferreira Machado – Doutor em Teologia - Unilasalle

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pelas oportunidades que fazem dela uma bênção.

Agradeço a minha mãe e a meu pai, Vali e Arceli, pelo carinho, apoio e amor incondicional, pela simplicidade, humildade e coragem com que sempre enfrentaram os desafios da vida; a toda minha família, pela compreensão de ter um filho, um irmão bastante ausente durante os últimos anos.

Agradeço a todas as amigas e amigos que diretamente ou indiretamente ofereceram seus ouvidos, seus abraços, sua atenção e compreensão durante a pesquisa. Em especial ao amigo e professor Júlio César Adam, pelo incentivo e orientação na pesquisa.

Agradeço a CAPES e ao CNPq pelo apoio financeiro na realização desta pesquisa.

Caberiam aqui muitos agradecimentos. A todas e todos vocês a minha eterna gratidão.

Apenas no silêncio interno, a alma descobre os segredos de Deus.

Frederick W. Robertson

RESUMO

Esta dissertação analisa o rito da unção com óleo e busca conceituar a sua função, analisando-o na perspectiva bíblico-histórico-antropológica. Investiga a importância deste rito primitivo para dentro da igreja luterana contemporânea com acento no seu valor espiritual no enfrentamento da enfermidade e provedor de bem-estar, cuidado e proteção de Deus para com seu povo. Compreender a importância dos ritos e dos símbolos na vivência diária da fé, da vida em sociedade e a percepção de que os ritos moldam a vida e que estudá-los é necessário para o autoconhecimento, enquanto seres humanos que vivem em família, em comunidade, em sociedade, no mundo. Os ritos sempre acompanharam o ser humano durante toda a história e continuam a ter papel importante nas suas vidas. O estudo da experiência histórica da Igreja com a unção com óleo trará maior clareza do seu uso durante os séculos, modificações pelas quais passou e importância na comunidade. Para motivar a pesquisa sobre o assunto e a inserção do rito da unção com óleo na vida comunitária da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) onde é pouco conhecido e utilizado, são oferecidos subsídios litúrgicos e relatos de pessoas que participaram da unção.

Palavras-chave: Unção com óleo. Ritos litúrgicos. Cuidado pastoral. IECLB.

ABSTRACT

This thesis analyzes the rite of unction with oil and seeks to conceptualize its role analyzing it in a biblical-historical-anthropological perspective. It investigates the importance of this primitive rite within the contemporary Lutheran church focusing on its spiritual value in confronting infirmity and as a provider of well being, and God's care and protection of God's people. It aims to understand the importance of the rites and symbols in daily living out of the faith, in life in society and the perception that the rites shape life and it is necessary to study them for self knowledge as human beings who live in family, in community, in society, in the world. Rites have always accompanied the human being throughout all of history and they continue to have an important role in their lives. The study of the historical experience of the church with unction with oil will bring more clarity of its use throughout the centuries, of the modifications it has suffered and of its importance in the community. To motivate the research about the subject and the insertion of the rite of unction with oil in the congregational life of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB) where it is not well known and not used very much, liturgical resources are offered as well as reports of people who participated in the unction.

Keywords: Unction with oil. Liturgical rites. Pastoral Care. IECLB.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 RITOS: NECESSIDADE HUMANA PARA A VIDA	17
1.1 Considerações iniciais.....	17
1.2 Definição de rito	18
1.2.1 Tempo e espaço do rito	20
1.3 Ritos – uma necessidade antropológica	21
1.3.1 Ritos e a sua relação cultural.....	23
1.3.2 Ritos de passagem	25
1.3.3 Ritos profanos	26
1.3.4 Ritos religiosos.....	28
1.4 O símbolo	29
1.4.1 A linguagem simbólica do rito	30
1.5 Ritos litúrgicos.....	31
1.5.1 Ritos Cristãos: a necessidade humana de sentir Deus.....	33
1.5.2 Imposição de mãos	33
1.5.3 Santa Ceia.....	34
1.5.4 A oração	36
1.6 Rito e cura.....	37
1.7 Considerações finais	38
2 A UNÇÃO COM ÓLEO	41
2.1 Considerações iniciais.....	41
2.2 A ação de Deus em amor ao próximo.....	42
2.2.1 Sacramentos: amor divino tornado visível.....	42
2.2.2 A Reforma Protestante	44
2.3 Unção com óleo: definição geral	45
2.3.1 Aspectos bíblicos	46
2.3.2 Aspectos históricos.....	48
2.3.3 Aspectos Teológicos e Confessionais	50
2.3.4 Aspectos pastorais	52
2.3.5 A unção com óleo hoje.....	53
2.3.6 Unção e Cura.....	54

2.4 Doença: a busca pela saúde	55
2.4.1 Crises diante da doença	56
2.4.2 A espiritualidade como auxílio na busca pela cura	58
2.4.3 Esperançar e confiar	61
2.5 A cura	62
2.5.1 Jesus: aquele que acolhe e cura	63
2.5.2 A cura de uma mulher enferma (Marcos 5. 25-34)	64
2.5.3 A cura da filha de Jairo (Marcos 5. 35-43).....	65
2.5.4 Visitação para a prevenção e cura	66
2.6 Considerações finais	67
3 IECLB: SUGESTÕES E POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DO RITO DA UNÇÃO	69
3.1 Considerações iniciais	69
3.2 De Lutero até hoje	69
3.3 O rito da unção com óleo é cristão	72
3.3.1 Unção batismal	73
3.3.2 Unção de enfermos	74
3.3.3 Culto de Tomé	76
3.4 Possibilidades da unção na IECLB	77
3.4.1 Liturgia para o Advento.....	77
3.4.2 Celebração do rito da unção	81
3.4.3 Encontro da Família Bom Pastor	84
3.4.4 Unção com imposição de mãos a pessoas enfermas.....	87
3.4.5 Liturgia de unção pelo aniversário	89
3.4.6 Culto de Tomé.....	89
3.5 Unção com óleo: relatos a partir de experiências práticas	90
3.7 Considerações finais	93
CONCLUSÃO	95
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

O objeto da presente pesquisa é o rito da unção com óleo no contexto eclesial luterano brasileiro. É importante conceituar o rito da unção com óleo e sua função, analisando-o na perspectiva bíblico-histórico-antropológica. Investigar a importância deste rito primitivo para dentro da igreja luterana contemporânea, no contexto brasileiro, com acento no seu valor espiritual no enfrentamento da enfermidade e do cuidado e proteção que Deus tem com seu povo.

A principal motivação em pesquisar este tema surge com a realização do estágio na Pastoral do Hospital Moinhos de Vento em Porto Alegre/RS. Ali, a partir do acompanhamento e vivência com pessoas enfermas, percebe-se a importância e o valor, muito maior dos gestos e atitudes, do que das palavras.

Este trabalho é fruto de um rito de pesquisa. Pesquisar é um ritual. Ler, reler, anotar, grifar, transcrever, traduzir, puxar nota de rodapé, formatar. A produção de um trabalho escrito é sem dúvida um rito e todos eles, sejam profanos, sagrados, de iniciação, casuais, de passagem, possuem uma ordem de condução, diferentes fases e sentidos para quem deles participa.

A vida das pessoas é cheia de ritos e algumas vezes podemos estar participando de algum deles e nem nos damos conta disso. Um filho ou filha que se despede da mãe e diz: “Bênção minha mãe!” Ou o sinal da cruz antes de entrar na igreja, no campo de jogo para uma partida de futebol ou até mesmo ao embarcar no ônibus para uma viagem mais longa. Ritos aparentemente simples, mas cheios de sentido e com a função de abençoar e proteger. Estes acompanham o ser humano em seu dia a dia, seja no trabalho, no lazer, na sua fé.

O objetivo buscado no primeiro capítulo é entender a importância dos ritos e dos símbolos na vivência diária da fé, da vida em sociedade. Ademais, não queremos nos aprofundar demasiadamente no assunto, mas sim motivar no leitor, na leitora à percepção de que os ritos moldam nossa vida e que estudá-los é necessário para se auto-conhecer enquanto ser humano que vive em família, em comunidade, em sociedade, no mundo.

No segundo capítulo busca-se aprofundar a pesquisa sobre o rito da unção com óleo acentuando seu caráter espiritual e curativo frente a um ser humano fragilizado por uma sociedade moderna competitiva e desgastante, sem deixar de vê-lo como sinal visível e perceptível do amor e da graça de Deus. Busca por referências sobre óleo e unção na Bíblia, trajetória e mudanças do rito na história da Igreja, da trajetória de Extrema-Unção para Unção de Enfermos e no contexto protestante, a unção com óleo.

O terceiro capítulo está direcionado para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), onde há pouca utilização do rito em suas celebrações. O protestantismo de imigração, representado pelo ramo luterano da Reforma para se diferenciar da Igreja Católica abriu mão de muitos ritos, para denominar-se “Igreja da Palavra”, ou seja, igreja que prega a Palavra de Cristo esquecendo-se do acompanhamento e vivência com pessoas enfermas e da necessidade que elas têm de participar e sentir o acolhimento da comunidade e de Deus. Na tentativa de motivar a pesquisa sobre o assunto e a inserção do rito na vida comunitária são oferecidos subsídios litúrgicos e depoimentos de pessoas que participaram da unção, a partir da escuta do pesquisador.

As pessoas vivem afastadas e carentes de suas comunidades religiosas. Qual é o papel da unção com óleo no enfrentamento da enfermidade e acolhimento de pessoas carentes de cuidado no contexto luterano? Porque a Igreja Luterana praticamente abandonou esse rito? São perguntas que desejo responder durante esta pesquisa. Espero que a partir da leitura também a leitora, a leitor possa sentir-se motivado a pesquisar sobre o assunto e a sugerir o uso do rito da unção com óleo nas celebrações da comunidade com a qual esteja vinculado. Boa leitura.

1 RITOS: NECESSIDADE HUMANA PARA A VIDA

1.1 Considerações iniciais

É bastante comum vermos hoje em dia, dada à facilidade de acesso aos meios de comunicação que propagam e compartilham imagens e sons, características de diferentes povos e culturas. Podemos achar tudo isso muito bonito e interessante, mas será que entendemos o sentido que aquela dança, que aquela cor, forma de vestir, de tocar tem para aquelas pessoas?

Os ritos expressam a maneira como cada grupo encara e entende a vida, por isso, em muitos grupos há rituais de iniciação que marcam a inserção e aceitação por aquelas pessoas, onde gradativamente a partir da convivência e participação da vida ritual vão incorporando e compreendendo a maneira de viver e se relacionar, inclusive com o sagrado.¹ Adriane Rodolpho destaca que é importante estudar os ritos e verificar a sua ação na vida social, por exemplo, eventos como o carnaval ou o dia da Independência do Brasil, mesmo que geralmente estejam ligados apenas a momentos formais ou religiosos de nosso cotidiano.²

A celebração dos ritos recebe o nome de ritual e pode ser variada.³ Alguns rituais são festivos, enquanto outros têm forma solene. A maioria dos rituais é conduzida conforme a tradição de serem dirigidos por autoridades (no caso da religião, os rituais são liderados pelos sacerdotes, na execução de um desfile ou incorporação militar, por comandantes ou generais).

O rito permite que as pessoas vivam num mundo mais organizado, em algum espaço físico, provavelmente delimitado e com um tempo de duração previsto. Ter uma vida com ritos traz alegrias e desperta sentimentos, ajudam as pessoas a enfrentar as mudanças e a transitoriedade de suas vidas.

Existe algo de especial no rito. Ele caracteriza os momentos da vida e ajuda-nos a compreender fatos para que possamos viver de uma forma diferente e muitas vezes nos transformando enquanto seres humanos. Carregado de sentido, o rito impacta a vida das pessoas. Na verdade, o rito nos ajuda a viver, provoca mudanças e quebra de rotinas na vida.

O valor de cada rito é único e nos motiva, pois deles necessitamos. Cada rito é uma marca em nossa vida, mesmo sendo o rito executado no mesmo espaço, com os mesmos

¹ BUYST, Ione. *O segredo dos ritos*. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 21.

² RODOLPHO, Adriana Luisa. *Estudos Teológicos*. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. v. 44, n. 2, p. 139, 2004.

³ Mesmo que haja diferenciação entre o termo rito e ritual, neste trabalho usaremos os dois termos como sinônimos.

símbolos, cercado das mesmas pessoas e palavras, a experiência nunca será igual à outra, porque àquilo que absorvo do rito depende também da minha necessidade individual.

A cultura é fixada no rito, onde as pessoas seguem e são influenciadas sem saber ao certo o significado ou a origem dos ritos. Fazemos assim, porque sempre foi assim. O rito está fortemente alicerçado na tradição, na memória e na conservação. Mas também ele se transforma, motivado pela passagem do tempo e o surgimento de ideias novas e necessidades diferentes das gerações vindouras.

Os ritos variam conforme a sociedade ou a cultura. Apresentam grande diversidade por serem influenciados pelos costumes da cultura em que ocorrem, mas possuem questões comuns a toda a humanidade. Um exemplo são os ritos funerários, que possuem caráter de despedida. Por outro lado, existem ritos dedicados à passagem de uma etapa para outra (da puberdade para a idade adulta, do estado de solteiro para o casamento). Também há ritos de iniciação, que estão relacionados com a introdução a certos mistérios ou a práticas ocultas para os não iniciados, no meio religioso, o Batismo é um bom exemplo.

No contexto religioso, percebe-se que algumas igrejas protestantes negligenciam o uso de ritos, por isso, faz-se necessário um resgate dos gestos litúrgicos e ritos simbólicos, pois os mesmos permanecem quase que ausentes. No contexto luterano percebe-se uma ausência de ritos na vida de fé. É inegável que a Igreja de Jesus Cristo tem uma riqueza de ritos e símbolos litúrgicos que valem a pena ser resgatados. Lembro da frase de São Francisco de Assis que disse: “Pregue o Evangelho em todo tempo. Se necessário, use palavras.” O que me remete a evangelização através de ações concretas e ritos enquanto sinais visíveis da fé cristã.

Analisar o rito é estudar o ser humano na cultura da qual participa, com seus costumes, sua vida social, material, sua história, é perceber que gostamos e necessitamos ritualizar a nossa vida.

1.2 Definição de rito

Quando usamos o conceito “rito”, a que nos referimos? É arriscado e, difícil apresentar uma definição única, possivelmente, muitos aspectos seriam esquecidos, por isso analisemos neste primeiro momento algumas raízes semânticas da palavra.

Rito é uma palavra com origem no termo latim *ritus* com a acepção de ordem estabelecida, ordem prescrita. Na língua grega sua prescrição aparece como *artus*, que por sua vez refere à *ararisko*, indicando a ação de harmonizar, adaptar, e também a *artmos*, que

significa elo, junção. Caminhando um pouco mais, iremos até a língua sânscrita. Nela encontramos *ar*, que indica a disposição organizada das partes no todo, que no indo-europeu védico é indicativa da ordem do cosmo, como também da ordem das relações entre os deuses e os seres humanos e aquelas dos seres humanos entre si. De raiz indo-europeia está o *ri*, que aponta para ritmo, rima, rio, água que flui e se espalha fecundando a terra, portanto, gerando vida.⁴

Portanto, rito refere-se “ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo”.⁵ O rito é ação. E toda ação humana com finalidade “coloca em movimento todo o seu ser, pois que nesse trabalho opera a imaginação, a criatividade, a racionalidade, a sensibilidade, os sentidos, a palavra, os gestos, as atitudes”.⁶

No processo ritual existem diferenças de intenções e perspectivas entre o olhar a partir de fora - a fim de observar, descrever e analisar para compreendê-los e explicá-los - e o olhar a partir de dentro da experiência pessoal de vivenciá-los de maneira ativa e participativa. Existe uma diferença entre teorizar e vivenciar rituais. Pode parecer impossível conciliar os dois olhares. O primeiro vem recheado de questões e indagações próprias do trabalho científico, que exige tomar distância, exercitar a abstração, o método, a racionalidade, a neutralidade; o segundo, na plenitude de sua experiência, apresenta-se pleno de emoções, adesões, vínculos, efervescências.⁷

A etimologia da palavra já é uma indicação preciosa e revela o seu sentido íntimo. Por outro lado, o rito é um imenso e complexo universo em parte conhecido, outro a ser desvendado. Rivière define rito de maneira mais geral, como um

[...] conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual, postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e habitualmente para os seus assistentes, condutas essas fundamentadas numa adesão mental, muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, e cuja eficácia não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação entre causa e efeito.⁸

Os ritos fixam e transmitem os valores de uma sociedade ou de grupos que a compõem, contribuindo para sua sobrevivência. Por isso, somos influenciados através de

⁴ VILHENA, Maria Angela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 20.

⁵ VILHENA, 2005, p. 21.

⁶ VILHENA, 2005, p. 21.

⁷ VILHENA, 2005, p. 18.

⁸ MOTTA, Roberto. Prefácio à edição brasileira. In: RIVIÈRE, Claude. *Ritos profanos*. Petrópolis: Vozes. 1996. p. 11.

objetos, cores, cheiros, cantos. Experiências vivenciais necessárias e que nos darão uma nova forma de compreender o mundo. É por isso, que o ser humano necessita dos ritos. Basta perceber que toda nossa vida está ritualizada. Diante de situações parecidas, repetimos gestos, nos alimentamos, nos vestimos, cumprimentamos pessoas conhecidas. E conforme Volkmann “tudo o que fazemos seguidamente da mesma forma, na mesma situação acaba sendo um rito. E felizmente é assim. Caso contrário, teríamos que, a toda hora, inventar novas formas de nos portar e de nos relacionar”.⁹

1.2.1 Tempo e espaço do rito

Quando se usa o termo rito, faz-se referência a uma ação realizada em determinado tempo e espaço. Todo rito acontece em algum lugar e tempo. Por isso, “os ritos para serem vividos e compreendidos, devem ser localizados em suas dimensões espaciais e temporais. [...] Ritos são vividos nas casas, nas ruas, na natureza, em igrejas”.¹⁰ Neste sentido o sociólogo e antropólogo francês Georges Balandier ajuda-nos a compreender que:

O rito age sobre os seres humanos por sua capacidade de emocionar; o rito coloca-os em movimento, corpo e espírito, graças à coalizão de meios que provoca. [...] Explora o registro simbólico e o conhecimento reservado ou profundo. [...] Conjuga linguagens: a sua própria, mas também a música, a dança, o gesto.¹¹

Há também de se considerar que o rito pode ser individual ou coletivo, acontecer em um espaço privado ou compartilhado. Quando coletivo, as palavras são ouvidas, os gestos vistos, algo pode ser comunicado, aprendido, interpretado. Durante um ritual é comum que os envolvidos não desempenhem os mesmos papéis e funções. Existem palavras e gestos que podem ser realizados apenas por algumas pessoas.¹² O mesmo acontece em relação ao manuseio de objetos que fazem parte dos rituais. Há geralmente uma ordem de ações interna do rito. Toda a atmosfera criada durante a execução do rito, bem como os gestos, as palavras, os símbolos presentes no ambiente criam o sentimento de acolhimento e funcionalidade. Eis o poder e a importância de um rito.

⁹ VOLKMANN, Martin. Ofícios casuais – desafio e oportunidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 38, n. 1, p. 42-62, 1998. p. 45.

¹⁰ VILHENA, 2005, p. 22.

¹¹ BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 31.

¹² VILHENA, 2005, p. 23.

1.3 Ritos – uma necessidade antropológica

Não há dúvida de que os ritos constituem um terreno de investigação privilegiado. Segundo Cazeneuve o rito é uma ação seguida de consequências reais. “Para um observador ingênuo, toda ação humana, sobretudo se coletiva, deveria servir para algo.”¹³ Talvez por isso, o ser humano cumpre ações nem sempre entendidas para quem as vê do lado de fora. Já para quem faz parte e vive profundamente aquele momento, ele pode estar repleto de significados e sentidos que vão muitas vezes além da compreensão humana, há um fator, uma ação transcendental presente no rito.

Por isso, estudar os ritos ajuda a compreender os seres humanos em suas culturas, podendo revelar semelhanças entre os diferentes grupos. Onde e quando observarmos um grupo humano encontraremos práticas rituais. “Por outro lado, essa unidade antropológica fundamental manifesta-se numa extrema diversidade quanto às formas, conteúdos, sentidos, significações e finalidades impressas aos ritos”.¹⁴

Conforme Peirano:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz sim à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo].¹⁵

Os rituais estão presentes na nossa vida cotidiana. No entanto, “podem ser religiosos, profanos, festivos, informais, simples ou elaborados e o importante seriam suas características de forma, convencionalidade, repetição”.¹⁶ Os rituais estão inseridos no nosso cotidiano e possuem sua importância na vida das pessoas, porque “nesse sentido, concedem autoridade e legitimidade quando estruturam e organizam as posições de certas pessoas, os valores morais e as visões de mundo”.¹⁷

¹³ CAZENEUVE, Jean. *Sociologia do rito*. Tradução: M.L. Borralho. Porto, Portugal: RÉS 1957. p. 8.

¹⁴ VILHENA, 2005, p. 13.

¹⁵ PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Ahar. 2003. p. 11.

¹⁶ PEIRANO, 2003, p. 11.

¹⁷ RODOLPHO, 2004, p. 139.

Rodolpho acrescenta uma importante observação para que os ritos, de fato, adquiram legitimidade e conquistem seu espaço e ação nos grupos e na sociedade.

Os rituais emprestam formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social [...]. As formas estabelecidas para os diferentes rituais têm uma marca comum: a repetição. Os rituais, executados repetidamente, conhecidos ou identificáveis pelas pessoas, concedem certa segurança. Pela familiaridade com a(s) sequência(s) ritual(is), sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sentimentos, enfim, temos uma sensação de coesão social. [...] através da repetição e da formalidade, elaboradas e determinadas pelos grupos sociais, os rituais demonstram a ordem e a promessa de continuidade destes mesmos grupos.¹⁸

Várias ciências, entre elas, a antropologia, a sociologia, a filosofia, a psicologia, a biologia, a geografia, a história, a teologia e as ciências da religião esticam seus olhares, seus métodos e teorias sobre o contexto ritual, na busca de compreender melhor o mundo dos ritos que está enraizado no mundo dos seres humanos que é construído na e pela cultura.¹⁹ Uma ciência sozinha terá dificuldade em analisar a complexa estrutura que compõe um rito, porque dentro dele estão recolhidas tradições e, ali também são encontradas explicações. “O rito como construção humana, nasce e fala precisamente das necessidades, buscas, esperanças, angústias, ilusões enraizadas na história de cada ser humano em particular e na história coletiva.”²⁰

Como dito anteriormente, os ritos têm importância decisiva na vida das pessoas. Ajudam a superar a intranquilidade diante do novo, da insegurança, diante do desconhecido. Eles propiciam espaços seguros, onde o ser humano pode resolver problemas pessoais ou sociais. Assim, um rito pode destruir antigas estruturas e criar novas ordens sociais, marcar uma passagem ou iniciar uma nova fase. Os ritos são reconhecidos e classificados em categorias. A mais comum: ou é sagrado ou é profano. Estas se subdividem em ritos de iniciação, de passagem entre outros. Estes são, muitas vezes, expressão da maneira daquele grupo cultural ou religioso encarar e entender a vida.

São os aspectos antropológicos que nos fazem perceber que os ritos são uma necessidade humana. Fazem nos questionar se determinadas situações cooperam para o crescimento do Reino de Deus. Todos e todas fazem parte da criação de Deus e, por isso, não somos seres isolados, mas parte dessa criação. A importância do rito é mostrar justamente a importância dessa relação: Deus e seres humanos e por isso temos que considerar a importância antropológica dos ritos. Propomos no ponto seguinte, destacar a relação do ritual com o cotidiano; o ritual hoje e sua função antropológica e social.

¹⁸ RODOLPHO, 2004, p. 140.

¹⁹ VILHENA, 2005, p. 38.

²⁰ VILHENA, 2005, p. 38.

1.3.1 Ritos e a sua relação cultural

Cabe, antes de mais nada, definir o termo cultura. Faremos isso utilizando Geertz que diz: “a cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros.”²¹ Geertz resgata uma frase de Goodenough – a saber, “a cultura (está localizada) na mente e no coração dos homens”.²²

Um rito para ganhar forma e relevância precisa de um espaço, de símbolos, de indivíduos. Um rito não acontece por acaso, ele tem um propósito. Geralmente tem uma ordem e uma condução prevista. Se for um rito religioso, a surpresa e o inesperado nem sempre são bem recebidas. Sua ação, essa sim, pode ter elementos ocasionais e imprevisíveis. No rito profano nem sempre há uma ordem e condução prescrita. Muitas vezes a improvisação é um elemento presente.

No entanto, o que fascina no rito é quando ele cumpre sua função, seja “realmente um momento significativo” e que faça diferença na vida de quem dele participou. O exemplo a seguir contém elementos que discutimos até aqui: está inserido na cultura, possui traços profanos e sagrados. Tem um objetivo. Possui uma condução prevista, mas na sua execução surgem elementos inesperados que, na minha opinião o tornam especial e significativo.

- Nunca tive dúvida de que a experiência de participar de um intercâmbio em outro país, outra cultura, traria um enriquecimento cultural e a percepção e valorização de elementos que constituem o nosso dia a dia. Em outras palavras, causa uma “sensibilidade cultural” que nos faz ver uma mesma situação de ângulos diferentes. Enfim, não quero fugir do exemplo que quero compartilhar. No ano de 2007 tive a oportunidade de participar de um intercâmbio na Alemanha. Basicamente o programa previa o envolvimento em atividades agrícolas, a vivência em família, a participação em aulas Poderia ser o bastante, mas depois de duas semanas percebi a necessidade em “viver mais àquela cultura”. Assim, durante a janta disse para minha família adotiva que gostaria muito de participar em todas as atividades em que eles estivessem envolvidos, seja social, familiar, comunitária. E assim aconteceu. A partir daquele dia tive a certeza de que aquele ano me traria experiências significativas e das quais lembraria minha vida toda.

Particpei de vários momentos especiais, os quais gostaria aqui chamar de ritos, pois me acompanharam e foram parte importante no conhecimento sobre aquelas pessoas e a sua cultura, que aos poucos deixou de ser estranha, pois através dos ritos fui inserido e

²¹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973. p. 21.

²² GEERTZ, 1973, p. 21.

compreendi muitas características que me fizeram sentir parte daquele grupo, daquela cultura e de seus costumes e tradições. Festas, Ceia de Natal, virada de ano, cultos religiosos, enfim.

Mas de todos os ritos, vivências, compartilhamentos, um me chamou a atenção e foi especial. O falecimento do vizinho (companheiro de conversas e passeios de bicicleta) e a forma como foi sepultado e enterrado.

Até então conhecia nosso rito apressado de “desfazermo-nos” do defunto o quanto antes. Mas com meu vizinho alemão foi diferente. O rito de despedida durou uma semana e coube a seus vizinhos fazerem a cova onde então seu corpo descansaria. E esta experiência foi marcante, porque ali, com a pá e a picareta na mão, abrindo um buraco de mais de dois metros de profundidade no chão, em meio à tristeza de sua morte, começaram a surgir entre os vizinhos e amigos que ali se revezavam na árdua tarefa de abrir aquele buraco, boas lembranças da vida daquele bom vizinho e amigo. A tristeza de sua morte foi aos poucos sendo substituída por boas lembranças e histórias regadas a gargalhadas, que contavam os fatos que tinham durante anos unidos aqueles vizinhos.

Tive a certeza de que a partir desta experiência o luto era enfrentado e vivido já durante aqueles dias. É quase como um já e o ainda não. Morreu, mas ainda está entre nós, vivo em nossas histórias e boas lembranças. Não havia pressa, não havia desespero, havia gratidão por tudo que aquele vizinho tinha compartilhado em todos os anos de sua vida.²³

Certamente muitos ritos fizeram parte da vida destes vizinhos e de suas famílias que mantiveram sua ligação. Provavelmente se conheceram em alguma festa, numa janta da comunidade ou numa mesa de cartas do boteco. Possivelmente frequentavam a mesma igreja onde aproximaram suas famílias que começaram a se visitar e convidar para festas de aniversário, de batismo dos filhos.

A vida de todo ser humano é repleta de ritos, muitos nos aproximam, outros nos afastam. Há os profanos e os sagrados, os de passagem e os casuais. No entanto, eles podem apenas fazer sentido e diferença na vida das pessoas e do contexto cultural onde vivem se o essencial é absorvido de cada um deles: falo do amor e do respeito que devem prevalecer nas relações humanas.

Na sequência do trabalho descreveremos os ritos de passagem que podem ser profanos e religiosos. Cada rito tem sua particularidade, mas também características que os

²³ Experiência vivida pelo autor da dissertação em seu intercâmbio na Alemanha durante o ano de 2007, onde viveu e compartilhou com uma família experiências do cotidiano, em um contexto diferente daquele em que crescer e se desenvolvera até seus 19 anos de idade.

unem e os fazem importantes na vida de quem deles toma parte. Os ritos de passagem tem forte influência cultural, pois são fundamentais nas passagens de fase da vida humana.

1.3.2 Ritos de passagem

Arnold van Gennep é o nome que sobressai no estudo dos ritos de passagem com sua clássica obra *Ritos de Passagem* publicada em 1909, em Paris. O autor “foi o primeiro a utilizar a expressão “ritos de passagem” para descrever as ações rituais que acompanham as passagens da vida de um indivíduo”²⁴, além de ter percebido que os grupos ritualizam passagens que lhes são importantes como o nascimento, o casamento, a morte, entre outras passagens pelas quais a maioria dos seres humanos passa em sua vida. Conforme van Gennep:

Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém, de modo diferente. E sempre há novos limiares a atravessar, limiares do verão ou do inverno, da estação ou do ano, do mês ou da noite, limiar do nascimento, da adolescência ou da idade madura, limiar da velhice, limiar da morte e limiar da outra vida para os que acreditam nela.²⁵

A vida é uma sucessão de passagens e o ser humano muda conforme o seu organismo se transforma. Passar de uma fase a outra, por exemplo, da adolescência para a adulta significa enfrentar crises, medos, angústias. “Toda passagem da vida é acompanhada de ansiedade e tensão, pois as situações novas, além de provocarem curiosidade, suscitam medo nas pessoas.”²⁶

Van Gennep dividiu os ritos de passagem em três estágios; 1) ritos preliminares (separação do mundo ou situação anterior), ritos liminares (estágio de margem) e ritos pós-liminares (agregação ao mundo ou grupo novo). Os ritos de separação são mais comuns em funerais, ritos de agregação em casamentos e os ritos de margem são importantes na gravidez, no noivado.²⁷ Mansk afirma que os ocidentais por encararem a vida de forma mais racional e técnico apresentam dificuldades em avaliar a verdadeira importância do rito. No entanto, é perceptível de que em qualquer lugar e tempo os ritos de passagem auxiliam o ser humano na superação das crises causadas pelas mudanças.²⁸

²⁴ MANSK, Erli. Ritos de passagem: necessidade humana e oportunidade para a vida litúrgica da comunidade. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n.25, maio, 2008. p. 3.

²⁵ GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes. 1978. p. 157-58.

²⁶ MANSK, 2008, p. 3.

²⁷ MANSK, 2008, p. 3-4.

²⁸ MANSK, 2008, p. 4.

Para entendermos melhor: em estado de enfermidade e internação hospitalar o rito de passagem é importante, pois ajuda a pessoa a mudar a rotina de trabalho, de casa, de família, da comunidade para a rotina do hospital. Podem auxiliar no acompanhamento à pessoa doente e podem agregar no restabelecimento da saúde. Os ritos “propiciam momentos e espaços para que as pessoas, em contato com outros indivíduos e com uma força transcendente, trabalhem, pouco a pouco, a sua crise e sua superação”.²⁹

Em sentido litúrgico e de acompanhamento aos crentes os principais ritos são o Batismo, a confirmação, o casamento e o sepultamento. As igrejas possuem “ricos recursos rituais em sua tradição litúrgica e tem plenas condições de ir ao encontro das pessoas e assisti-las em suas necessidades humanas”.³⁰

1.3.3 Ritos profanos

O que é um rito profano? Não existe sociedade sem que os indivíduos que a compõem convivam e compartilhem momentos e, estes não são sempre religiosos. Todas as fases da vida são marcadas pela ritualidade que começa na vida infantil e se estende até o leito de morte com a constante aquisição de hábitos e valores que se complementam com micro rituais. O nosso cotidiano é cheio de costumes, usos e hábitos com acentuada carga simbólica, mas não necessariamente vinculados a ações religiosas.

Rivière analisa vários ritos do nosso mundo profano e que faz parte do nosso dia a dia. O autor lembra-nos dos ritos escolares que todo ser humano vivencia desde muito cedo:

Os ritos de chegada (cumprimentos da professora e despedida dos pais), ritos de ordem (horários compartimentalizados pela sineta, espaços organizados por filas, de crianças e classes), ritos de atividades (ir ao quadro, ao pátio, falar e escutar em público). Rivière destaca igualmente a aprendizagem da leitura e da escrita, que atribui nova identidade à criança. Ainda com relação à vida escolar em nossa sociedade, lembramos as etapas de fim de colégio e entrada na universidade, os trotes aos calouros, todos exemplos de etapas que se seguem, atribuindo a cada um de nós novas identidades e novos papéis a serem desempenhados junto ao grupo com o qual convivemos.³¹

A ritualidade da vida está associada à prática esportiva, à alimentação, ao trabalho. Enfim, fazem parte de todos os momentos da vida que são na verdade, micro rituais. Rivière acredita que atualmente os ritos profanos estejam ganhando força na contemporaneidade, devido um possível declínio dos ritos cristãos.³²

²⁹ MANSK, 2008, p. 4

³⁰ MANSK, 2008, p. 4.

³¹ RODOLPHO, 2004, p. 140.

³² RIVIÈRE, 1997, p. 27.

O rito profano tem a função de reconhecer as relações sociais e estabelecer uma ponte entre a cultura e as pessoas que ritualizam suas próprias condições sociais. Nesse sentido, o rito profano tem a função de manter a ordem social, pois trabalha mais as relações sociais do que o rito religioso, que se ocupa mais com as relações entre o ser humano e os poderes sagrados.³³

Para que possamos entender melhor está relação entre sagrado e profano, usamos como exemplo as festividades que envolvem uma comunidade religiosa. Muitas vezes a linha divisória entre o que é sagrado e o que é profano estão apenas atrelados ao espaço físico, aos símbolos presentes neste espaço e ao rito que ali se sucede.

Por exemplo, comunidades religiosas que possuem ao lado da igreja um salão de festas e que não vê nisso mal algum, mesmo estando lado a lado, são espaços com anseios diferentes. O sagrado está dentro da igreja. Aqui não posso dançar e gritar. Já no salão está o profano, quanto mais festivo e alegre, melhor, mesmo que os espaços estejam apenas divididos por uma parede. Assim, como a igreja e o salão de festas, o sagrado e o profano estão próximos um do outro e detém o comando dos ritos fundamentais que organizam a vida e fornecem ao imaginário à consciência de emoções e anseios de um povo.

Os ritos têm “a propriedade de incluir e excluir, velar e desvelar, promover e oprimir, subjugar e libertar, humilhar e enaltecer”.³⁴ E mais do que isso, “a direção e o controle dos rituais, uma vez que convocam e atingem o ser humano em sua racionalidade, em suas emoções, visões de mundo, na atribuição de valores, significados e finalidades, constituem poderosas forças de controle social.”³⁵

No ponto seguinte queremos conceituar ritos religiosos e, apenas como forma de introduzir o assunto a partir de tudo que já vimos até aqui, é possível dizer que uma das diferenças entre o rito profano e o religioso está no sentido mítico e sacro que é mais intenso, enquanto o profano é mais social.

³³ RIVIÈRE, 1997, p. 75.

³⁴ VILHENA, 2005, p. 86.

³⁵ VILHENA, 2005, p. 87.

1.3.4 Ritos religiosos

Os ritos religiosos representam um instrumental terapêutico que auxilia no processo de ordenação da vida humana a partir de uma relação de comunhão entre os seres humanos e Deus. Os ritos religiosos entram em cena, muitas vezes, através do simbólico nos momentos de crises e servem como elemento de mediação da graça de Deus.³⁶ Adam e Streck definem ritos religiosos como todos aqueles vinculados a uma cultura religiosa.

Ritos religiosos são todos aqueles ligados a uma cultura religiosa. O rito religioso cristão – ou rito litúrgico – mais conhecido em nosso contexto é o culto comunitário. Esse rito engloba praticamente todos os demais ritos cristãos, ou seja, grande parte dos ritos cristãos acontece na forma do rito culto, dentro do próprio culto. Vejamos quais são esses ritos: há os ritos chamados de sacramentos, que são o Batismo e a Eucaristia; e os ofícios casuais, como penitência, unção de enfermos, confirmação e crisma, matrimônio e sepultamento. Há ainda uma infinidade de outros ritos e rituais – não tão explícitos nos ritos litúrgicos da tradição – que fazem parte da vida cotidiana do cristão e sua devoção pessoal, com símbolos, gestos, costumes e práticas.³⁷

Comparar o mundo cristão com outros mundos religiosos apresenta semelhanças. O ser humano nasce exatamente dos ritos e da comparação possível e significativa que existe entre diversos rituais. Sabe-se que uma religião é filtrada através do mundo dos seus ritos e do seu culto em geral.

Há no mundo hindu uma expressão que se aproxima muito do conceito de sacramento enquanto rito que transforma a vida. A expressão indica “o que é posto junto”, o que leva à perfeição e a ideia que sustenta essa concepção de sacramentos é a de que somente quem é iniciado através dos ritos e dos sacrifícios leva uma vida digna, perfeita, santa; é purificado, transformado; torna-se um *dvija* (nascido uma segunda vez). Somente o sacramento tem força para transformar totalmente um ser. Esses sacramentos são essencialmente os ritos que dizem respeito à maturação progressiva da vida dos indivíduos e que correspondem aos ritos de passagem, como os que acompanham o nascimento, a iniciação, o matrimônio e a morte.³⁸

Os ritos de iniciação contemplam a clássica passagem à maturidade física e social através de provas, sacrifícios, mutilações. Tudo isto é o mundo cultural e ao mesmo tempo é o

³⁶ HAACKE, Maurício Roberto. *Aconselhamento pastoral hospitalar: os ritos religiosos como parceiros da conversação pastoral na mediação da graça de Deus*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2001. p. 116.

³⁷ ADAM, Júlio Cezar; STRECK, Valburga Schmiedt. Ritos e práticas pastorais em tempo de mudança: uma reflexão a partir da liturgia e do aconselhamento pastoral. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 51, n. 2, p. 319-333, 2011. p. 323.

³⁸ TERRIN, Aldo. *Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo: Paulus, 2004. p.286

mundo religioso, que une a tradição, aos antepassados, a uma realidade maior com a qual o indivíduo se sente perenemente em contato e diante da qual ele é responsável como perante Deus.³⁹

Para que este contato com o transcendente através dos ritos religiosos seja possível acontece a construção de espaços sagrados que propiciam “oportunidades de encontro interpessoal, de estabelecimento de vínculos e solidariedades entre os adeptos daquela religião”.⁴⁰ Os ritos fazem parte das linguagens essenciais da religião, quer seja de iniciação ou despedida. A vivência destes ritos pode ajudar na dinâmica da fé, articular sua vivência religiosa e torná-la mais significativa.⁴¹

A partir do que vimos até aqui podemos dizer que o rito é uma linguagem simbólica organizada que quer dizer algo sobre o divino. Ele não apenas aponta para o sagrado, mas recria a ação divina. A intenção do rito “é a comunicação ou a própria participação da divindade. Nisso está a riqueza do rito, ele não é um fim em si mesmo. Ele é evocativo de uma realidade ulterior”.⁴²

Assim, abordar o tema dos ritos religiosos implica abordar a linguagem simbólica – religiosa que auxiliam na ordem social e nos relacionamentos humanos.

1.4 O símbolo

Afinal, o que é um símbolo e qual sua função? Os símbolos são usados para relacionar um objeto tangível com um conceito intangível. Essas imagens e gestos são uma parte importante da cultura. Cada sociedade tem um conjunto próprio de símbolos, embora alguns possam ter o mesmo significado em lugares diferentes. Utilizando o conjunto de símbolos de cada cultura é possível analisar os membros.

Os símbolos destinam-se a ser usados porque refletem realidades de enorme importância para a vida dos que os experimentam. Podem ser visuais (imagens), audíveis (palavras) e cinéticos (movimentos), mas em todos os casos eles precisam remeter-nos a realidades que experimentamos.⁴³

³⁹ TERRIN, 2004, p. 291.

⁴⁰ VILHENA, 2005, p. 118.

⁴¹ DOS SANTOS JUNIOR, Reginaldo José. O rito: Aproximação introdutória ao tema. *Via Teológica*. Curitiba. v. 2, n. 4. Dez de 2001. p. 94.

⁴² DOS SANTOS JUNIOR, 2001, p. 101.

⁴³ WHITE, James. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 92.

1.4.1 A linguagem simbólica do rito

A palavra símbolo se origina do grego e significa algo juntado, unido. Há, pois, muitos significados para a palavra símbolo, mas de maneira geral “é um sinal visível (uma imagem, um objeto, uma expressão corporal, um gesto, um movimento) que nos permite perceber ou experimentar (nos ligar, unir) uma realidade invisível”⁴⁴ no contexto sagrado, nos faz experimentar o transcendente, a realidade de Deus. No profano seria algo como sentir-se tomado por grande alegria e satisfação.

A simbologia está presente em todos os ambientes, nossa vida e linguagem cotidiana são tremendamente simbólicas. O símbolo adquire um significado para nós através da experiência que temos com ele. Podem ter um significado individual, mas também para um grupo de pessoas.⁴⁵

O símbolo está diretamente ligado ao rito. É uma de suas características mais acentuadas. “Os símbolos comunicam para além da palavra, alcançam o ser humano mais profundamente, tocam seus sentimentos, provocam emoções, vão além da razão. Os símbolos são capazes de dizer mais do que as palavras”.⁴⁶ Por isso, a linguagem simbólica é tão importante para que o rito tenha sua operatividade aceitável. Os símbolos, mais que palavras, facilitam a ação do rito.

Desde tempos imemoriais o ser humano se serve da linguagem simbólica.

Através de sinais (gestos, palavras) o ser humano manifesta realidades invisíveis. Temos coisas perceptíveis de alguma coisa não perceptível. O símbolo é este ajuntamento, sinal visível, perceptível, com um significado mais profundo, que é sua significação.⁴⁷

O teólogo Paul Tillich afirma que o símbolo indica algo que está fora dele mesmo e que o único meio de expressar o incondicional é através da linguagem simbólica. Tillich nos apresenta diversas características sobre o símbolo. Ele, o símbolo faz parte daquilo que ele indica. A bandeira de um país faz parte do poder e do prestígio da nação. Ela não pode ser substituída. Outra característica do símbolo está na sua capacidade de nos levar a realidades inacessíveis, se não fosse ele. Assim, ele abre dimensões e estruturas da nossa alma e com isso, nos tornamos capazes de entender aquilo que tal figura simbólica quer dizer. E não por último, símbolos não podem ser simplesmente inventados. Eles provêm do inconsciente

⁴⁴ MANSK, Erli. *A linguagem dos símbolos no culto cristão*. Porto Alegre: IECLB, 2012. p. 5.

⁴⁵ MANSK, 2012, p. 5.

⁴⁶ MANSK, 2012, p. 7.

⁴⁷ SANTOS, Manoel Augusto. *Impor ou não as mãos?* Telecomunicação, Porto Alegre, n. 102, v. 23, p. XX-XX, 1993. p. 520.

individual ou coletivo e somente ganham vida quando os internalizamos e fazem sentido estar ali.⁴⁸

Este curto ensaio buscou destacar a importância da linguagem dos símbolos presentes nos rituais e na liturgia. Julian Martín, citado por Haacke, relaciona alguns símbolos que enriquecem as celebrações litúrgicas. As pessoas reunidas que formam a assembleia. As atitudes corporais, ou seja, estar de pé, sentado, de joelho, inclinado. Gestos realizados por todos os fieis, como o sinal da cruz, caminhar, peregrinar, levar o pão e o vinho ao altar. Gestos e ações realizadas pelos ministros e ministras: estender as mãos, impor as mãos, saudar, beijar, partir o pão, dar a paz, assinalar, ungir, crismar. Elementos naturais como água, pão, vinho, sal, óleo, fogo, perfume, incenso. Objetos: cruz, vasos, sino. Tempos: dia, noite, horas, vigília, estação do ano, domingo. Lugares: igreja, altar, fonte batismal, confessionário, porta, cemitério.⁴⁹

A partir dos exemplos citados por Martín e Haacke, vemos que os símbolos são partes fundamentais das celebrações religiosas. Segundo Beckhäuser:

Símbolo pode ser um objeto, um elemento capaz de expressar de alguma maneira uma realidade que está presente, que a gente não pode expressar totalmente, mas que é mais do que a gente pode exprimir por palavras. Símbolo é um objeto, um gesto, um elemento, um movimento, uma expressão corporal, onde o que vale não é mais aquilo que é em si, mas o que exprime, o que significa.⁵⁰

A participação em celebrações litúrgicas que possuem muitos símbolos nos insere em momentos e evocam sensações que nem sempre conseguimos expressar através de palavras. A utilização correta dos símbolos faz com que a mensagem que quer chegar a nós, nos atinja de forma mais concreta e verdadeira.

1.5 Ritos litúrgicos

Os ritos litúrgicos “manifestam a solicitude amorosa da comunidade cristã para com seus membros à medida que prosseguem em sua contínua jornada ao longo da vida ou quando passam por experiências novas e irrevogáveis”.⁵¹

Cresce o interesse em descobrir na perspectiva antropológica, ou seja, a experiência de vida do humano em relação ao cristianismo. Qual a influência de Cristo e a necessidade humana em encontrar Nele orientação e ajuda? Qual a experiência do humano com Deus? E

⁴⁸ TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 31.

⁴⁹ HAACKE, 2001, p. 40.

⁵⁰ BECKHÄUSER, Alberto. *Símbolos litúrgicos em forma popular*. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 7.

⁵¹ WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 204.

como essa relação pode tornar-se próxima e capaz de fazer diferença na vida dos e das crentes? Os ritos litúrgicos oferecidos pelas igrejas são ricos em elementos simbólicos e rituais e podem ser um bom meio de aproximar o ser humano de Deus.

Existe uma pesquisa coordenada pelo professor Nelson Kirst sob o título *Culto e cultura em Vale da Pitanga*⁵² que constatou “que as pessoas compreendem Deus como aquele que orienta, ajuda, cuida e protege, tanto nos momentos limítrofes da vida quanto nas tensões do cotidiano”.⁵³

Nas igrejas, a maioria das passagens da vida é ritualizada como forma de oferecer suporte na vivência dos momentos altos e baixos da vida, experimentando o amor e a misericórdia de Deus.⁵⁴

É nas tensões do cotidiano que as pessoas relacionam o cuidado, a proteção e a ajuda de Deus. Os ritos litúrgicos aproximam os seres humanos de Deus e facilitam a sua comunicação.⁵⁵

A igreja cristã possui um tesouro em termos de ritos e símbolos litúrgicos, dos quais muitos se perderam ou foram esquecidos no decorrer da sua história, mas conservam significados que valem ser resgatados. Muitos desses ritos fornecem elementos que servem de base para a ritualização das passagens da vida. Exemplos desses antigos ritos são: a unção, a imposição de mãos, bênção, a oração e a absolvição.

No entanto, também é necessário denunciar que

Que durante séculos, a tradição cristã, por estar vinculada a modelos ritualistas prefixados, negligenciou, de certa forma, aprofundamento da teologia litúrgica e da prática ritual. Tanto é verdade, que se pode notar ainda hoje a existência de grande desleixo pela formação litúrgica, como se estivesse destacada do corpo da teologia, provocando inevitavelmente uma séria ruptura entre a reflexão teológica e a celebração ritual da fé cristã, centralizada no mistério pascal de Jesus Cristo. Os ministros das comunidades eram aprendizes da execução dos ritos, sem conhecer seus fundamentos antropológicos, simbólicos, bíblicos e, sobretudo, teológicos. Como consequência as celebrações poderiam tornar-se mecânicas e pouco participativas, gerando práticas litúrgicas pouco conscientes, passivas e desvinculadas da existência pessoal e comunitária.⁵⁶

⁵² KIRST, Nelson (Org.). *Culto e cultura em Vale da Pitanga*. São Leopoldo: IEPG/EST, 1995.

⁵³ KIRST, 1995, p. 39.

⁵⁴ MANSK, Erli. *A ritualização das passagens da vida: desafios para a prática litúrgica da Igreja*. 2009. 347 f. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2009. p. 11.

⁵⁵ MANSK, 2009, p. 10.

⁵⁶ COUTO, Márcio. Prefácio. In: BOGAZ, Antônio Sagrado. *Celebrar sem fé: é possível?* São Paulo: PAULUS. 2003, p. 5.

1.5.1 Ritos Cristãos: a necessidade humana de sentir Deus

Os ritos cristãos compreendem recursos importantes para o cuidado junto ao Povo de Deus e devem ter a função de agregar e complementar o cuidado pastoral.⁵⁷ Os ritos religiosos, “através do seu simbolismo e em parceria com a conversação pastoral [...], vem servindo como elemento de mediação da graça de Deus através da cura”.⁵⁸

Hoch compreende os ritos cristãos como “gestos litúrgico-pastorais, nos quais prevalece a linguagem dos símbolos,”⁵⁹ ou seja, os símbolos presentes nos ritos religiosos “falam” e, conseqüentemente tem importante função de comunicação. Por motivos de delimitação da pesquisa, não se entrará na função específica e funcional da simbologia, mas cabe ressaltar sua importância dentro do rito litúrgico-religioso.

A busca por meios para alcançar Deus é intensa. Koenig ressalta que a espiritualidade encontrada pelas pessoas nas práticas religiosas as ajuda a se adaptarem mais rapidamente a situações difíceis como a perda de saúde e da independência.⁶⁰

Nos próximos pontos queremos destacar alguns ritos litúrgicos utilizados nas celebrações e onde há a utilização de símbolos que auxiliam a tornar a mensagem falada mais próxima, porque mexe com o corpo e com a alma. Como diz Hoch: “A alma humana é mais receptiva para a palavra de Deus que lhe vem ao encontro em forma de símbolos e ritos do que em forma de uma proclamação oral, muitas vezes árida e intelectualizada.”⁶¹

1.5.2 Imposição de mãos

A imposição de mãos “é um gesto de bênção significando a presença de Deus”.⁶² Na sua aplicabilidade é destacada a importância do tocar durante a imposição de mãos. Tocar representa um ato de amor que pode auxiliar na cura.⁶³ O simples ato de tocar é uma manifestação de solidariedade nos momentos de sofrimento.

⁵⁷ HOEPFNER, Daniel. *Cuidado Pastoral num centro de tratamento intensivo adulto: referenciais bíblico-teológicos e competências pastorais*. 2012. 169p. Tese (Doutorado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012. p. 141.

⁵⁸ HAACKE, 2001, p. 116.

⁵⁹ HOCH, Lothar C. Função Terapêutica dos Ritos Crepusculares: Aconselhamento pastoral junto aos que andam no vale da sombra da morte. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 38, n. 1, p. 63-73, 1998. p. 64.

⁶⁰ KOENIG, Harold. G. *Medicina, religião e saúde*. O encontro da ciência e da espiritualidade. Tradução de Iuri Abreu. Porto Alegre: LePM, 2012. p. 67.

⁶¹ HOCH, Lothar Carlos. A cura como tarefa do Aconselhamento Pastoral. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Orgs.). *Prática Cristã, novos rumos*. São Leopoldo: Sinodal: IEPG, 1999. p. 20.

⁶² ZILLES, Urbano. *Qual o significado da Imposição de mãos?* TELECOMUNICAÇÃO. Porto Alegre, v. 28, n. 122, 1998. p. 664ss.

⁶³ DAVIS, Philys K. *O poder do toque*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991. p. 19.

Em sentido humano, as mãos são o instrumento mais expressivo da linguagem corporal que Deus nos deu. Elas são como um prolongamento do mais íntimo do ser humano. O toque e a imposição de mãos são gestos de carinho, através do qual se expressam proximidade e participação solidária no sofrimento e na dor do outro.⁶⁴

No sentido teológico entende-se a imposição de mãos como uma ação de Deus. É Deus agindo.

Em sentido teológico, a imposição de mãos é simultaneamente ato de súplica e ato de transmissão de poder. Através do gesto de súplica e oração pelo enfermo, o pastor e a pastora querem expressar que o poder em questão não procede deles, mas do próprio Deus. Através do ato de imposição de mãos propriamente dito, o pastor e a pastora se tornam um instrumento de mediação da graça, do consolo e do poder de Deus, que prometeu nos assistir na nossa fraqueza. Através de nossas mãos, Deus mesmo se faz presente de forma visível e palpável junto à pessoa enferma. É sua poderosa mão, o seu braço estendido que opera essas coisas.⁶⁵

Portanto, impor as mãos sobre alguém demonstra direcionar-se para aquela pessoa e abençoá-la. O toque serve como um transmissor da bênção de Deus e, potencializa a sua ação e eficácia sobre a pessoa abençoada. Tanto no Antigo e Novo Testamento a imposição de mãos expressa a transmissão de bênção (Gn 48:14; Nm 27:18). Jesus impõe as mãos sobre as crianças (Mc 10:14) e também aparece nas curas que realizava (Çc 13:13; Mc 6:2).

Atualmente a imposição de mãos é muito usada como rito que transmite a bênção de Deus para a proteção, reconciliação, perdão consagração. Aparece no Batismo, na Confirmação, na Unção, nas Ordenações a serviço da Igreja, na Bênção Matrimonial e em outras celebrações.

1.5.3 Santa Ceia

A Santa Ceia ou Eucaristia é parte fundamental na vida e celebração de uma comunidade cristã. Ali, o crente experimenta e celebra por meio do comer e beber a comunhão e a proximidade de Cristo. A compreensão e prática da Santa Ceia em comunidades evangélicas orientam-se pelos relatos sobre a última ceia de Jesus (Mateus 26. 17-30; Marcos 14. 12-25; Lucas 22. 7-23 e I Co 11. 23-35).

Comer e beber juntos na Ceia é ter comunhão, alegria, amor entre seres humanos e Deus, que nos convidou a participar da partilha. Na maioria das igrejas protestantes a Santa Ceia com doentes tem sido mal entendida, vista como uma espécie de extrema-unção, ou seja,

⁶⁴ HOCH, 1998, p. 67.

⁶⁵ HOCH, 1998, p. 67.

Quando o pastor ou a pastora visita uma pessoa enferma e se propõe a celebrar com ela a Eucaristia, há quem tire a conclusão de que aquela pessoa está à beira da morte.⁶⁶

Oferecer a Santa Ceia a alguém enfermo e que não pode frequentar uma celebração em comunidade pode ter um significado acolhedor, visto que se pode consagrar o pão e o vinho na celebração em comunidade e levá-lo até a pessoa enferma. Isso representa uma continuidade do vínculo comunitário, mesmo para aquelas pessoas impossibilitadas de frequentá-lo. Estas se sentirão lembradas e acolhidas nos “braços” da comunidade.⁶⁷

Mesmo podendo haver má interpretação referente ao modo como a Santa Ceia é levada e oferecida a pessoas enfermas, cabe o desafio de ver nesse rito cristão a sua função de aproximação entre Criador e criatura e, talvez, a contribuição mais importante da comunidade para a cura de seu membro enfermo. O ser humano tem o desejo de comunhão de vida com Deus, tem fome e sede de Deus.

Cristo mesmo nos diz: “Eu sou o pão da vida, quem vem a mim nunca terá fome, quem crê em mim nunca terá sede” (Jo 6:35). Ao lado do pão que sacia nossa fome, Jesus mesmo se compara a esse pão e nos diz que ele é o pão da vida. Assim, Jesus quer saciar a fome e a sede que brotam do interior de cada pessoa. Ao enviar seu filho ao mundo, Deus reconhece a nossa fome e sede e quer nos alimentar.

Dessa forma, não permite que ninguém morra sem ter comido do pão da vida. Ambos os pães precisam ser repartidos. Jesus deu um sinal claro de sua preocupação com ambos. Ofereceu o pão real que pode ser degustado e ofereceu a si mesmo como o pão da vida (que pode ser degustado na Santa Ceia). Ao oferecer o primeiro, reconhece nossa humanidade e necessidade do alimento para sobreviver. Ao oferecer o segundo, lembra que somos pessoas vocacionadas para serem mais solidárias, mais humanas, mais atentas às necessidades das pessoas ao nosso redor, necessidades essas que vão desde o pão até o abraço que reconforta e reanima. Quando sentimos que estamos perdendo essas qualidades, é hora de novamente nos alimentarmos do pão de Cristo, o pão da vida.

Cabe aqui mais uma constatação. Como nutrir-se desse pão? Cada um pode nutrir-se individualmente, com sua espiritualidade. Mas a comunidade é o lugar central da busca pelo pão e da sua partilha. Aqui Deus nos serve com sua palavra, alimento para a nossa fé.

⁶⁶ HOCH, 1998, p. 69.

⁶⁷ HOCH, 1998, p. 70.

1.5.4 A oração

Entretanto, Deus me tem ouvido e me tem atendido a voz da oração.
Bendito seja Deus, que não me rejeita a oração,
nem aparta de mim a sua graça.
(Salmos 66. 19-20)

Geralmente todo rito cristão vem acompanhado por orações. Orar é dialogar com Deus, é um momento de se esvaziar de si mesmo e se encher de Deus.

Jesus nunca interrompia o diálogo com seu Pai. Naqueles dias Jesus foi para a montanha e fim de rezar. E passou toda a noite em oração a Deus. Ao amanhecer, chamou os seus discípulos e escolheu doze entre eles “Lucas 6. 12-13”. Interessante notar que quando precisa tomar decisões ou reajustar sua missão, Jesus interrompe seu dia-a-dia para retomar contato com o Pai. Jesus realiza de dia o que, de noite, viu e compreendeu na oração⁶⁸. É importante reconhecer na oração nossa submissão a Deus. Nunca saberemos rezar se, no início da oração, não confessarmos a nossa impotência para rezar.⁶⁹

Durante a visita, sem dúvida, a oração é muito importante, mas também delicada. É necessário muita atenção ao enfermo. É necessário que a vontade de orar parta dele ou de algum familiar. A oração nunca pode ser imposta como uma forma de missão. A vontade e a necessidade de orar precisa partir de dentro, precisa vir do coração e da alma. Rezar é abrir-se a Deus, tomar consciência de preocupações, dúvidas, desejos e esperanças em relação a si mesmo e aos outros, colocando-os diante de Deus.⁷⁰

A oração requer profunda meditação, onde me distancio de mim mesmo e aceito a dependência de outro muito maior, chamado de Deus.

Para o doente, esse sentimento de dependência pode tornar-se um grande sofrimento, porque ele facilmente se sente abandonado por Deus e acha que a oração se perde no nada. Ela vira um grito a Deus Pai em busca de cura, orientação e sentido. A fé cristã diz que esse grito é de Deus mesmo, pois o seu Filho está compartilhando o sofrimento da humanidade. Na frente do nada, o doente não cai fora da relação com Deus. Em Cristo ele permanece um refúgio e uma fonte de coragem para viver.⁷¹

Por isso, “a oração é entendida em seu sentido mais pleno como um relacionamento com o divino, ou sua contemplação”.⁷² Através destes ritos e de outros não citados, o enfermo

⁶⁸ LAFRANCE, Jean. *A graça da oração*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 16.

⁶⁹ LAFRANCE, 1998, p. 17.

⁷⁰ HARPPRECHT, Christoph Schneider. *Como acompanhar doentes*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 76.

⁷¹ HARPPRECHT, 1994, p. 76.

⁷² SCHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 47-48.

tem sua vida, sua rotina envolvida pela espiritualidade, o que muitas vezes lhe causa sensação de bem estar, de aconchego, de paz.

1.6 Rito e cura

Na atualidade a medicina fala mais de cura do que a religião. Em nossos dias, cura não é vista como função da religião. No entanto, é pertinente falar sobre isso. Cabe somente a medicina a tarefa de “possuir” a cura? No âmbito das igrejas neopentecostais percebe-se uma grande busca, necessidade do ser humano em receber a cura; não por longos tratamentos médicos e exaustivas seções de internação, mas sim, simplesmente pela ação divina sobre a pessoa. As pessoas buscam na religião a força necessária para enfrentar a doença, ou simplesmente, aceitá-la. Anseiam pela cura.

Por um longo período a medicina ficou condicionada a uma visão mecanicista, não conseguindo ver o âmago humano, não conseguindo interagir a realidade corporal com a realidade interna do doente, considerando a importância do doente buscar na sua crença um poder de cura, não sendo ela somente emocional e espiritualmente confortante, mas fundamental para a sua saúde.

O cotidiano da enfermidade é cheio de ritos. Tanto aos que o enfermo é submetido na rotina hospitalar, quanto aqueles pelo qual ele transita até encontrar um ponto de aceitação, de cura ou até da morte.

Esse pode ser considerado um processo de cura no qual o rito religioso pode estar presente. A partir da doença a pessoa terá uma nova escala de valores, verá o mundo de forma diferente. Por isso, o cristianismo não pode deixar de falar da cura. Primeiro, porque Jesus viu, redimiu e curou pessoas doentes. Segundo, porque precisamos de uma nova visão sobre valores que a cultura humana cria frente aos desafios que vão surgindo. No processo de cura, uma possibilidade que não deveria ser desprezada é o resgate de elementos dos ritos religiosos. Estes podem ter participação decisiva no processo de cura, pois carrega um trunfo, capaz de fazer a diferença. O transcendente, o sagrado, Deus.

No contexto luterano, muitas vezes predomina a razão e menos a emoção e a fé. Por isso, a cura espiritual ou cura das almas é visto como algo pentecostal e inacessível. Mas até o reformador Lutero teria participado de uma cura por meio de oração a um homem tentado pelo diabo. Segundo ele é preciso agir por meio da oração de fé no poder de Cristo.⁷³

⁷³ RIETH, Ricardo Willy. Cruz e cura na teologia e na poimênica de Lutero. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 43, n. 2, p. 7-20, 2003. p. 16.

Entretanto, ainda que acessível, a cura não está disponível mediante fórmulas ou ritos mágicos ou será que está? Ainda que Jesus cure e use a comunidade de fé para isso, a cura pode não acontecer. Não nos cabe prometer curas. Nosso desafio é acolher, dar autonomia, responsabilidades, desafiar e estimular as pessoas a encontrar nelas mesmas a força necessária para se sentirem melhor e capazes de enfrentar os obstáculos que aparecem no dia a dia. Podemos ser instrumentos de cura de uma sociedade marcada pelo individualismo de todos os seres humanos, no momento em que percebemos que há muito mais ao nosso redor e dentro dos ritos dos quais participamos do que àquilo que conseguimos ver e compreender.

1.7 Considerações finais

A partir do que vimos até aqui, percebemos que as diversas abordagens teóricas demonstram a vitalidade do estudo sobre os rituais, tomados como ferramenta conceitual privilegiada para nos ajudar a entender um pouco mais determinada sociedade, seus valores pensados e vividos.

Com a erudição do processo de secularização imaginou-se que as instituições religiosas pudessem desaparecer ou enfraquecer. No entanto, percebe-se que a religião e o sagrado não desapareceram, e que práticas rituais continuam caracterizando a contemporaneidade. Enfraqueceu a ideia de comunidade, principalmente as históricas e fortaleceram-se os ritos praticados individualmente, mesmo que alheios a práticas comunitárias como, por exemplo, fazer orações, acender velas e cumprir promessas.

Os ritos querem preservar um espaço livre em meio às exigências da vida, no qual se possa apreciar um tempo para si, um tempo sagrado. Nas palavras de Anselm Grün escritas na conclusão de seu livro *50 rituais para a vida*

Ritos estruturam a vida e lhe dão profundidade e cor. Eles nos possibilitam vivermos nós mesmos, ao invés de apenas assistirmos a vida passar. Eles aprofundam o nosso relacionamento com os outros. Mas acima de tudo, eles têm o poder de nos mostrar que vivemos perante Deus e com Deus, que a bênção de Deus nos acompanha e que a sua proximidade salutar e amorosa nos envolve sempre e em todos os lugares. Ritos podem se tornar bênção para a nossa vida e convivência.⁷⁴

Os ritos e rituais cristãos e litúrgicos auxiliam o ser humano a lidar com sentimentos e crises gerados por situações adversas nas fases e passagens da vida. Os ritos possibilitam que sentimentos e crises ganhem, através do rito, expressão, afirmação, orientação e integração. Os ritos litúrgicos são mais que mera tradição e prática da igreja. Eles envolvem a

⁷⁴ GRÜN, Anselm. *50 rituais para a vida*. Petrópolis: Vozes. 2012. p. 171.

vida das pessoas de tal forma, que neles e através deles o transcendente, Deus, e o imanente, o ser humano, se encontrem.⁷⁵

Em suma, os ritos são importantes para que a vida tenha certa ordem e faça algum sentido. Sejam ritos profanos, sagrados, de passagem, ocasionais, litúrgicos enfim, em nada nos servem se não espremermos de cada um deles àquilo que nos faça acreditar que a vida, apesar de todas as suas adversidades, mereça sim, ser vivida como um presente gracioso dado por Deus.

No próximo capítulo queremos nos ocupar com o tema central da dissertação: a unção com óleo, definindo e abordando aspectos bíblicos, históricos, teológicos, confessionais, pastorais. Aspectos litúrgicos serão abordados no último capítulo. A unção é considerada sacramento por algumas igrejas; bênção com óleo por outras, por isso, faz-se uma introdução a aspectos da história dos sacramentos da Igreja e a relação entre sacramento, espiritualidade e cura. Importante destacar seu caráter espiritual e curativo, sendo importante no acompanhamento dos sofrimentos do povo.

⁷⁵ ADAM; STRECK, 2011, p. 331.

2 A UNÇÃO COM ÓLEO

2.1 Considerações iniciais

Os ritos religiosos são parte essencial daquilo que as comunidades de fé oferecem a seus fiéis. Estes contêm um potencial de cuidado que quer auxiliar as pessoas a enfrentar os problemas que possam surgir em suas vidas. Por isso, muitas vezes, ritos antigos são ressignificados e utilizados de formas diferentes. Um destes ritos é a unção com óleo, tão importante e muito utilizada na história da Igreja e que por causa de sua fundamentação bíblica, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, chegou à condição de Sacramento na Igreja Romana.

Na atualidade, o uso da unção com óleo é prática comum em alguns grupos religiosos que oferecem este rito para pessoas doentes ou em celebrações como, culto da saúde, culto dos enlutados. O movimento pentecostal e neopentecostal teve grande adesão de seus membros ao reincidir este rito em suas celebrações, dando ênfase ao seu caráter curativo e abençoador. O unguir com óleo representa o sinal visível do poder de Deus na crença de que, ao praticá-lo, o Senhor curará doenças e males, e abençoará, pois tal ação confirma a fé em Deus.

Para entender a unção, é importante conhecer a sua origem, geralmente vinculada a situação de enfermidade: doença-cura. Vejamos sua trajetória desde a utilização do óleo para fins curativos, posteriormente unido a Palavra de Deus, tornando-se um rito cristão e como, através da Reforma Protestante no século XVI chegou a condição de desconhecido e pouco utilizado pela maioria das igrejas protestantes.

Além de destacar os aspectos referentes à unção, este capítulo tem a intenção de abordar a intervenção religiosa em contextos de doença e sofrimento e sua função no acompanhamento das comunidades cristãs, também formadas por pessoas doentes, carentes de amor, atenção e cuidado. “Na celebração do sacramento dos enfermos, o sofredor possui uma posição fundamental dentro de sua comunidade. [...] a razão para o sofrimento das pessoas também deveria determinar o modo pelo qual o sacramento é celebrado”.⁷⁶ Mesmo sabendo que a humanidade nunca será capaz de eliminar toda doença, os cristãos e cristãs deveriam acreditar que toda conquista na área da saúde é uma antecipação do Reino de Deus em nosso meio.

⁷⁶ BOER, de Sjaak. *Por uma liturgia libertadora*. A unção coletiva de doentes. Tradução: Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 70.

2.2 A ação de Deus em amor ao próximo

A partir do exemplo de Jesus, aquele que veio para acolher e curar, Evans defende que “a função da Igreja como instituição de saúde está no coração de sua missão integral e deve permear cada parte dessa missão. A natureza comunitária da Igreja confere a ela força terapêutica.”⁷⁷ Será que a Igreja tem conseguido através de seus ritos e celebrações tornar o amor de Deus visível e acessível? A Igreja, bem como o amor precisa de eficácia. Ela precisa de gestos que chamem atenção para sua finalidade e responsabilidade frente a história humana.

É essencial ter em mente que os sacramentos são destinados para apontar para a função da Igreja e lembrá-la de seu papel, em vez da Igreja apontar para eles. Fora dessa função, os Sacramentos são destituídos de significado. Senão, tornam-se ferramentas de egoísmo em vez de graça e serão uma ocasião através da qual a graça vem para as pessoas sem as conotações que a fazem uma graça cristã, isto é, a graça destinada a moldar uma comunidade em Cristo e prepará-la para sua missão.⁷⁸

2.2.1 Sacramentos: amor divino tornado visível

Além da palavra falada, outro meio de comunicação importante no culto cristão e que tornam visível o amor de Deus são os sacramentos. A utilização destes atos-sinais é cheia de significados e são importantes veículos para a compreensão de como Deus age, iniciando-nos na comunidade de fé.⁷⁹ Há muitos lugares onde ações falam mais do que palavras, e ao lado de pessoas enfermas é muitas vezes um deles. Fica-se desesperado procurando as palavras certas, sendo um gesto expressivo bem mais adequado.

A ação de Deus fala às pessoas pelo óleo, pela atenção, pelo toque. A pessoa se sente tocada e próxima de Deus. A ação do Espírito Santo dá ânimo para enfrentar as adversidades da vida. Precisamos de Deus e Deus precisa de nós. Unção com óleo é a marca visível da recepção do Espírito Santo. É selagem que marca nosso pertencimento a Deus.

Conforme White “os sacramentos são um tipo de sinal que implica atos, palavras e geralmente objetos, [...] nos sacramentos as palavras passam a fazer parte de uma ação que usa um objeto como pão, vinho, óleo ou água”.⁸⁰ No culto cristão a palavra falada e o sinal

⁷⁷ EVANS, Abigail Rian. *O Ministério Terapêutico da Igreja. Programas práticos para ministérios de Saúde*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 21.

⁷⁸ BOER, 1998, p. 69.

⁷⁹ WHITE, 2005. p. 131.

⁸⁰ WHITE, 2005, p. 131.

executado se reforçam, pode-se ouvir e ver e muito se perderia se fosse necessário optar entre um ou outro.⁸¹

Desde o seu surgimento a igreja julgou importantes os atos-sinais para que o encontro entre Deus e as pessoas fosse possível. “Os Sacramentos nos chamam a provar e ver, tocar, ouvir que Deus é bom”.⁸² Aos poucos se percebe o valor que as ações enquanto sinais têm e a importância de deixá-las falar. Estas ações não mudam com rapidez como palavras faladas, razão pela qual aparecem nas crises da vida: nascimento, doença, morte.⁸³

A vida sacramental se desenvolveu do judaísmo porque estes questionavam a transcendência de Deus e seu concreto envolvimento na história humana. Mesmo que Deus permanecesse transcendente, do judaísmo veio à mentalidade “que concebia o uso de certas ações e objetos físicos como uma maneira de os seres humanos e Deus se comunicarem”.⁸⁴

A água, o óleo e demais elementos e símbolos podem ser usados para transmitir o amor de Deus a nós. O caminho para chegar a Deus passa por realidades materiais e o ser humano descobriu que pode alcançar Deus através de práticas de sacrifício de alimentos e bebidas para estabelecer ou manter ligação com Deus.⁸⁵ Estas práticas sacramentais judaicas foram absorvidas pelo cristianismo que foi capaz de “usar o material como canal para o espiritual”.⁸⁶

Os relatos bíblicos mostram Jesus e seus discípulos usavam estes padrões sacramentais. A igreja continuou a repetir as ações de Jesus.

Não há razão para acreditar que a prática da igreja não seguisse fielmente o que se entendia serem as intenções do próprio Jesus. As práticas apostólicas dos seguidores de Jesus que batizavam (At 2.41), impunham as mãos (At 6.6), oravam (At 2.42), curavam (Tg 5.14) e repartiam o pão em conjunto (At 2.46) são atos de obediência.⁸⁷

Posteriormente, estas ações seriam chamadas de sacramentos. Surgem referências ao Batismo, a Ceia do Senhor e ações como imposição de mãos, curas e unções. A Igreja Apostólica era rica na prática sacramental.⁸⁸ Importava que nesses sinais Deus fosse dado aos seres humanos. Quem muito contribuiu nesta linha foi Agostinho que esclareceu “que a fonte dos sacramentos é a atuação divina, não a humana”.⁸⁹ Os sacramentos não dependem da

⁸¹ WHITE, 2005, p. 131.

⁸² WHITE, 2005, p. 132.

⁸³ WHITE, 2005, p. 132.

⁸⁴ WHITE, 2005, p. 133.

⁸⁵ WHITE, 2005, p. 134.

⁸⁶ WHITE, 2005, p. 134.

⁸⁷ WHITE, 2005, p. 135.

⁸⁸ WHITE, 2005, p. 135.

⁸⁹ WHITE, 2005, p. 138.

pessoa que os administra, mas da atuação divina. Havia imprecisão quanto ao número exato de sacramentos e sobre quem poderia receber ou executar tais sacramentos, talvez com o propósito de impedir que se tornasse algo rotineiro, do dia a dia, podendo ser recebido e ministrado por qualquer um e em qualquer lugar, perdendo assim, talvez, seu caráter sacramental, sagrado.

Mesmo quem viesse questionar o sistema sacramental formado pela Igreja Romana não podia “deixar de admirar sua abrangência e minuciosidade no atendimento às necessidades humanas”.⁹⁰ A restrição em sete sacramentos (Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordenação e Matrimônio) e a crença de que todos os sete foram instituídos por Cristo foram questionados na Reforma Protestante do século XVI.

2.2.2 A Reforma Protestante

Na pessoa de Martinho Lutero a Reforma do século XVI questionou a compreensão e administração dos sacramentos no fim da Idade Média em seu escrito do *Cativeiro Babilônico da Igreja* (1520). Lutero tomando por premissa a constatação de Pedro Lombardo (filósofo escolástico do século XII) de que um sacramento somente poderia ser instituído por Cristo, não vendo esta instituição divina nos sete Sacramentos. Conforme Wachholz, dos sete sacramentos definidos pelo Concílio de Lyon, Lutero refutou quatro. “Para ele, a rigor, existe somente um único e verdadeiro sacramento de Deus: Cristo. Esse sacramento opera através de três sinais sacramentais: Batismo, Eucaristia, Penitência”.⁹¹ Por volta de 1520, Lutero já questionava se a Penitência, por não ter um sinal atribuído, podia ser considerada sacramento. Mais tarde sustentou a existência de apenas dois sacramentos: Batismo e Eucaristia.⁹²

Provavelmente, a desintegração do sistema sacramental não foi o que Lutero desejou. Conforme White, talvez Lutero e seus seguidores soubessem menos sobre a Igreja antiga do que julgavam saber.

Em seu zelo de reformar o sistema eles por vezes deixaram de perceber seu lado humano, sua capacidade de atender às mais profundas necessidades humanas desde o nascimento até o leito da morte. É verdade que nesse sistema havia falhas, porém ele oferecia assistência pastoral abrangente a necessidades humanas profundamente sentidas que são permanentes.⁹³

⁹⁰ WHITE, 2005, p. 142.

⁹¹ WACHHOLZ, Wilhelm. *História e Teologia da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 144.

⁹² WACHHOLZ, 2010, p. 144.

⁹³ WHITE, 2005, p. 143.

Essa redução no número de Sacramentos trouxe dúvidas ao povo. Como o pecador poderia ter assegurada a sua absolvição se este sacramento estava abolido? A Eucaristia ou Santa Ceia absorveu essa necessidade como sacramento tanto de penitência quanto de ação de graças.⁹⁴ A confirmação se transformou numa cerimônia de formatura para aqueles que deram conta do catecismo. “As tendências dessacralizantes reduziram o papel de Deus nos sacramentos e aumentaram o da humanidade”.⁹⁵ No entanto, a Sagrada Escritura, base da Reforma Protestante continuava firme e sustentou a proposta de dois sacramentos, defendida por Lutero e seus seguidores.

Certamente, muito se ganhou e muito se perdeu com a Reforma. “Os protestantes tiveram que pagar pela perda da cura como sacramento, em parte pelo afloramento de esforços bizarros e espetaculares de atender a uma necessidade humana básica: o desejo da ajuda de Deus para restaurar a saúde.”⁹⁶ O objetivo dos Sacramentos era dar às pessoas acesso a Deus. A Igreja Protestante através de seus ritos sacramentais conseguiu suprir a necessidade que o povo tinha de sentir a presença de Deus? Sim, caso contrário não teria se expandido, mesmo assim, perdeu importantes veículos de condução e intermediação da fé de um povo carente do cuidado, amor e proteção divina. Por exemplo, a unção com óleo.

2.3 Unção com óleo: definição geral

O uso do óleo na antiguidade era comum. Servia como alimento e base na preparação de cosméticos para a pele e fins terapêuticos, além de ser utilizado como fonte de luz. Basicamente o óleo provinha da prensagem de olivas, fruta reconhecida pelas qualidades nutritivas.⁹⁷

O óleo e sua utilização para fins de cura eram disseminados no mundo antigo. A ideia de cura do corpo e alma é muito forte quando se fala em unção com óleo.⁹⁸ O mesmo podia ser bebido ou ser aplicado externamente com a finalidade de curar. No entanto, faziam-se necessárias explicações para que não ocorresse idolatria ao óleo e compreensões de mágica ou feitiçaria por parte dos fiéis, mas sim, o reconhecimento da ação de Deus que vinha através do unguir. Pessoas que recebiam a unção achavam, muitas vezes, que somente o óleo continha

⁹⁴ WHITE, 2005, p. 143.

⁹⁵ WHITE, 2005, p. 145.

⁹⁶ WHITE, 2005, p. 144.

⁹⁷ GRETHLEIN, Christian. Bênçãos e unção de enfermos. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de Ciência Litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, v. 3, p. 155-192, 2014. p. 178.

⁹⁸ WHITE, 2005, p. 210.

o poder de cura, e não a ação divina presente neste momento, através de oração e imposição de mãos unida ao ato de ungir com o óleo.

Na história e na bíblia a unção sempre foi associada à enfermidade, não isoladamente, “mas no interior de um vasto mundo que abarca o mal em geral, as injustiças, as desgraças, os sofrimentos”.⁹⁹ Mais do que isso, a busca pela experiência da fé que a doença promove. Vai-se muito além do ponto de vista científico ou médico. Existe, pois, uma perspectiva religiosa, de fé, de relação do doente com Deus e que afeta o ser humano total, corpo e espírito.¹⁰⁰ Vejamos as compreensões e desdobramentos que levaram a unção com óleo ao patamar de rito religioso de cura, de bênção pela saúde, de cuidado a enlutados.

2.3.1 Aspectos bíblicos

A Bíblia relata que pessoas, tanto vivas quanto mortas eram unguidas (Rt 3.3; Sl 104.15; Lc 7.46; Mc 14.8;16.1). Os apóstolos curavam muitos enfermos, unguindo-os com óleo (Mc 6.13). O texto bíblico clássico de unção na igreja primitiva é encontrado na epístola de Tiago 5.13-16:

Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, unguindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados.¹⁰¹

A unção é uma prática antiga. Há indícios de seu uso nas culturas pré-hebreias, na Babilônia e Egito antes do período bíblico.¹⁰² No Antigo Testamento a palavra unção aparece duas vezes, vinte vezes a palavra ungir, bem como a palavra unguido. Nesta fase pessoas e objetos eram unguídos, o que demonstrava a sua santidade (Gn 28.18; Ex 30.22; 2 Sm 1.21; Is 21.5; Dt 23.9; Jz 9.8; 2 Sm 2.4; 1 Rs 1.34; Ex 28.41; 1 Rs 19.16).¹⁰³ A unção, também simboliza derramamento do Espírito de Deus (1 Sm 10.1,9;16.13; Is 61.1; Zc 4.1-14), consagrando-os em função ou utilização para fins santos.

⁹⁹ BORÓBIO, Dionísio. Unção dos enfermos. In: BORÓBIO, Dionísio. (Dir.). *A Celebração na Igreja II. Sacramentos*. São Paulo: Edições Loyola. 1993. p. 562.

¹⁰⁰ BORÓBIO, 1993, p. 563.

¹⁰¹ A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 190.

¹⁰² CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 524.

¹⁰³ DOUGLAS, J. D. Unção, Ungido, in: *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995. v.3, p. 1640.

A prática de ungir sacerdotes, reis e profetas consagrando-os para cargos e tarefas era comum. Conforme Hagin “uma pessoa era ungida para consagrar ou separar alguém ou alguma coisa para um propósito santo [...], para ocupar uma posição determinada ou para oferecer um serviço especial para Deus”.¹⁰⁴ Ungidos como sinal de autoridade concedida por Deus. Havia um caráter de consagrar, santificar àquele ser humano naquela função específica dando-o assim, com a unção, poder e autoridade. Ungir indicava obrigação, honra e proteção.

A unção também era usada para investir de poder especial objetos, árvores e armas. Sempre com o intuito de consagrar, tornar santos tais lugares e objetos para serem usados nos serviços sagrados. É indiscutível, que a unção com óleo era uma prática difundida no Antigo Testamento. Porém, segundo Haacke, pouco se pronuncia sobre o aspecto sacramental curativo desse rito.¹⁰⁵ Aspecto este, que tende a se manifestar mais concretamente no contexto do Novo Testamento.

Ao contrário do que muitos possam imaginar, no Novo Testamento (NT) encontramos poucas passagens que nos testemunhem a unção. Por exemplo, encontramos somente uma vez a palavra unção e ungido e quatorze vezes a palavra ungir.

Jesus fala a respeito da unção uma única vez. Esta menção se encontra em Mateus 6.17, no sermão do Monte. Jesus ordena as pessoas a ungirem-se e lavarem o rosto enquanto jejuam. Isto porque a expressão da alegria deveria estar presente durante o jejum. Jesus vai contra o costume judaico onde era costume que as pessoas não se lavassem, não se ungissem, colocassem cinzas na cabeça, e adotassem uma expressão de tristeza.¹⁰⁶

Jesus não se denomina o ungido, mas Deus o unge, isto encontramos em quatro ocasiões no NT. São elas: At 4.27; 10.38; Lc 4.18 e Hb 1.9. Conforme a passagem de At 10.38, Jesus foi ungido por Deus com o Espírito Santo. Isto teria acontecido após o batismo de Jesus. De modo muito especial a unção representa que pelo batismo nos tornamos participantes do Reino de Deus e que o Cristo salvador nos dê forças e penetre em nossa vida como o óleo aplicado sobre a pele.

Indícios apontam três unções que Jesus teria recebido: a primeira em Lc 7.36-50, onde uma “pecadora” unge os pés de Jesus na casa de um fariseu, a segunda é Jo 12.1-8, ocorrida seis dias antes da Páscoa em Betânia, a terceira Mc 14,3-9 Mt 26.6-13, que ocorreu dois dias antes Páscoa em Betânia.¹⁰⁷

¹⁰⁴ HAGIN, Kenneth E. *Uma nova unção*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 19--. p. 8.

¹⁰⁵ HAACKE, 2001, p. 137.

¹⁰⁶ RIENECKER, Fritz. *O Evangelho de Mateus*. Comentários esperança. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998. p. 108.

¹⁰⁷ BOYER, Orlando. *Lucas: o Evangelho do filho do homem*. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1964. p. 181.

Os Evangelhos nos mostram diversas narrativas em que além de perdoar pecados, Jesus ministrava a cura a todos os enfermos. Ele deu autoridade para que os discípulos continuassem este ministério, curar os enfermos em seu nome. Em Marcos 6.13 diz que “curavam muitos enfermos, ungiendo-os com óleo” quando Jesus ainda estava com eles. Não há relatos de que Jesus teria ungido enfermos com óleo. Mas percebe-se sua dedicação terapêutica a pessoas enfermas, característica de sua atuação terrena.¹⁰⁸

Na epístola de Tiago 5. 13-16 os presbíteros seriam as pessoas aptas para desempenharem o ministério de cura. A função destes é orar sobre a pessoa que está doente e ungi-la com óleo em nome do Senhor. A intenção com isto é a cura física, mas o ato vem acompanhado também do perdão dos pecados, fato considerado interessante por White. “Fica bastante claro que o objetivo da unção e oração é a cura tanto física quanto espiritual.”¹⁰⁹ A interpretação desta passagem é diversa, por isso é válido expor algumas características.

O enfermo está gravemente doente, tanto que precisa mandar chamar os presbíteros, mas ainda há esperança de cura. Ora-se sobre ele, sendo que o atendimento das súplicas depende exclusivamente de Deus. A cura acontece em nome, isto é, na força de Cristo e está ligada não só à doença física; ela também pode incluir o perdão dos pecados.¹¹⁰

2.3.2 Aspectos históricos

O estudo da experiência histórica da Igreja com a unção com óleo trará maior clareza do seu uso nos séculos, modificações pelas quais passou e importância na comunidade.

Desde o início do cristianismo até fins do século II não há relatos importantes sobre a unção. No entanto, Boróbio destaca que a comunidade cristã sempre teve consciência da missão que recebera de Cristo e da importância dada por Ele ao ministério com os doentes.¹¹¹ Levando isto em consideração, “pode-se supor que desde o princípio se tenha dado assistência aos doentes, como ficará evidente a partir do século III.”¹¹² Entre os séculos III e V há apenas registros de fórmulas de bênção de óleo. Na tradição apostólica de Hipólito, em 215, encontramos a seguinte oração: “Assim como santificando este óleo concedes, ó Deus, a saúde àqueles que com este óleo são ungidos e o recebem (este óleo) com que ungistes os reis,

¹⁰⁸ GRETHLEIN, 2014, p. 179.

¹⁰⁹ WHITE, 2005, p. 211.

¹¹⁰ GRETHLEIN, 2014, p. 180.

¹¹¹ BOROBIO, 1993, p. 545.

¹¹² BOROBIO, 1993, p. 546.

os sacerdotes, e os profetas, assim, com (ele) obtenha o alívio a quem tomar e a saúde a quem o usa.”¹¹³

A partir do século IV, a unção com óleo passa a ser usada na Igreja Romana e começam a surgir testemunhos que falam da vida cotidiana das comunidades. A carta do papa Inocêncio I em resposta a Decênio, bispo de Gúbio ficou famosa, pois é muito objetiva no que se refere a qual óleo e a quem pode recebê-lo. A resposta é a seguinte:

Não há dúvidas de que isso deve ser entendido em relação aos fiéis doentes que podem ser ungidos com óleo santo. Consagrado pelo bispo, seu uso é permitido não só para os sacerdotes, mas também a todos os cristãos, afim de que possam recorrer à unção (com o óleo em questão) nas suas necessidades pessoais, ou nas de seus entes queridos.¹¹⁴

A partir desta afirmação à clareza de que a unção não somente era usada em moribundos e doentes, com a finalidade de trazer conforto no sofrimento e cura física, mas também a todos os cristãos e cristãs nas suas necessidades pessoais. De certa forma, isto desvincula a unção somente com a doença e a cura, podendo ser vista também como bênção e proteção divina nas suas dificuldades. Não havia uniformidade em relação a utilização, condução e recebimento da unção, justamente porque até o século VII a Igreja viveu a partir de improvisações de acordo com sua realidade.

No final do século VII, porém, houve a intenção de uniformizar-se a liturgia e o conteúdo teológico da Igreja. A partir de então, a unção de enfermos que servia para a cura e libertação holística¹¹⁵ passa a ser espiritualizada. “O texto da epístola de Tiago, sobretudo a partir de Inocêncio I,¹¹⁶ é inserido nas orações litúrgicas para a bênção do óleo e se transformará na fonte inspiradora dos rituais que agora estão apenas começando a se formar.”¹¹⁷

Entre os séculos VIII e XII a discussão não é mais a bênção do óleo, mas a administração da unção. Há provas seguras de uma unção sagrada com óleo. Surgem os primeiros rituais com variedade de orações e gestos; liberdade ao número e ao lugar das unções.¹¹⁸ Cada vez mais destaque recebiam os efeitos espirituais da unção como na purificação do mal: ungidos não por estarem doentes, mas por serem veículos do mal.¹¹⁹

¹¹³ COLOMBO, G. Unção dos enfermos. In: SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille M. Dicionário de liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1205.

¹¹⁴ COLOMBO, 1992, p. 1206.

¹¹⁵ A palavra holístico foi criada a partir do termo *holos*, que em grego significa "todo" ou "inteiro".

¹¹⁶ Papa no início do século V.

¹¹⁷ COLOMBO, 1992, p. 1207.

¹¹⁸ COLOMBO, 1992, p. 1207.

¹¹⁹ COLOMBO, 1992, p. 1207.

No final do século XII a unção era cada vez mais considerada como preparação para a entrada da alma no céu.¹²⁰ Sua intenção, agora, é de purificar a alma e apagar os pecados, principalmente no fim da vida. Surge a expressão extrema unção. A unção foi ligada à penitência. Nesta época a penitência era muito severa, por medo, as pessoas protelavam a unção até o fim de suas vidas (luta contínua contra o pecado). No Concílio de Florença (1438-45) a Igreja Romana insere a unção como sacramento “apresentado como remédio para a salvação e situa-a entre os auxílios poderosos para a luta cristã”.¹²¹

O reformador Martinho Lutero protestou contra a unção de enfermos nesses moldes. O concílio de Trento (1545-63), rebatendo as ideias de Lutero e confirmou a unção de enfermos como “extrema unção”. A partir de então só recebiam a unção pessoas que estavam no fim de suas vidas. A mudança desta concepção viria apenas no Concílio Vaticano II (1962 – 65) que reiterou a decisão da extrema unção¹²² denominando-a como “unção aos enfermos” podendo ser usada em qualquer “pessoa que correr perigo de morte, por motivo de doença ou de idade avançada”¹²³ ou que estiver profundamente doente, como forma de trazer conforto e paz.

Percebe-se que a linha histórica que se desenhou sobre a unção com óleo sempre foi alvo de muitas discussões e modificações. Ao longo dos séculos nunca houve uma uniformidade em relação a quem deveria recebê-la e aplicá-la. Este também foi um dos motivos que levaram os reformadores a questionar o aspecto sacramental deste rito.

2.3.3 Aspectos Teológicos e Confessionais

Em relação ao significado teológico, a unção traz idéias distintas. I) a unção como prática diária no cuidado do corpo - no Sermão da Montanha em Mt 6.17, Jesus ordena àqueles que jejuam não deixem de se ungir, mas que deveriam fazê-lo como se não estivessem jejuando, e que o fizessem como expressão de alegria e não de tristeza; II) a unção como sinal de honra a um hóspede - ungir a cabeça de um hóspede, era costume judaico na época de Jesus, e em Lc 7.38 ss. temos o exemplo onde um fariseu deixou de honrar a Jesus e viu Ele receber esta honra de uma humilde mulher; III) a unção dos enfermos – prática adotada pelos discípulos e presbíteros da igreja primitiva, como consta em Mc 6.13 e Tg 5.14. As curas levadas a efeito pelos discípulos ou pelos presbíteros da igreja através da unção,

¹²⁰ WHITE, 2005, p. 211.

¹²¹ COLOMBO, 1992, p. 1208.

¹²² COLOMBO, 1992, p. 1209.

¹²³ WHITE, 2005, p. 213.

ocorreram no contexto da pregação e da oração. Qualquer entendimento semi-mágico da unção, é descartado no texto de Tg 5.14 ss., devido a importância atribuída a oração que a acompanha.¹²⁴

O papel dos presbíteros na unção com óleo, sugere que o apóstolo Tiago acreditava que esta prática tem uma importância religiosa especial. Estes eram os principais líderes da igreja no exercício de diferentes funções ministeriais. Os anciãos ou presbíteros, devido a sua consagração, eram agraciados por Deus com dons espirituais, geralmente pela imposição de mãos (1 Tm 4.14) e portanto, esperava-se que fossem capazes de curar os enfermos mediante suas orações, pois mais do que a eloquência verbal eles tinham o poder de Deus em suas vidas.¹²⁵

A responsabilidade de orar pelos membros não é somente dos presbíteros, mas de todos os cristãos, que devem orar uns pelos outros para receberem a cura. Mas o ato de ungir é realizado somente pelos presbíteros, quer sejam eles pastores, mestres, (1 Tm 5.1,17), não necessariamente capacitados com o dom de curas.¹²⁶

Contudo, é preciso ter cuidado para não induzir que a oração e a unção com óleo prepara o enfermo para curas milagrosas ou para a morte. A cura é efetuada em outra dimensão através de uma ação sobrenatural, fora do controle humano. Na verdade não sabemos muito bem o que controla as curas, embora saibamos que estão envolvidos fatores espirituais e morais, além da fé. Eis o “Mysterium”, o poder que brota de forma pessoal e individual de dentro dos ritos religiosos.

A unção sofreu diversas mudanças na história da igreja e, essas mudanças estão longe de acabar. Faz-se importante a pergunta pelo seu lugar dentro da vida cristã. A unção tem caráter ativo e não é passiva. “É um sinal de luta, e não de abandono”.¹²⁷ Por isso, aqueles que receberam o Batismo e a imposição de mãos deveriam ser imediatamente recebidos à mesa do Senhor, não importando a sua idade. A unção com óleo nos lembra do Batismo e que todos/as somos filhos/as de Deus. Lembra-nos da purificação do corpo e da alma. Recebemos de Deus o cuidado, o amor, o perdão dos pecados.

¹²⁴ BRUNOTTE, W. Aleipho (ungir). In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2. p. 2569.

¹²⁵ CHAMPLIN, R.N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. v. 6. São Paulo: Hagnos, 2002. p. 81.

¹²⁶ ARRINGTON, F. L.; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. v.2. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p. 884.

¹²⁷ BARTZ, Alessandro. História eclesial e práticas pastorais: devolvendo o lugar da unção dos enfermos. In: WACHHOLZ, Wilhelm. (Org.). *O Luteranismo no contexto religioso brasileiro*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 169.

2.3.4 Aspectos pastorais

É importante projetar estruturas para encorajar pessoas a visitar e levar a comunhão aos enfermos. Nos ministérios eclesiásticos é preciso formar lideranças que possam desempenhar esta função que está quase esquecida, principalmente em comunidades luteranas. Todas as tradições continuaram com alguma forma a visitação aos enfermos.

Jesus foi um peregrino, alguém que viajava e levava consigo a mensagem do Reino de Deus. Diversas vezes fora convidado a se hospedar na casa de pessoas amigas com as quais ceava. Por outras usou a visitação como forma de se aproximar das pessoas. Na visitação muitos sentimentos estão envolvidos, desde a simples alegria até o restabelecimento do ânimo e da esperança para enfrentar as dificuldades.

Muitas pessoas necessitam de visitas, principalmente, quando por vezes se encontram em situação “desfavorável”, acamadas, isoladas. O relacionamento interpessoal, a saúde emocional são aspectos que influenciam a saúde física, por isso, a importância de ver e cuidar o ser humano como ser integral.

Visitar implica em movimento, são ações de ir e ver. Através da visitação, as comunidades cristãs prestam um valioso serviço de prevenção e cura. Uma comunidade cristã que visita seus membros é solidária, olha pelas pessoas doentes, solitárias, idosas, enfraquecidas, afastadas. Através da visita presta auxílio, ouve as dores e alegrias e procura caminhos que favoreçam a libertação e cura. Na verdade

A unção é a concentração simbólica da solidariedade eclesial, e o ponto de partida de uma nova comunhão e inserção para o enfermo, de relação renovadora com os membros da comunidade cristã. A unção é uma chamada a aprofundar as relações com os outros, na importância da entrega e do amor, no reconhecimento da singularidade e da dor dos outros, na doação e acolhidas gratuitas.¹²⁸

Aprender a ver a pessoa como ela é; dar oportunidade para que ela possa falar e se expressar; ouvir os seus desabafos, anseios, dúvidas, questionamentos; se compadecer, sentir com ela, sem assumir seu sofrimento; saber guardar sigilo daquilo que a pessoa lhe confia; ajudar a pessoa a encontrar e conservar o sentido de vida; ajudá-la a vivenciar o perdão e a reconciliação. Para poder fazê-lo é necessário dispor de seu tempo, ouvidos, olhos, coração. Desta forma, a comunidade cristã torna-se importante veículo no processo de cura e restauração da saúde, esperança e ânimo pela vida, sendo sinal visível da graça de Deus, trazendo cura com seus feitos e palavras de amor e bondade. Nesse sentido White diz que

¹²⁸ BOROBIO, 1993, p. 593.

O ministério junto aos enfermos cabe à comunidade cristã inteira. Cada culto dominical deveria incluir os doentes e feridos nas orações comunitárias de intercessão, e todos os membros deveriam engajar-se nesse ministério em suas devoções pessoais.¹²⁹

Em suma, o rito da unção com óleo abrange o ser humano em todos os seus aspectos, favorecendo a saúde do corpo e o perdão dos pecados, ou seja, visa à saúde integral. Esse rito transmite solidariedade por parte da comunidade, apontando para o ministério salvífico de Jesus. Conforme Haacke

O rito da unção com óleo representa prática e teologicamente, uma ação que envolve a pessoa como um todo e propicia alívio, conforto, segurança, reverência, perdão dos pecados, coragem e, principalmente, solidariedade por parte da igreja institucional e da Igreja corpo de Cristo. Sua eficácia está no poder transformador da oração, que por meio da fé aciona os elementos simbólicos que evocam o sagrado, focalizando a cura integral das pessoas.¹³⁰

2.3.5 A unção com óleo hoje

Chama atenção o fato da unção com óleo tratar-se de um rito tão significativo e importante e, muitas vezes, não ser apresentado às comunidades atuais ou então, não ser levado a sério. Surge a impressão de que por desconhecerem seu real significado as pessoas tem receio de acolher a unção e acabam optando por receber somente a Santa Ceia quando se encontram enfermas, entristecidas, cansadas, enlutadas.

A unção com óleo dos enfermos era amplamente utilizada na igreja primitiva, contudo, sabiam que o óleo não tinha a capacidade de curar as enfermidades, mas o tinham como sinal e pela oração da fé poderiam receber a cura.¹³¹

Portanto, sabemos que era usado meramente como sinal visível e tangível do poder de Deus; e os primitivos cristãos criam que o Senhor curaria o enfermo, quando assim fizessem, porque, com tal ação, confirmavam sua fé em Deus. É possível que alguns primitivos cristãos criam que o azeite tem algum poder sacramental verdadeiro. Em outras palavras, que comunicasse a graça da cura. Mas é provável que a maioria deles visse no azeite um mero meio de confirmação da fé. Era algo que faziam a fim de mostrar sua fé.¹³²

Alguns crentes da atualidade continuam usando o óleo desse modo e com essa atitude, e não como se o mesmo tivesse propriedades mágicas. Esta prática é mais comum no meio pentecostal e neopentecostal e algumas igrejas carismáticas.¹³³ Como diz Douglas:

¹²⁹ WHITE, 2005, p. 215.

¹³⁰ HAACKE, Mauricio Roberto. Unção com óleo. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n.13, 2004. p. 15.

¹³¹ CHAMPLIN, 2002, p. 81.

¹³² CHAMPLIN, 2002, p. 81.

¹³³ CABRAL, E. Cura Divina, Provisão para os Tempos Atuais. *Manual do Obreiro: Doutrinas Bíblicas Pentecostais*. Rio de Janeiro, ano 31, n. 45, 2009. p. 49.

No período miraculoso de nossa herança cristã, os milagres não ocorreram apenas através de ritos representados, nem os ritos se realizavam com a esperança de milagres. É realista supor que uma relação igualmente frouxa se dá entre o rito e o efeito mágico da religião primitiva. Deveríamos reconhecer que a possibilidade de uma intervenção mágica está sempre presente na mente dos crentes, que é humano e natural esperar por benefícios materiais da representação de símbolos cósmicos. Mas é errado tratar o ritual primitivo como algo primordialmente relativo à produção de efeitos mágicos. O sacerdote, numa cultura primitiva, não é, necessariamente, um mágico milagreiro.¹³⁴

A concepção de doença enquanto atribuição ao demônio, certamente levou muitas pessoas na época de Jesus e ainda hoje a possibilidades e tentativas de cura por meios mágicos e exorcistas.¹³⁵

Infelizmente, também ocorrem exageros e discrepâncias em relação ao verdadeiro sentido da unção com óleo de pessoas enfermas. Em alguns casos, denominações religiosas tem se valido dessa prática para arrecadação de dinheiro, ou seja, tem “comercializado” a dádiva divina contrariando completamente o ensinamento apostólico acerca da unção dos enfermos. Segundo Mansk “em algumas igrejas, a unção de enfermos (ou unção com óleo) se verifica como um rito importante, que acompanha as pessoas em situação de doença”,¹³⁶ em outras, percebem neste rito uma oportunidade de atrair pessoas ansiosas e desesperadas que buscam apoio e ajuda para seus familiares enfermos.

2.3.6 Unção e Cura

White afirma que o objetivo da unção é a cura do corpo, sendo que o perdão dos pecados acompanha o ato. Desta forma, cristãos são aconselhados a confessar seus pecados e orar uns pelos outros, umas pelas outras.¹³⁷ A confissão de pecados faz parte da vida comunitária e há muitos relatos e testemunhos de cura pela confissão de pecados, absolvição e unção dos enfermos. O uso do óleo, com a finalidade de ungir doentes é compreendido como algo que aponta para o Espírito Santo, o doador da vida que acompanha o ser humano em sua vida terrena.

A unção tem como objetivo a restauração espiritual e corporal. A restauração espiritual seria a remissão dos pecados; a restauração corporal seria a cura de dores e doenças físicas. Em Tiago 5.16 diz que os cristãos devem se unir como corpo de Cristo e orar e confessar os pecados uns pelos outros. A unção tem este significado, pois através dela

¹³⁴ DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1966. p. 77.

¹³⁵ GRETHLEIN, 2014, p. 179.

¹³⁶ MANSK, 2008, p. 4.

¹³⁷ WHITE, 2005, p. 210.

podemos confessar nossos pecados curando nosso espírito e corpo. “O óleo está obviamente destinado tanto a ser bebido quanto a ser aplicado externamente com a finalidade de curar”.¹³⁸

Haacke que utiliza um estudo exegético de Gabriel Cornelli diz que “a ação de ungir é compreendida como cura do corpo, sinal de respeito para com o hóspede, para com os mortos e como prática de exorcismo dos doentes [...], a unção salva à medida que cura e a cura perdoa à medida que salva”.¹³⁹ E a comunidade primitiva tinha instruções para curar doentes (Tg 5.13s).

2.4 Doença: a busca pela saúde

O século XXI chegou trazendo consigo a globalização, e como consequência a produção em massa, a correria, o stress, a doença. Cada vez mais as pessoas têm dificuldade de se recolher para meditar e orar, nem ao menos, tempo para descansar a alma e o coração. No entanto, há pessoas que valorizam e encontram nas práticas religiosas ajuda a se adaptarem mais rapidamente a situações difíceis como a perda da saúde e da independência.¹⁴⁰

A espiritualidade encontrada nos ritos religiosos pode exercer a função de alimentar a esperança, sobretudo no contexto de doença. Ela ajuda as pessoas e geralmente produz emoções positivas que são importantes no enfrentamento da doença. A espiritualidade e o tratamento médico podem trabalhar muito bem em conjunto, mas quando um ou outro é excluído, os resultados do paciente provavelmente serão afetados.¹⁴¹

Por um longo período a medicina ficou condicionada a uma visão mecanicista, não conseguindo ver o âmago humano, não conseguindo interagir a realidade corporal com a realidade interna do enfermo, considerando a importância do enfermo buscar na sua crença um poder de cura, não sendo ela somente emocional e espiritualmente confortante, mas fundamental para a sua saúde.¹⁴² “O cuidado da saúde tendo a igreja como base forma uma linha histórica direta desde o ministério de cura de Jesus, não sendo apenas um fenômeno do século XX”.¹⁴³ O que não exclui as crises de fé e revoltas diante de Deus durante a doença.

Em suma, a unção com óleo é um rito concebido para o restabelecimento do enfermo. Segundo Baigorri “a luta pela saúde não esgota o sentido da unção. Ela é um

¹³⁸ WHITE, 2005, p. 211.

¹³⁹ HAACKE, 2004, p. 13.

¹⁴⁰ KOENIG, 2012, p. 67.

¹⁴¹ KOENIG, 2012, p. 83.

¹⁴² ROBERTO, Gilson L. Espiritualidade e saúde. In: TEIXEIRA B, Evilázio F.; MÜLLER, Marisa C.; DA SILVA, Juliana D. Tigre. *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 163.

¹⁴³ EVANS, 2002, p. 22.

sacramento de vida, mas, na doença, deve ajudar o enfermo a viver sua enfermidade no sentido de sua fé cristã”.¹⁴⁴

2.4.1 Crises diante da doença

A notícia do diagnóstico de uma doença culmina, inevitavelmente em mudanças na vida da pessoa enferma e de todas as pessoas com as quais tem algum contato próximo. Sua atenção, agora, está centrada na doença e como enfrentá-la e, se possível, curá-la.

Conforme Noé, a integralidade humana se refere às dimensões biológica, psicológica, social, ecológica e espiritual.¹⁴⁵ Portanto, quando se enxerga o ser humano acometido de doença não é apenas uma parte que é atingida, mas toda a sua vida é afetada. Santos afirma que a situação de doença pode gerar na pessoa sentimentos negativos como solidão, sofrimento e angústia. Esses sentimentos podem ser intensificados quando a pessoa não tem um conhecimento claro do que está se passando com ela.¹⁴⁶

Hoch destaca alguns aspectos observados no acompanhamento de pessoas em crise, podendo a mesma acarretar problemas psicológicos. Nessa perspectiva, afirma que:

Há pessoas que, na crise, perdem completamente a noção dos fatos. Algumas, numa atitude de defesa, deixam de perceber a realidade e agem como se as coisas não estivessem acontecendo com elas. [...] A crise provoca uma tendência a regressão, ou seja, leva a pessoa a desenvolver atitudes infantis de busca desesperada por segurança e proteção. Essa atitude, por sua vez, pode levar a que alguém, em meio à crise se torne dependente de determinadas pessoas, nas quais ela projeta suas expectativas de ajuda.¹⁴⁷

A pessoa em crise está mais vulnerável a intervenções externas, não obstante, elas também podem tornar as pessoas mais conscientes de suas fragilidades e vulnerabilidades, derrubando ilusões humanas de força e invencibilidade.¹⁴⁸ Por conseguinte podem gerar mudanças na forma de ver e encarar a vida, promovendo novas atitudes no relacionamento com elas mesmas, com o outro e com Deus.

Tentar entender o sentido da doença é uma tarefa difícil, mas ela pode ajudar a superar o sofrimento que a acompanha. Para chegar a este ponto profundo de compreensão, é

¹⁴⁴ BAIGORRI, Luis. *A unção dos enfermos*. São Paulo: Edições Loyola. 1986. p. 53.

¹⁴⁵ NOÉ, Sidney Vilmar. *Amar é cuidar*. Dez boas razões para integrar pessoas com deficiência, valorizar a terceira idade, cultivar a saúde integral, viver uma sexualidade sadia e buscar o perdão. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 65.

¹⁴⁶ ROLLAND, 1994 apud SANTOS, Hugo N. Perspectivas em torno a La visitación a los enfermos y enfermas Del corpo. *Visiones y Herramientas: Itinerario por La Teología Práctica*, Buenos Aires, v. 5, 2007. p. 141.

¹⁴⁷ HOCH, Lothar Carlos. A Crise pessoal e sua dinâmica. In: SANTOS, Hugo N. (Org.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 145-146.

¹⁴⁸ SANTOS, 2007, p. 142.

importante que se aceite a doença, não a vendo como castigo divino ou merecimento por um desvio cometido durante a vida, mas sim, como algo que pode atingir qualquer ser humano. No entanto, no sofrimento surge o sentimento de culpa.

A culpa é considerada uma experiência humana e associada às ideias de transgressão, violação e delito.¹⁴⁹ A culpa, geralmente surge a partir da frustração de um objetivo idealizado, mas não alcançado. Neste contexto, a culpa surge a partir de reflexões sobre o seu passado, de decisões e atitudes tomadas. A maior culpa de quem está doente é responsabilizar-se pela própria doença.

Pior ainda quando esse sentimento é alimentado por julgamentos vindos da família. Harpprecht alerta, não somente para o autojulgamento, mas para o julgamento alheio:

Ainda somos muito rápidos em julgar que a doença é consequência de um pecado, que alguém que passa mal provavelmente fez alguma coisa errada e agora sofre um castigo. Ou ele sofre porque Deus quer educá-lo e purificá-lo.¹⁵⁰

Para Araújo o antídoto para a culpa é o perdão. É aceitá-la como realidade e buscar na graça de Deus o perdão de que preciso. “Somente a graça de Deus proporciona o perdão verdadeiro, porque ela trabalha a favor do nosso crescimento e da nossa maturidade”.¹⁵¹ Culpar alguém por causa de sua doença pode ter consequências desastrosas para a recuperação do paciente. Não obstante, “muitos pacientes culpa-se ou atribui a outras pessoas a responsabilidade por sua doença”.¹⁵²

Conforme Hoch, “o sofrimento e a doença desnudam a fragilidade humana, confrontam a pessoa com a possibilidade da morte e com a transitoriedade da vida”.¹⁵³ O sofrimento surge na vulnerabilidade a qual o ser humano está exposto. Certo é que existem muitas maneiras pelas quais o sofrimento se manifesta. Na dor física, psíquica ou social.

O sofrimento revela ao ser humano que ele não é imortal. A dor física faz “a pessoa sentir a fragilidade vulnerável e o caráter passageiro de sua existência, até então bastante segura e despreocupada”.¹⁵⁴

¹⁴⁹ ARAÚJO, Maria Betânia Melo de. Culpa/reparação. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Ed.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 235-237.

¹⁵⁰ HARPPRECHT, Christoph Schneider. *Como acompanhar doentes*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 39.

¹⁵¹ ARAÚJO, 2008, p. 237.

¹⁵² LOPES, Vera Lúcia B. *Doutor, estou com câncer?* Conduta médica e familiar nas comunicações dolorosas. 2. ed. Porto Alegre, 2005. p. 29.

¹⁵³ HOCH, Lothar Carlos. Sofrimento. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Ed.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 937-938.

¹⁵⁴ LEERS, Bernardino. A dor na relação paciente/ médico. In: *Caderno de Bioética*. Belo Horizonte: 1995. p. 105.

Para delimitar nossa reflexão, tomamos como base o conceito de Dorothe Sölle, que considera o sofrimento nas dimensões físico, psíquico e social.¹⁵⁵ A dor que atinge a totalidade do ser humano é profunda e deixa marcas. Ela produz alienação, “um vácuo existencial, uma ruptura com o mundo, levando a desintegração física, emocional e social”.¹⁵⁶

Portanto, acompanhar e visitar estes rostos cheios de sofrimento pode, para muitos, ser penoso, por outro lado, a riqueza destes momentos é enorme. Ver seu pai ou mãe sofrendo em um leito hospitalar assusta, mas a visita do filho pode ser a mais aguardada e importante do dia. Mas como entender tanto sofrimento, faz algum sentido tudo isso?

A palavra do Apóstolo Paulo diz que não precisamos andar ansiosos; “em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus, as vossas petições, pela oração, pela súplica, com ações de graças”. (Filipenses 4.6).

A fé é alimentada através da espiritualidade e pode agregar e renovar a esperança do enfermo, enlutado, deprimido. Sabemos que muito mais poderia e deveria ser desenvolvido sobre este assunto, mas queremos continuar nosso trabalho trazendo no próximo ponto um assunto pertinente na sociedade contemporânea.

2.4.2 A espiritualidade como auxílio na busca pela cura

A princípio, ter espiritualidade ou explicar o que é espiritualidade nos parece bastante amplo. Como definir espiritualidade? Conforme Müller

Espiritualidade é viver com espírito e, portanto, é uma dimensão constitutiva do ser humano. Espiritualidade é uma expressão para designar a totalidade do ser humano enquanto sentido e vitalidade, por isso espiritualidade significa viver segundo a dinâmica profunda da vida. Isso significa que tudo na existência é visto a partir de um novo olhar onde o ser humano vai construindo a sua integralidade e a sua integração com tudo que o cerca.¹⁵⁷

Existe hoje um grande número de pesquisas que buscam provar como experiências de caráter espiritual ajudam a melhorar a qualidade de vida das pessoas. Será que pessoas que professam sua fé possuem mais força para enfrentar a enfermidade ou aceitá-la?

Quando a enfermidade bate à porta, a maioria das pessoas tem dificuldade em aceitar a condição imposta pela doença. Não raras vezes, a família fica mais impactada do que a

¹⁵⁵ SÖLLE, Dorothe. *Sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 22.

¹⁵⁶ DEIFELT, Wanda. O corpo em dor. Uma análise da arte pictórica de Frida Kahlo. In: STROHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S (Coord.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; CEBI; Sinodal, 2004. p. 27.

¹⁵⁷ MÜLLER, Marisa Campio. Introdução. In: TEIXEIRA B, Evilázio F.; MÜLLER, Marisa C.; DA SILVA, Juliana D. Tigre. *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 9.

própria pessoa enferma. No entanto, é preciso enfrentar a enfermidade, superá-la. Vejamos como a espiritualidade pode ser fundamental no processo de cura ou aceitação da doença.

A senhora Harris morreu ontem aos 101 anos de idade. Ela estava vivendo em uma casa de repouso, mas a família disse que ela permaneceu alerta até o fim. Em seus últimos dias, como fizera durante toda sua vida, tentou consolar parentes e amigos – mesmo estando doente. Ela destacava as boas qualidades deles. Expressava que alegria era ver alguém e que futuro especial aguardava cada um deles. A família disse que ela estava cantando um cântico religioso quando sua voz ficou mais fraca, a respiração mais lenta até, finalmente, parar. A senhora Harris deixou um leve sorriso no rosto, um sorriso ao qual a família tinha se acostumado sempre que ela estava muito feliz. Quando a senhora Harris fez cem anos, perguntaram a ela qual era o segredo de uma vida tão longa. Sem pestanejar, respondeu que era sua fé, sua família e o fato de não beber nem fumar, nessa ordem. E a ordem era importante, ela enfatizava.¹⁵⁸

A exemplo da senhora Harris, muitas pessoas buscam na religião a força necessária para enfrentar a doença, ou simplesmente, aceitá-la. Segundo Koenig “em algumas áreas dos Estados Unidos, quase metade dos pacientes hospitalizados indicam que suas crenças e práticas religiosas são a forma mais importante de lidar com a doença e com as mudanças causadas pela doença”.¹⁵⁹ Koenig ainda ressalta que a espiritualidade encontrada pelas pessoas nas práticas religiosas as ajuda a se adaptarem mais rapidamente a situações difíceis como a perda de saúde e da independência.¹⁶⁰

Constata-se que a espiritualidade exerce a função de alimentar a esperança, sobretudo no contexto de doença. Ela ajuda as pessoas e geralmente produz emoções positivas que são importantes no enfrentamento da enfermidade. A espiritualidade e o tratamento médico podem trabalhar muito bem em conjunto, mas quando um ou outro é excluído, os resultados do paciente provavelmente serão afetados.¹⁶¹

Para Roberto, por um longo período a medicina ficou condicionada a uma visão mecanicista, não conseguindo ver o âmago humano, não conseguindo interagir a realidade corporal com a realidade interna do enfermo, considerando a importância do enfermo buscar na sua crença um poder de cura, não sendo ela somente emocional e espiritualmente confortante, mas fundamental para a sua saúde. Hoje, segundo ele, a maioria das pessoas que trabalham em hospitais, necessariamente precisa saber da importância que a fé e a

¹⁵⁸ KOENIG, Harold. G. *Medicina, religião e saúde*. O encontro da ciência e da espiritualidade. Tradução de Iuri Abreu. Porto Alegre: LePM, 2012. p. 3.

¹⁵⁹ KOENIG, 2012, p. 55.

¹⁶⁰ KOENIG, 2012, p. 67.

¹⁶¹ KOENIG, 2012, p. 83.

espiritualidade podem assumir no enfrentamento à enfermidade e, caso solicitado possam saber encaminhar as necessidades espirituais de seus pacientes.¹⁶²

Cada ser humano deveria buscar com sua espiritualidade e fé, meios para enfrentar a enfermidade, o luto, a angústia, o desespero. Muitos buscam e encontram na comunhão com a comunidade, nos ritos religiosos oferecidos em suas comunidades religiosas um grande auxílio para a superação e, porque não, a cura. Como nos diz o Salmo 46:

Deus é o nosso refúgio e a nossa força, socorro que não falta em tempo de aflição. Por isso, não teremos medo, ainda que a terra seja abalada, e as montanhas caiam nas profundezas do oceano. Não teremos medo, ainda que os mares se agitem e rujam, e os montes tremam violentamente. O Senhor Todo-Poderoso está do nosso lado; o Deus de Jacó é o nosso refúgio! Salmos 46. 1-3,7.

Em meados do século XX, muitos temiam que o processo de secularização minasse as bases da fé, no entanto, tomou-se consciência não só dos limites da ciência, mas que a fé e a espiritualidade de cada um brotam de fontes profundas do ser humano. Assim, pode-se ver “a espiritualidade como uma forma de viver a fé cristã a partir de um impulso da graça para participar da vida divina na peregrinação terrestre”.¹⁶³ Ou seja, a espiritualidade é um meio pelo qual alcançamos Deus e Ele nos alcança para que possa caminhar conosco nos caminhos sinuosos e muitas vezes escuros da vida.

De acordo com Zilles, a espiritualidade cristã possui as seguintes características:

a) é Teocêntrica: não se trata apenas de uma satisfação subjetiva, nem somente da salvação da alma, mas da entrega a Deus, a seu amor. b) Cristocêntrica: em Cristo, como o cabeça, toda a criação está unida ao Pai. c) Eclesial: a igreja é o lugar no qual o Senhor reúne os que confiam a ele na fé, no amor e na esperança para a salvação. d) Sacramental: os sacramentos são maneiras pelas quais o Senhor glorifica o Pai na sua igreja e conduz os homens a salvação. e) Pessoal: os sacramentos agem pela sua realização, mas só frutificam na medida em que recebemos com fé e amor e levados a eficiência ética. f) Comunitária: por mais que se acentua o aspecto pessoal, o cristão ativa a sua espiritualidade na comunidade. g) Escatológica: marcada pela esperança que mantém o cristão vigilante e o prepara para a vinda gloriosa de Cristo.¹⁶⁴

Há momentos que são pesados demais para atravessar sem Deus. Por isso, a fé, a espiritualidade e a esperança são tão importantes. Segundo Martim Lutero, “sem o Espírito

¹⁶² ROBERTO, Gilson L. Espiritualidade e saúde. In: TEIXEIRA B, Evilázio F.; MÜLLER, Marisa C.; DA SILVA, Juliana D. Tigre. *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 163.

¹⁶³ ZILLES, Urbano. Espiritualidade Cristã. In: TEIXEIRA B, Evilázio F.; MÜLLER, Marisa C.; DA SILVA, Juliana D. Tigre. *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 16.

¹⁶⁴ ZILLES, 2004, p. 16.

Santo, não há vida de fé, é preciso que nos apeguemos a ele; já que a cruz envolve todas as pessoas em algum momento, apenas o Espírito Santo, garante que aguentem até o fim”.¹⁶⁵

2.4.3 Esperançar e confiar

A espiritualidade pode levar a um bem-estar maior, principalmente em momentos de estresse e sofrimento. Ela pode gerar a promoção da esperança, do otimismo e da alegria, dando muitas vezes novo propósito à vida.¹⁶⁶ Koenig acrescenta afirmando que o paciente que estiver em conexão com emoções positivas, oriundas da religião pode ter importância especial para pacientes atendidos em contextos médicos, “nos quais o envolvimento religioso pode influenciar o bem-estar, a satisfação com a vida e a satisfação com o atendimento médico pela melhora da capacidade de enfrentamento da doença física”.¹⁶⁷

Esperança é uma emoção positiva que motiva as pessoas a enfrentarem situações difíceis. Quando as coisas não estão bem, a tendência é que a esperança diminua ou desapareça. No entanto, é importante para a restauração da saúde que haja sentimentos positivos. É aqui que a espiritualidade pode fazer a diferença, porque o envolvimento religioso oferece a esperança de que coisas boas podem surgir de qualquer situação difícil.¹⁶⁸ Para Weissheimer “a esperança com raízes no divino é uma ponte que nos leva além da dor, da doença, da crise, e também da morte”.¹⁶⁹

Para o teólogo e pastor Gottfried Brakemeier “a fé acrescenta qualidade a esta vida e a habilita a vencer obstáculos. Não é uma vida sem cruz. Pois a fé não tem a promessa da vida fácil. Tem isto sim, a certeza do socorro nas dificuldades e aflições”.¹⁷⁰ Assim, a esperança se alimenta da fé e dá sempre novo sentido a ela.

Outra característica bem-vinda em situações difíceis é a resiliência que é a capacidade humana de extrair do íntimo do seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades. “É como se Deus tivesse colocado no fundo da nossa alma um tanque de

¹⁶⁵ BAESKE, Albérico. Lutero para nossos dias. In: *Devocionário Semente de Esperança*. PPL/OIKOS/IECLB: Ibirama, São Leopoldo, Porto Alegre. 2011. p. 87.

¹⁶⁶ KOENIG, 2012, p. 78.

¹⁶⁷ KOENIG, 2012, p. 79.

¹⁶⁸ KOENIG, 2012, p. 80.

¹⁶⁹ WEISSHEIMER, Vera C. *Quando a vida dói*. Confiança nos momentos de angústia. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 87.

¹⁷⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. *Por que ser Cristão? Dez boas razões para crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 44.

reserva. Assim, quando achamos que o combustível da vida está no fim, saibamos que podemos contar com uma força extra, quase secreta, que habita em nós.”¹⁷¹

Este tema nos parece importante para compreendermos a influência do sofrimento sobre nossa vida. Através dele, podemos enxergar no sofrimento uma oportunidade de crescimento.

A busca de sentido frente a situações traumáticas revela-se como importante ferramenta para suportar e até superar o sofrimento, a enfermidade. A resiliência nos coloca numa perspectiva de esperança. “O paradigma da resiliência questiona as visões deterministas e pessimistas, desafiando a observação, o estudo e a criatividade para descobrir como promovê-la nos mais diversos contextos e campos”.¹⁷² Portanto, a resiliência quer nos desafiar a olhar para as pessoas que superaram momentos difíceis, quando parecia não haver mais saída. Quer nos auxiliar a enxergar para além do sofrimento, para a luz da ressurreição. Paulo Freire dá uma explicação interessante para esperar: esperar ativamente.

2.5 A cura

Os cristãos sempre enfrentaram dificuldades para seguir a ordem de Jesus de curar enfermos. Boa saúde tem sido o objetivo de vários povos espalhados pelo mundo. O ser humano deseja a cura física e espiritual. Não é segredo que curas são buscadas de todas as formas possíveis, desde cirurgias, tratamentos médicos, cultos para enfermos, correntes de oração, até mesmo sacrifícios e feitiçaria. Faz-se de tudo para alcançar o objetivo: o bem-estar, a saúde.

¹⁷¹ HOCH, Lothar C; ROCCA L. Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 24.

¹⁷² ROCCA L, 2007, p. 25.

2.5.1 Jesus: aquele que acolhe e cura

No ministério de Jesus, Deus era visto como fonte de saúde e como alguém que poderia usar a doença e o sofrimento para o crescimento espiritual.¹⁷³ A tarefa de curar enfermos era comum e levada a sério por Jesus e seus apóstolos. “Eram um testemunho da continuidade e da importância do ministério terapêutico de Cristo, bem como da autenticidade do Evangelho que os apóstolos pregavam”.¹⁷⁴ A sua profunda compaixão leva-o para junto de quem sofre e, assim mostra o seu propósito de vida: “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10.10). O amor e a compaixão de Jesus levam-no a curar doentes, a saciar famintos. Ele é sensível ao sofrimento e à necessidade de cada um, unindo a ajuda física à dimensão da espiritualidade. Diversos textos relatam que Jesus tocou em doentes e se deixa tocar por eles (Marcos 1. 40-41).

Quando os discípulos perguntam pela identidade de Jesus, Ele responde: “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o Evangelho. Bem aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço.” (Mateus 11.5ss.). O evangelista João enumera todas as categorias de excluídos destacando os sinais de mudança do Reino de Deus, aguardados pelo povo de Israel há muitos anos (Isaías 35.5s) e com a vinda de Jesus começam a cumprir-se.

Em suas curas, Jesus vê a pessoa individualmente, compreende o seu sofrimento, fala sobre fé possui tempo e palavras de ânimo. “A profunda compaixão de Jesus tem como efeito a quebra de barreiras que excluía as pessoas doentes”.¹⁷⁵ Jesus vê a pessoa inteira com todas as suas necessidades, fragilidades e potencialidades. Ter pessoas amigas e sensíveis em casos de fragilidade e doença é bom e gratificante. Ter em Deus um porto seguro, no qual é possível ancorar em meio à tempestade é fortalecedor e confortante.

Evans diz que confrontar o mal na forma de enfermidade é parte integral da vida da Igreja.¹⁷⁶ Não é possível negligenciar o compromisso que a comunidade tem em ajudar pessoas enfermas e promover a saúde. Há vários relatos nas Sagradas Escrituras que mostram um Jesus preocupado com as enfermidades de seu povo e disposto a ajudá-las a superar e modificar tal realidade. Nos dois pontos seguintes apresento duas curas realizadas por Jesus, narradas pela maneira *Midrash*, uma forma de interpretar histórias bíblicas que vai além

¹⁷³ EVANS, 2002, p. 22.

¹⁷⁴ EVANS, 2002, p. 23.

¹⁷⁵ GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI. São Paulo: Paulus, 2001. p. 154.

¹⁷⁶ EVANS, 2002, p. 9.

daquilo que lemos, mas preenche muitas lacunas deixadas na narrativa bíblica sobre eventos e personalidades que são apenas insinuados.

2.5.2 A cura de uma mulher enferma (Marcos 5. 25-34)

O estudo deste texto bíblico quer mostrar a importância e o papel da esperança e da fé na vida de uma pessoa enferma. Proponho usarmos o texto da cura da mulher enferma que explicita claramente a fé e a esperança (mesmo após um longo período de enfermidade) e como esta foi importante na sua recuperação.

Eis que surge uma mulher que há doze anos sofria de hemorragia e que havia recorrido a vários médicos, tendo gasto toda sua fortuna na busca pela cura. Mais uma vez os médicos não a puderam ajudar e simplesmente a abandonaram, pois descobriram que a mulher, agora era pobre e que mal tinha dinheiro para se alimentar. Desesperada começou a gritar: - *Meu Deus, meu Deus, não me sobrou mais nada, eu não posso me casar, eu não posso ter filhos, eu nem mesmo tenho uma vida. E também ninguém consegue me curar.* Arrastou-se para perto de uma fonte de onde jorrava água cristalina. Olhou seu reflexo na água e começou a chorar copiosamente. Aparentava muito mais idade, magra e pálida gritava a Deus: - *Meu Deus me faça morrer! Eu não aguento mais tanto sofrimento.*

Neste momento, ouviu o alvoroço. Viu a enorme multidão que se aproximava em sua direção e quando se deu por conta já estava totalmente envolta. Perguntou para um casal: - *O que está acontecendo?* Estes responderam: - *Estamos seguindo a Jesus, o Nazareno. Ele irá curar nosso filho que tanto sofre.* Conhecendo a fama de Jesus, a pobre mulher tentou aproximar-se, mas como estava fraca, caiu. Foi pisoteada e ferida. Quando conseguiu levantar-se, viu que bem a sua frente caminhava Jesus. Então, num súbito impulso tocou a veste de Jesus. No mesmo momento sua hemorragia estancou e sentiu-se curada. Isso, porque sempre dizia: - *Se algum dia conseguir tocar as vestes de Jesus ficarei curada.* Tamanha era sua fé que ficou curada no mesmo momento.

Jesus, por sua vez, sentiu que alguém lhe tocara a veste, pois sentiu que havia realizado mais uma cura. Virou-se e perguntou: - *Quem me tocou a veste?* Com medo de que, da mesma forma como Jesus a havia curado, pudesse devolver a doença, logo se anunciou entre a multidão, contando-lhe toda a verdade. Jesus, porém, sabia de toda verdade. Sabia quem havia lhe tocado a veste, bem como o que buscava. Ele apenas queria que ela, através de sua boca contasse à multidão que havia sido curada pela sua fé, sem Jesus a ter visto antes.

Neste momento Jesus a abençoa e diz: - *Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal.*

A mulher, imensamente grata teve a sua dor e o seu sofrimento acolhido por Jesus. Jesus restabelece a sua saúde e a proporciona uma nova chance de vida, cheia de esperança e fé. Assim, seguiu com a multidão a Jesus.

2.5.3 A cura da filha de Jairo (Marcos 5. 35-43)

Jesus estava mais uma vez cercado por pessoas que suplicavam por sua ajuda. Por isso, subiu num barco e com mais alguns discípulos quis ir ao outro lado do mar da Galileia. Ali, também uma grande multidão o esperava. Várias pessoas tentavam se aproximar de Jesus, mas eram impedidas. Entre elas, um importante senhor da sinagoga, chamado Jairo que devido ao seu cargo influente foi autorizado a se aproximar. Este se inclinou aos pés de Jesus e suplicou: - *Minha filha está morrendo, vem, coloca as tuas mãos sobre ela e salve-a da morte.* Jesus não podia recusar um pedido de alguém influente da sinagoga, afinal, era na sinagoga que fazia suas orações e podia se refugiar da grande multidão que sempre o acompanhava. Por isso, resolveu acompanhá-lo. A multidão também o fez.

A sua filha estava muito doente e médico nenhum conseguiu ajudá-la. Jesus era a esperança de saúde para a pobre menina. A multidão se espremia para ver quem ficaria mais perto de Jesus, ao ponto de mal conseguir caminhar. Jesus estava cansado, havia realizado muitos milagres e caminhado muito naquele dia. Finalmente, chegavam perto da casa de Jairo quando uns vinham ao seu encontro dizendo: - *Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre?* Jesus, porém, diz: - *Não temas, crê somente.*

A multidão quis acompanhá-lo, contudo, Jesus apenas permitiu que Pedro, Tiago e João, seus discípulos, o acompanhassem para dentro do quarto onde a menina estava deitada. Chamou seus discípulos para acompanhá-lo, pois queria que estes vissem com seus próprios olhos o que mais tarde profeririam pelas suas bocas. Aproximando-se, porém, viu que alguns choravam e pranteavam muito. Jesus então diz: - *Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme.* Algumas pessoas riram. Ele, porém, pediu que todos saíssem, tomou o pai e a mãe e os discípulos e foram até onde a menina estava. A menina estava deitada sobre panos de linho, debaixo da cabeça lã de ovelha (pelego), usado também para aquecê-la, já que a noite se aproximava.

Jesus agacha-se, pega-a pela mão e diz: - *Talítá cumi*¹⁷⁷ que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te! No mesmo momento a menina se levantou e começou a andar. Ela tinha apenas doze anos, ainda era uma criança. Todos que ali estavam mais uma vez se admiraram do poder de Jesus.

As duas histórias são paralelas, ambas falam de mulheres, fé e pessoas que não podiam mais ser ajudadas por médicos. No texto da mulher enferma fica explícita a fé e a esperança que ela tinha em Jesus e a certeza de que Ele poderia ajudá-la. A fé que aquela mulher tinha não só propiciou sua cura física: ela a salvou. No texto da filha de Jairo, a fé de Jairo, mesmo sendo chacoteado por muitos era imensa. É esta fé que restaura a saúde de sua filha.

Deus conhece a cada um. Em João 13. 18 Ele diz: “Eu conheço aqueles que escolhi”. Quando Ele chama e convida para caminhar junto dEle, já sabe exatamente quem irá.. Fiquemos certos de que nada em nós surpreende a Deus, nenhuma fraqueza, queda e doença. Deus nos conhece em nosso íntimo e sempre atende aos nossos pedidos e acolhe com braços confortantes nossa angustia e tristeza porque Ele nos conhece e cuida.

No entanto, muitas pessoas doentes ficam limitadas a frequentar cultos e participar da vida da comunidade onde teriam acesso aos ritos e a presença restauradora e confortante de Deus. Surge então, a necessidade da presença da comunidade através da visitação, importante meio de tornar o amor de Deus visível e concreto na vida da pessoa.

As duas histórias são

2.5.4 Visitação para a prevenção e cura

Muitas pessoas em nosso meio necessitam de visitas; gostam de serem visitadas. Principalmente, quando por vezes as pessoas se encontram em situação “desfavorável”, acamadas, isoladas. Tomemos por exemplo, as pessoas idosas, internadas em asilos ou acamadas em clínicas geriátricas ou hospitais. Uma simples visita, disponibilizar tempo para elas; nisso pode haver um enorme sentimento de gratidão envolvido. Tanto da parte de quem recebe a visita, tanto quanto de quem a realiza. Na visitação muitos sentimentos estão envolvidos, desde a simples alegria até o restabelecimento do ânimo e da esperança para enfrentar as dificuldades.

O relacionamento interpessoal, a saúde emocional são aspectos que influenciam a saúde física, por isso, a importância de ver e cuidar o ser humano como ser integral. Na

¹⁷⁷ Aramaico, língua falada na palestina nos tempos de Jesus.

atualidade, as pessoas sentem muita solidão, medo, sofrimento. Existe muita pobreza, desemprego, violência e pouca paz. As pessoas se isolam em suas casas. Nestes contextos as visitas são muito importantes, pois a partir delas, podem-se buscar meios que ajudem estas pessoas a saírem desta situação.

2.6 Considerações finais

Após a exposição do tema, podemos tecer algumas considerações finais para a conclusão deste capítulo. Saúde está diretamente ligado com a palavra cuidado. Cuidado nosso, cuidado de outras pessoas para comigo e cuidado de Deus. Esse cuidado é a valorização do ser humano enquanto imagem e semelhança de Deus e por isso, digno de respeito. Mas, mesmo o ser humano sendo imagem e semelhança de Deus, não faz dele um ser divino (imortal), portanto, todos somos vulneráveis às doenças e carentes de cuidado e proteção divina.

Por muitas vezes a humanidade sentiu ausência da presença de Deus em seu meio. A partir desta constatação questiona-se a responsabilidade da Igreja frente ao ser humano. Seria interessante fazer considerações sobre a evolução humana e relacional ocorrida nos últimos anos para que se consiga compreender as características do mundo em que a igreja vive e age e a possibilidade de estudo de toda a atividade que a Igreja tem exercido com seus membros frágeis e sofredores e que buscam a ajuda de Cristo que veio para ajudar e curar.

Por outro lado, grupos religiosos têm buscado entender melhor o ser humano do século XX e XXI e tentado suprir suas necessidades espirituais e religiosas. Assim como a sociedade, a Igreja de Deus e dos seres humanos encontra-se em constante mudança tentando acompanhar o ritmo, muitas vezes frenético, de um povo “que não tem mais tempo” para si e para Deus. Mesmo assim, Deus continua agindo em favor de seu povo, usando a Igreja como meio de se tornar visível e perceptível.

Mesmo com todo esse cuidado nossa vida é cheia de limitações e é geralmente na enfermidade que as pessoas se perguntam pelo sentido da vida, pelo valor da vida e por questões como a vida após a morte. Mesmo a ciência médica tenha avançado significativamente no que se refere à cura de muitas doenças, esse avanço ainda é limitado, por isso, a importância do fator fé se faz tão importante, pois encoraja dando forças para enfrentar e dar sentido ao sofrimento ou a situação na qual possa estar no momento. Para

Haacke “o rito da unção com óleo, mediador visível da graça de Deus, torna-se terapêutico, colaborando no processo de cura de pessoas que experimentam o sofrimento”.¹⁷⁸

O rito da unção com óleo adquire um aspecto terapêutico ao visar o ser humano em sua totalidade, cura física e espiritual. Progressivamente o rito começa a ter aspectos sacramentais e a partir do século IV faz parte da liturgia da Eucaristia tanto na Igreja Romana como na Igreja Ortodoxa.¹⁷⁹

No contexto romano, Collins nos apresenta uma forma abreviada da ordem litúrgica que é composto pela liturgia da palavra e pela ação sacramental, tendo a seguinte forma: 1 – Leitura bíblica apropriada. 2 - Unção com óleo: a) oração da igreja, b) imposição das mãos, c) unção com óleo/aplicação. 3 – Oração pela transformação da realidade a qual a pessoa se encontra. 4 – Bênção final.¹⁸⁰

No entanto, Collins enxerga na unção com óleo uma possibilidade de alcançar mais pessoas, mas para que o rito tenha maior eficácia, deve-se não mudar sua estrutura, mas sim, a compreensão negativa do ritual como um sacramento para as pessoas que estão enfermas, que agonizam e que se encontram no leito de morte. Para que isso ocorra, há a necessidade de um processo pedagógico e catequético de conscientização que vislumbra uma ação mais comunitária e humana que reconheça o poder curativo do rito e que o veja como um ato de amor e respeito para com as pessoas.¹⁸¹

No próximo capítulo nosso olhar terá por foco a Igreja Protestante, especificamente a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), onde é percebido o distanciamento da unção com óleo da vida comunitária.

¹⁷⁸ HAACKE, 2004. p. 15.

¹⁷⁹ COLLINS, Mary. *O Ritual Romano: Assistência Pastoral e Unção dos Enfermos*. Concilium, v. 234, p. 12-28, 1991.

¹⁸⁰ COLLINS, 1991, p. 16-21.

¹⁸¹ COLLINS, 1991, p. 25.

3 IECLB: SUGESTÕES E POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DO RITO DA UNÇÃO

3.1 Considerações iniciais

No capítulo anterior analisamos a unção com óleo e todo respaldo para sua utilização. Na percepção da importância deste rito faz-se necessário desvincular a unção com óleo como algo restrito ao catolicismo, e resgatar a dimensão cristã. Atualmente, dentre as igrejas protestantes não é comum estar incluída na liturgia comunitária a unção com óleo no acompanhamento as pessoas enfermas, enlutadas, fragilizadas. No entanto, devido a sua importância para os e as que têm acesso ao rito, o mesmo não deveria ficar escondido nas comunidades, mas tornar-se um meio de graça pelo qual Deus alcança seu povo. A inserção da prática de ungir ainda é um desafio para a maioria das comunidades protestantes, também para a IECLB.

Queremos neste capítulo olhar para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e atentar para a pouca utilização deste rito, bem como oferecer subsídios litúrgicos para sua inserção nas celebrações comunitárias. Destaque para alguns depoimentos de pessoas que desconheciam a unção, mas motivadas e encorajadas a participar apresentaram ricos relatos.

Não é intenção abordar os dogmas da Igreja e discutir porque uns defendem e outros rejeitam o rito nas celebrações comunitárias ou no acompanhamento a enfermos, mas perceber a importância da unção para quem a recebe. Muito antes de qualquer discussão sobre validade ou não, ver e perceber a sua ação, acolhimento, conforto e tantos outros adjetivos que o rito traz para quem o recebe, esteja esta pessoa enferma, enlutada, sobrecarregada e necessite sentir Deus e a comunidade mais próxima neste momento de dificuldade pessoal ou familiar.

3.2 De Lutero até hoje

Lutero ocupou-se bastante com a unção e as bênçãos na obra *Do cativoiro babilônico* da Igreja onde se posicionou de forma crítica em relação à extrema unção, não a vendo como sacramento, mas conselho de Tiago. Ele destaca a fé tanto da pessoa enferma como a fé dos presbíteros. A fé dos dois, unida a oração seria garantia de restabelecimento do enfermo. A unção tem um caráter geral de abençoar e não deve ser a última, neste caso, a

morte.¹⁸² Ainda hoje, pessoas confundem a unção com óleo e acreditam que a mesma apenas deve ser usada em casos extremos, já em preparação para a morte. Certamente desfazer este equívoco levará muitos anos.

Além disso, o Reformador rejeitou a utilização de água benta, pois muitos a consideravam mais importante do que o Batismo. “No aspecto pastoral, Lutero queixava-se de que o grande número de bênçãos e os respectivos proveitos pesavam sobre as pessoas, por mais que ele apreciasse sua importância para as crianças e o povo singelo”.¹⁸³ Essa crítica marcada pelo pendor de Lutero fez com que atos de bênção praticamente caíssem em desuso no protestantismo, “bênçãos agora se tornaram, ainda mais, característica daquilo que é católico”.¹⁸⁴ Até hoje igrejas luteranas demonstram reservas em relação a atos de bênção e a símbolos no culto e “se restringiam, em grande parte, à consagração de igrejas e de outros objetos destinados ao uso litúrgico”.¹⁸⁵ Houve uma negação geral das bênçãos, inclusive as de caráter pessoal.

Lutero utiliza-se do texto de Tiago 5.14ss onde segundo ele há uma compreensão equivocada deste texto que apresenta uma promessa e sinal e, por isso, é erroneamente interpretado. Segundo Lutero “não é lícito que o apóstolo institua um sacramento por sua autoridade, isto é, que estabeleça uma promessa divina juntamente com o sinal, pois isso cabe somente a Cristo”.¹⁸⁶ Ele vai além e diz que “trata-se de um rito da igreja primitiva, pelo qual faziam milagres entre os enfermos. Já desapareceu faz tempo”.¹⁸⁷ E mais:

Essa extrema, isto é, inventada unção não é sacramento, mas conselho de Tiago, que pode ser usado por quem o quiser usar. [...] Tiago não atribui a promessa de saúde à oração de fé. Pois dizem assim: E a oração de fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se estiver em pecados, ser-lhe-ão perdoados (Tg 5.15). Porque o sacramento não exige a oração ou a fé do ministro, pois também o ímpio batiza e consagra sem oração. Baseia-se apenas na promessa e instituição de Deus, exigindo fé de quem o recebe. [...] não há dúvida de que pela fé plena sarariam quantos quiséssemos, se hoje em dia também se proferisse tal oração sobre o enfermo. [...] não podemos negar que qualquer criatura seja santificada pela palavra e pela oração [...] e que se deem perdão e paz, não porque o sacramento tenha sido divinamente instituído, mas porque quem o recebe crê que assim lhe sucede.¹⁸⁸

Estas críticas de Lutero à Extrema-Unção, possivelmente são o pano de fundo do afastamento da Igreja Luterana da prática deste rito, no entanto, não se deve abrir mão da

¹⁸² LUTERO, Martim. Do cativeiro babilônico da Igreja. In: *Obras Seleccionadas*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 341-424.

¹⁸³ GRETHLEIN, 2014, p. 168.

¹⁸⁴ GRETHLEIN, 2014, p. 169.

¹⁸⁵ GRETHLEIN, 2014, p. 169.

¹⁸⁶ LUTERO, 2000, p. 418.

¹⁸⁷ LUTERO, 2000, p. 420.

¹⁸⁸ LUTERO, 2000, p. 420-21.

unção pelo simples fato de discordar da sua aplicabilidade em confissões religiosas distintas, mas resignificar, readaptar o rito e sua riqueza simbólica (gesto, toque, aroma, óleo) para que o ungido “possa ouvir a Palavra e nela crer, pois em verdade obtemos tudo o que cremos que receberemos”.¹⁸⁹

Não é recomendado assegurar a cura somente através da unção, mas que seja antes um ato de fé de quem confia sua vida toda, também a esperança de cura, nas mãos amorosas de Deus. A discussão em torno da sacralidade se faz necessária, mas aos fiéis enfermos, desesperançados, angustiados, sofridos está não é a primeira necessidade. Basta encontrarem na simplicidade da unção, o acolhimento e cuidado que tanto anseiam para suas vidas e, esperam da comunidade e, principalmente de Deus.

Segue um relato de cura por oração:¹⁹⁰

Lúcia, uma senhora bastante ativa em sua comunidade de fé, começou a sentir dores em seu seio. Durante o banho localizou um pequeno nódulo. Preocupada, angustiada e antes de qualquer outra atitude, deitou-se em sua cama e orou a Deus. – Pedi a Deus que me ajudasse e curasse, eu senti que aquilo que tinha no peito era algo sério. Orei com muita força, com muita fé e então, senti Deus bem perto de mim e aconteceu (tenho certeza que não foi sonho) que durante a oração uma luz apareceu no canto do quarto, bem pequena, e veio se aproximando de mim até que chegou ao nódulo e ali, sumiu. Não sei o que aconteceu depois, provavelmente dormi, mas sei que acordei na manhã seguinte lembrando tudo. Então, fui procurar o nódulo e nunca mais o achei. Eu tenho certeza que era câncer e aquela luz era Deus, Ele ouviu a minha oração e veio me curar. Não tenho dúvida disso.

Como explicar o que aconteceu com Lúcia. Se a fé pode mover montanhas, porque não poderá curar? Alguns dizem que Deus já não responde a orações. Outros dizem que isto aconteceria se tivéssemos bastante fé, mas que dificilmente alguém conseguiria conjurar tanta fé. Jesus não está se referindo a montanhas literais, mas a obstáculos maiores e mais poderosos. As montanhas são usadas simbolicamente na Bíblia para descrever forças poderosas (Isaías 2:2), Deus remove montanhas quando seu povo pede com fé. A fé, na maioria das vezes, é vista como uma criação de Deus. Fé é o que nos acontece quando Deus

¹⁸⁹ LUTERO, 2000, p. 421.

¹⁹⁰ Relato compartilhado por uma pessoa que garante ter sido curada pela fé, através da oração. Relato compartilhado com o autor da dissertação durante uma visita a casa de Lúcia. Para preservar a identidade faz-se uso de um nome fictício.

nos envolve com seu amor e graça. Ela acontece no momento em que Deus se apossa de mim.¹⁹¹

Depois deste ocorrido, Lúcia tornou-se ainda mais ativa em sua comunidade, uma liderança. Percebe-se que ela faz isso, não apenas como agradecimento a Deus, mas para que este amor, esta cura em sua vida, possa também chegar a outras pessoas que precisam da sua ajuda. Lúcia não precisou da unção com óleo ou de outro rito para ser curada, mas certamente foi através deles que conheceu e se aproximou de Deus, ao ponto de ser ouvida e atendida em sua necessidade.

3.3 O rito da unção com óleo é cristão

Neste ponto queremos desmistificar a ideia de que unção com óleo é “coisa de católico” como muito se ouve da boca de protestantes. Segundo Sousa

O óleo é o símbolo por excelência das bênçãos divinas. A unção com óleo expressa uma ação do próprio Espírito de Deus. E ainda: o óleo é o símbolo da riqueza, abundância, prosperidade, fertilidade, alegria, saúde, beleza, bem-estar, conforto, força, vigor, poder, juventude, imortalidade, hospitalidade, amizade, glória, brilho, esplendor, majestade, autoridade, paz, aliança, reconciliação.¹⁹²

Com todas essas evocações concretas, falar de óleo “é falar da presença especial de Deus abençoando sua vida, seu lar, seu trabalho, seu amor, seus amigos, seu túmulo”.¹⁹³ Por isso, falar do óleo é falar do próprio Espírito de Deus Criador.

Como o Espírito de Deus, o óleo tem a propriedade natural de pairar sobre a água. Como o Espírito divino, ele está presente em toda a parte, em todos os momentos da vida, no recesso do lar e na vida pública. É uma presença que penetra, perfuma, alegra e suaviza.¹⁹⁴

Essa presença de Deus significa bênção, proteção, auxílio, pão, roupa, volta ao lar, boa viagem, promessa do Messias. Na sinagoga Jesus lê: o Espírito do Senhor está sobre mim, porque fez em mim a unção com óleo (Lc 4.18). As palavras bíblicas correspondentes a ungido com óleo são: Messias (em hebreu) e Cristo (em grego). “Ele é, pois, o ungido do Senhor (Messias – Cristo) sobre quem pousou o Espírito Santo”.¹⁹⁵

¹⁹¹ JENSEN, Richard. *O Toque do Espírito*. A luta de um homem para compreender a sua experiência com o Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 37.

¹⁹² SOUSA, Rômulo Cândido de. O cristão e o símbolo do óleo. *Vida Pastoral*, São Paulo, ano XXIV, n. 3, p. 24-28, 1983.

¹⁹³ SOUSA, 1983, p. 25.

¹⁹⁴ SOUSA, 1993, p. 25

¹⁹⁵ SOUSA, 1983, p. 27.

A riqueza simbólica do óleo e do nome de Cristo é presença do Espírito de Deus. “Cristo é o correspondente grego da palavra Messias. Messias provém da palavra *mashásh* que significa literalmente ser massageado, ser ungido com óleo.”¹⁹⁶ Portanto, ser ungido é:

Ser cristão é ser massageado e ungido com óleo.
 O Espírito divino desceu sobre ele.
 A presença de Deus tomou posse do seu ser.
 O cristão se tornou um Betel, casa de Deus.
 Tudo o que o cristão tocar e tudo o que nele tocar será sagrado.
 O cristão não se separa das coisas. Não é um alienado. Ele eleva e diviniza as coisas com seu toque.
 O óleo penetra tudo, lubrifica e suaviza. Entra pela boca: é alimento. Entra pelos poros: é unção. Entra pelo olfato: é perfume. Entra até pelos olhos: conserva viva a chama da lâmpada.
 Como a luz, como o sol, como Deus, toca apalpa, aquece, ilumina, penetra, mas não se rebaixa, não se contamina, está acima da água.
 O cristão (o ungido com óleo) é uma nova criatura, um renascido pelo Espírito, é rei, profeta, sacerdote, atleta, viajante, peregrino, hóspede, abençoado.
 A celebração (liturgia) com o óleo lembra a mensagem principal do Evangelho: alegria, luz, brilho, simpatia, hospitalidade, amizade, perfume, beleza, abundância, imortalidade, eternidade.¹⁹⁷

Portanto, ser cristão e cristã é ser ungido, unvida com óleo e não está restrito a uma confissão religiosa. Há formas diferentes de celebrar o rito, assim como sua aplicabilidade pode ter contextos e respostas diferentes. Cabe perceber a riqueza que este rito traz e a abrangência e profundidade com que pode penetrar na vida de quem o recebe.

Difícilmente um símbolo poderá sintetizar melhor a mensagem messiânica das promessas e bênçãos divinas, juntamente com a mensagem evangélica do amor pelo irmão.
 Ser cristão é um ungido com a missão de ungir. Toda unção é uma carícia e uma massagem. A carícia cristã. Ser cristão é ser massageado com óleo. Ser cristão é ter sido acariciado por Deus, para saber acariciar o irmão.¹⁹⁸

3.3.1 Unção batismal

A unção batismal é feita na frente da pessoa, com óleo ou mirra, que é azeite misturado com essências. A selagem era o traçar do sinal da cruz, com óleo, também sobre a frente da pessoa. Feitas com o polegar, enquanto a mão se apoia sobre a cabeça da pessoa. Em muitas liturgias a unção e a selagem são um ato só.¹⁹⁹

A unção batismal dá ao batizado, batizada um poder sacerdotal, recebido por pessoas especiais. “Conforme (1 Pe 2.9), a imposição de mãos e a unção significam a outorga do

¹⁹⁶ SOUSA, 1983, p. 29.

¹⁹⁷ SOUSA, 1983, p. 29.

¹⁹⁸ SOUSA, 1983, p. 29.

¹⁹⁹ KIRST, Nelson (Org.). *Livro de Batismo*. 2 ed. rev. e atual. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 60.

Espírito Santo para as pessoas que ingressam no sacerdócio real”.²⁰⁰ Diante de Deus todas as pessoas têm a dignidade e o ministério de sacerdotes e reis, sacerdotisas e rainhas.²⁰¹

Desde o século IV o ato de selar é feito com o uso do sinal da cruz. Fazê-lo sobre alguém indica pertença à comunidade que segue a Jesus. Selagem é a ação de marcar, lacrar e Deus faz isso mostrando que somos Dele.

[Deus] também nos selou e nos deu o penhor do Espírito com nossos corações. (2Co 1.22)

[Cristo] em que também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o Evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o que é o penhor da nossa herança até o resgate da sua propriedade, em louvor de sua glória. (Ef 1.13-14)

E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção. (Ef. 4.30)

E foi-lhes dito [aos gafanhotos] que não causassem dano à ervada terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma, e tão somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre as suas fronteiras. (AP. 9.4)

[...] esse conceito de selar se relaciona com o Batismo. Selar corresponde a tornar-se, em Cristo, filho adotivo de Deus (Gl 4.4-5 e Rm 8. 22-23).²⁰²

Na maioria das comunidades da IECLB esta selagem com o sinal da cruz é feita com água e, para muitas pessoas presentes, um ato imperceptível. Poucos ministros e ministras utilizam o óleo para a selagem, mas poderiam fazê-lo, aproveitando para explicar que a unção é um sinal do amor de Deus, pois no batismo somos selados, marcados por Deus que quer nos acompanhar durante toda a vida.

3.3.2 Unção de enfermos

A unção de enfermos sempre foi vista como um serviço, um estar presente da comunidade com o objetivo de comunicar o amor e o perdão de Deus. A Igreja Católica Apostólica Romana continua usando este rito, bem como o pentecostalismo que ressalta seu caráter curativo e a capacidade de expulsar demônios.

Lutero fez dura crítica a extrema-unção, como vimos no ponto 3.1. Porém, em 1527 em seu escrito “Da Ceia de Cristo – Confissão”, escreveu que aceitaria a unção se ela fosse aplicada como descrito em Mc 6.13 e Tg 5.14. Ele discorda da Igreja Romana que vê na unção um sacramento, mas diz que é bom visitar os enfermos com a intenção de orar com eles

²⁰⁰ KIRST, 2008, p. 60.

²⁰¹ KIRST, 2008, p. 60.

²⁰² BRAND, Eugene L. *Batismo: uma perspectiva pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 15; KIRST, 2008, p. 60.

e, “se além disso, alguém quiser ungir o enfermo com óleo, que seja permitido, em nome de Deus”.²⁰³

A IECLB em suas práticas de acompanhar enfermos não costuma utilizar a unção com óleo que foi, pode-se dizer, substituída pela Santa Ceia. Geralmente, quando luteranos e luteranas em situação de enfermidade solicitam a visita de algum ministro ou ministra religiosa, também solicitam que seja realizada a Santa Ceia que também tem o caráter da presença e acolhimento de Deus que se entregou por nós e quer ser presença constante em nossa vida através do corpo e sangue. A lamentar é o fato de a unção, por ser desconhecida, acabou sendo pouco praticada na vida comunitária e no acompanhamento de enfermos.

A unção de enfermos não quer ser um rito de “encomendação da morte”, mas sim uma ligação com o Batismo, transmitindo coragem, conforto, alívio e demonstrar a presença solidária da comunidade, lembrando que pertencemos a Deus e que Ele nunca nos abandonará.²⁰⁴

Para a realização da unção de enfermos é importante atentar para algumas dicas que Hoch encontra em um subsídio da Igreja Evangélica Luterana da Alemanha:

A pessoa enferma e seus familiares precisam ser previamente consultados e preparados. O ritual da unção de enfermos pode ser combinado com o da bênção e da imposição de mãos. No sentido de preservar o caráter comunitário da celebração, é recomendável que, na medida do possível, se convidem os familiares da pessoa enferma. A unção é feita, pelo ministro ou ministra, na testa e nas mãos do enfermo, para indicar que ela abrange a pessoa toda. Utiliza-se o dedo indicador ou o polegar da mão direita, fazendo o sinal da cruz. Para a unção é usado óleo de oliva puro. O óleo é acondicionado num pequeno recipiente de vidro. O ritual da unção inicia com saudação, leitura bíblica e oração. A unção é precedida pelas seguintes palavras: “Senhor, nós te pedimos, dá que este óleo se torne um sinal do teu poder que consola e que cura os que sofrem”. No momento da unção, pode-se proferir as seguintes palavras: “N.N., eu te abençôo e te unjo com óleo em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele te levante e te restabeleça pelo poder do seu amor. Paz seja contigo. Amém”. Após o ministro ou ministra estende a sua mão sobre a pessoa e a abençoa. Se quiserem as demais pessoas também podem ser unguidas. Segue a oração do Pai-Nosso e quem quiser pode dar-se as mãos em um círculo que inclui a pessoa enferma.²⁰⁵

Percebe-se a importância da presença de pessoas da família, bem como a questão da aproximação física e do toque entre a pessoa que realiza e a que recebe a unção. Proximidade que também encontramos no Culto de Tomé, onde assim, como Tomé, é importante tocar, ver, sentir que Deus se faz presente na nossa vida.

²⁰³ LUTERO, Martinho. Da Ceia de Cristo – Confissão. In: *Obras Seleccionadas*. v. 4. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 374.

²⁰⁴ HAACKE, 2004, p. 15.

²⁰⁵ HOCH, 1997, p. 68-69.

3.3.3 Culto de Tomé²⁰⁶

O Culto de Tomé é realizado durante a noite, em um ambiente de penumbra, preferencialmente iluminado apenas por velas, orações individuais, cantos mais calmos e meditativos que tem o objetivo de levar aos e as participantes uma reflexão pessoal e experiência própria com Deus através das orações. Momento de sentir o que está dentro do coração e que quer nos modificar, enquanto, seres humanos.

O Culto de Tomé surgiu em Helsinque, na Finlândia, em 1988 “após uma evangelização que reavivou comunidades e despertou muitas pessoas para uma vida de fé”.²⁰⁷ Nesta celebração os símbolos, as imagens e as músicas falam mais do que palavras ditas. “O Culto de Tomé ajuda-nos a experimentarmos comunhão com Deus não só pela audição, mas também pelos sentidos da visão, do olfato, do paladar e do tato”.²⁰⁸ Assim, como Tomé, também as pessoas querem tocar e sentir Deus para terem a certeza de que sempre podem ser recebidas por Ele. Jesus não brigou com Tomé, mas acolheu suas dúvidas dizendo: “vem, toque, veja e sinta que o Filho de Deus está vivo”.

As estações são o ponto marcante dos Cultos de Tomé. A estação das intercessões;²⁰⁹ a estação da oração pelo mundo;²¹⁰ estação das orações individuais;²¹¹ estação da confissão e intercessão pessoal.²¹² “O culto de Tomé estabelece uma atmosfera de aceitação, compreensão e confiança. Proporciona um clima onde posso dar-me a conhecer como realmente sou.”²¹³ A unção com óleo deveria fazer parte de todos os Cultos de Tomé, pois ela consegue nos acolher em nossas dúvidas e medos, um momento em que Cristo nos diz: “vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei”.

No próximo ponto queremos apresentar alguns subsídios litúrgicos que nos animem a celebrar a riqueza que existe no rito da unção com óleo.

²⁰⁶ Tomé era discípulo de Jesus e não acreditou na ressurreição sem ver as chagas nas mãos de Cristo.

²⁰⁷ WILLRICH, Breno; WEINGÄRTNER, Walmor. Culto de Tomé. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 12, p. 3-6, dez. 2003.

²⁰⁸ WILLRICH; WEINGÄRTNER, 2003, p. 4.

²⁰⁹ Nesta estação podem-se escrever pequenas orações pessoais ou gerais, deixando-as no cesto sobre a mesa. As orações não serão lidas, mas sim levadas a Deus, dobradas, fechadas e na oração final, incineradas.

²¹⁰ Oportunidade de orar pelo mundo, pelas pessoas fragilizadas, desamparadas. Acender uma vela e a colocar perto da cruz.

²¹¹ À disposição pedras e velas. A pedra simboliza nossas dificuldades. A chama da vela quer lembrar que Jesus Cristo é a luz do mundo e a luz do caminho de quem Nele confiar. Cada um faz sua oração pessoal e silenciosa.

²¹² Neste local estará à disposição um dos ou das oficiantes. Sentarão um defronte o outro, expondo seu pedido de intercessão ou confissão que serão guardadas em sigilo.

²¹³ WILLRICH; WEINGÄRTNER, 2003, p. 5.

3.4 Possibilidades da unção na IECLB

A unção com óleo é um rito bastante desconhecido na maioria das comunidades da IECLB por não ser um rito institucionalizado. Há ministros e ministras que fazem uso dela em celebrações²¹⁴ na busca de reintroduzir a unção com óleo na vida celebrativa de seus membros. Existe a consciência da necessidade e importância de um rito que acompanhe e acolha as pessoas, porque o Evangelho não é transmitido somente pelas palavras, também por gestos, “não nos atinge apenas pelo ouvido, mas também através da pele”.²¹⁵

No entanto, percebe-se grande curiosidade e interesse em conhecer e participar, daqueles e daquelas que dele ouvem falar. Normalmente, quem preside a celebração da unção motiva os e as participantes a chegarem à frente e receberem a unção.

Este ponto pretende sugerir liturgias que possam servir de subsídio a comunidades e ministros e ministras que desejam celebrar a unção com óleo. São apresentadas formas e liturgias para as diversas situações nas quais a unção pode ser adaptada e celebrada. Depois de falar sobre a unção, percebe-se um anseio pela sua utilização e, por isso, é válido apresentar algumas propostas litúrgicas que podem ser utilizadas.

3.4.1 Liturgia para o Advento²¹⁶

Liturgia de Entrada

Acolhida

L. É tempo de Advento! Advento vem de *adventos* do latim, que significa vinda, chegada. Anuncia que o Natal, o nascimento de Jesus, o Filho de Deus está próximo. O sentido do Advento é avivar nos fiéis a espera do Senhor. Deixemos nos envolver por este tempo que quer nos reabastecer, que quer nos fortalecer a comunhão e a fé. Mostranos, Senhor, a tua misericórdia e concede-nos a tua salvação (Salmo 85.7).

Saudação apostólica

L. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com vocês “2 Coríntios 13.13”.

C. E também com você.

²¹⁴ Por exemplo, Cultos da Saúde e Culto de Tomé.

²¹⁵ HOCH, 1998, p. 65.

²¹⁶ Liturgia para o Advento, preparada especialmente para as celebrações na Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Ferraz – Vera Cruz/RS.

C (Comunidade entoa um canto)

Confissão de pecados

L. Deus de amor e bondade, todos os dias tu colocas sinais da tua presença entre nós. Em tua criação, nas outras pessoas, na tua Palavra, em teu Filho, Jesus, tu te revelas e comunicas a tua vontade para o ser humano. Nós, porém, não conseguimos perceber e compreender o que queres de nós. Falta-nos fé e, por isso, nos afastamos de ti e de nosso próximo. Preocupamo-nos por demais com os preparativos para o Natal, com as festas de final de ano, mas esquecemos de voltar nosso olhar para o que realmente importa: a espera e a preparação para o encontro com o menino Jesus. Pela nossa dificuldade em crer, pela nossa ansiedade em torno de coisas nem tão importantes, pela facilidade que temos em ferir os outros com palavras e ações, pedimos o teu perdão, cantando juntos:

C. (Comunidade entoa duas vezes) Perdão, Senhor, perdão!

Anúncio da graça

L. Em Cristo Jesus, Deus se mostrou misericordioso e perdoou os nossos pecados na cruz. Assim, a quem se arrependeu e confessou, anuncio o perdão dos pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

L. A Deus, que ouve a nossa oração e a nossa súplica, cantemos glória nas maiores alturas!

C. (Comunidade canta) Glória, glória, glória a Deus nas alturas. Glória, glória, paz entre nós, paz entre nós.

Oração do dia

C. Deus criador da vida, hoje inicia o tempo de advento. Neste tempo, somos lembrados e lembradas de que não esperas de nós uma ceia de Natal farta, nem caros e finos presentes, apenas um coração aberto para receber-te. Envia teu Espírito para que a tua Palavra nos alcance e fortaleça a nossa fé. Que pela comunhão do corpo e sangue de Cristo possamos ser desafiados para orar e vigiar, em prontidão para também lançarmos sinais da vinda do teu Reino. Por Jesus Cristo, que contigo e com o Espírito Santo vive e reina. Amém.

C. Canto

Liturgia da Palavra

Leitura Bíblica

Do Antigo Testamento ou do Novo Testamento podem ser lidas uma ou duas leituras.

Sugestão: (Salmos 71. 5-6, 9, 17-18)

Mensagem

Credo Apostólico

Oração geral da Igreja

L. Senhor, nosso Deus, agradecemos por nos teres enviado Jesus, teu Filho, para que ele nos reaproximasse de ti. Agradecemos porque, por meio dele, nos dás a salvação de forma graciosa, sem que a mereçamos. Por tua graça, somos livres e chamados para cuidarmos uns dos outros. Por isso, queremos interceder por pessoas que, perto ou longe de nós, se encontram doentes, lutando por sua saúde, ou enlutadas. Lembramos também de famílias em que há conflitos. Que cada pessoa possa encontrar em ti amparo e conforto, orientação para sua caminhada. Capacita-nos para olharmos e agirmos com compaixão e solidariedade para com elas. Oramos por nossa comunidade e pela tua Igreja no mundo inteiro. Que não fraquejemos no testemunho do Evangelho. Acompanha-nos em tempos de adversidade e encoraja-nos para a Diaconia e a comunhão. Amém.

Liturgia da Unção

Oração e Unção

Fazer explicação para a comunidade ou aqui ou no início, na acolhida.

L. Misericordioso Deus, como é bom ouvir a tua palavra, como é bom ter a certeza de que queres cuidar de nós. E aqui nos colocamos, Senhor, em tua presença, com sofrimentos e angústias que apertam nosso peito. Nos colocamos diante de ti como somos, pessoas pecadoras, carentes de teu amor e cuidado. Enfrentamos, Senhor, diversas enfermidades que nos enfraquecem na fé em ti, enfrentamos o luto, a depressão, enfrentamos as dores que afligem nossa vida. Nossa esperança se abala diante de nossas dificuldades enfrentadas na família, no trabalho, diante dos problemas que enxergamos na vida em sociedade. Precisamos de ti, e aqui estamos. Toca-nos, Senhor, com a tua força curadora por meio deste óleo em teu altar. Fortalece-nos na fé,

na esperança, que sejamos animados a continuar servindo a ti e testemunhando teu amor e misericórdia. Restaura nossa saúde e nossa alegria de viver e que este óleo seja uma bênção agradável a nós e a quem convive conosco. Amém!²¹⁷

Unção²¹⁸

L. Receba este óleo como o sinal do grande amor de Deus que cura, liberta e nos restaura. Vá na paz do Senhor. Amém.²¹⁹

Oração Final

L. Amado Deus, com nossos corações agradecidos nos dirigimos a ti. Te agradecemos por renovar nossa esperança, fortalecer nossa fé e perceber através da unção que te colocas ao nosso lado em nossas dores e sofrimentos. Que em gratidão a este teu gesto de amor e cuidado, possamos nos dedicar ao convite que nos fazes de sermos tuas testemunhas, vivendo em amor e gratidão a tua vontade de ser bênção na vida uns dos outros. Escuta o nosso clamor em favor da tua criação, escuta o nosso clamor em favor das pessoas enfermas, enlutadas, em crise familiar. Senhor, que a partir do teu cuidado, tenhamos condições de cuidar uns dos outros e ser uma comunidade viva e atuante. Amado Deus, que ao sairmos daqui estejamos certos da tua companhia e do teu cuidado. Que nossa vida seja reflexo do teu amor, que possamos testemunhar a nossa alegria de sermos teus filhos e filhas. Em nome de teu Filho Jesus, que nos ensinou a orar:

²¹⁷ Sabendo-se que a unção com óleo é desconhecida na comunidade, cabe aqui uma explicação, por exemplo: A Unção é uma prática que tem bastante embasamento bíblico. No AT se ungiam reis, lugares, árvores e objetos de guerra, assim, eram santificados e abençoados para tais funções. Já no Novo Testamento, a prática de ungir transmitia o cuidado de Deus, especialmente com os mais necessitados. Jesus foi alguém que veio para trazer mudanças: ele sentava-se com as pessoas excluídas da sociedade que doentes e famintas ficavam atiradas nas vielas e cantos das grandes cidades. Jesus cuidava de suas feridas e muitas delas eram curadas. E neste momento de comunhão com pessoas batizadas, queremos participar da unção como meio de nos fortalecer a fé e confiar a nossa vida aos cuidados de Deus. Nada melhor do que começar o Advento nos sentindo acolhidos, protegidos nos braços amorosos de Deus. Poderia fazer parte da explicação para a comunidade!

²¹⁸ Explicar para a comunidade como vamos proceder com a unção: Nós vamos colocar uma música qual música? Seria bom um hino, de preferência cantado pelo grupo de música de fundo e quero pedir que vocês venham participar da unção, sem medo, ouçam a música com atenção, concentrem-se na palavras que vamos dizer a vocês e sintam o óleo entrando na pele de vocês. Sintam o cheiro que esse óleo exala e imaginem que é o Espírito Santo de Deus entrando no corpo e na vida de vocês. Ele vem para cuidar, para proteger e abençoar vocês. Venham e participem da unção na certeza de Cristo quer cuidar de cada um de nós. Estaremos com três estações. A comunidade faz uma fila única e aqui na frente vocês venham onde vaga um lugar, recebem a unção e voltam para o lugar de vocês.

²¹⁹ Palavras que podem ser ditas durante o ungir. Outra forma: Recebe esta unção em nome do Senhor Jesus Cristo. Que ele te fortaleça na fé, te restabeleça a saúde, renove a tua esperança. O Senhor seja contigo! Costuma-se segurar com a mão esquerda um pote contendo o óleo (de oliva ou outro) com aroma (ou sem) e com a mão direita com um pouco de óleo na ponta do polegar ungir a testa da pessoa, fazendo o sinal da cruz. Após, pode-se colocar a mão na cabeça da pessoa como sinal de bênção e no ombro como sinal de bênção e envio.

Pai Nosso

Liturgia de Despedida

Avisos comunitários

Hino²²⁰

Dá-nos esperança e paz. Dá-nos bênção, dá-nos fé. Dá-nos a luz de teu olhar. Dá-nos teu amor.

Bênção

L. Que o Senhor nosso Deus vos abençoe a vos guarde, que o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vós e tenha misericórdia de vós. Que o Senhor sobre vós levante os eu rosto e vos dê a sua paz.

Envio

L. Vão em paz e testemunhem o amor e o cuidado de Deus!

C. Demos graças a Deus!

3.4.2 Celebração do rito da unção²²¹

Saudação

L. Jesus Cristo diz: Não os deixarei órfãos, voltarei para vocês.” (João 14.18)

Bom dia! Sejam bem vindos/bem-vindas a esta celebração, momento em que queremos nos colocar aos cuidados de nosso Deus e perceber que Cristo Jesus quer estar conosco, quer nos fortalecer na tarefa de sermos suas testemunhas. Que ao reconhecermos a nossa fragilidade de vida, nossos erros, nossos sofrimentos, possamos encontrar na palavra de Deus uma luz para nosso caminho. Que possamos celebrar sob a graça e bênção de Deus. Amém.

Canto 459 – Oração da Igreja²²²

Voto Inicial

²²⁰ Este hino pode vir antes ou após a bênção final, mas é interessante que tenha um caráter de envio e que a bênção de Deus que nos acompanha na vida diária.

²²¹ Liturgia abreviada preparada para um momento de apresentação do rito de unção para a turma do Seminário de Aprofundamento Teológico – Batismo e Ofícios (SAT) do Bacharelado em Teologia da Faculdades EST – São Leopoldo/RS.

²²² HINOS do povo de Deus, 2005, hino 459.

L. Queridos irmãos e irmãs, renovar esperança, fortalecer a fé, buscar o cuidado de Deus, é isso que precisamos para a nossa caminhada. Em culto queremos agradecer a Deus que se faz presente em nossa vida celebrar em nome e na presença de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Confissão de pecados

L. Em comunhão podemos reconhecer que quando queremos que Deus nos abençoe, não podemos expressar este desejo de forma egoísta, mas sim reconhecer que temos a tarefa de testemunhar o amor de Deus e ser bênção de Deus na vida uns dos outros, umas das outras. No entanto, há muitas possibilidades de errarmos nesta tarefa, neste caminho. Por isso, neste momento queremos pedir a Deus o perdão dos nossos pecados. Oremos: Amado Deus, tu conheces as dores presentes em nossas vidas, conheces as amarguras e aflições presentes em nossos corações. Frágeis nós nos colocamos diante de Ti, reconhecendo que somos falhos na tarefa de testemunhar teu amor e misericórdia ao mundo. Não nos trate, Senhor, de acordo com nossas ações, mas faz cair sobre nós a Tua bondade e misericórdia. Nosso misericordioso Deus nos ouve. Ele sabe que somos fracos, mas nos ama imensamente, e por isso, nos convida mais uma vez a nos fortalecermos na tarefa de sermos suas testemunhas, confessando com verdade e humildade nossos erros e crendo na misericórdia de Deus, anuncio o perdão dos vossos pecados, em nome do Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Canto

Que a graça do Senhor Jesus - 350²²³

Leitura Bíblica

Tiago 5. 13-20.

Mensagem

Oração

(Mesa Preparada)²²⁴

P. Misericordioso Deus, como é bom ouvir a tua palavra, como é bom ter a certeza de que queres cuidar de nós. [...] Restaura nossa saúde e nossa alegria de viver e que este óleo seja uma bênção agradável a nós e a quem convive conosco. Amém!

²²³ HINOS do povo de Deus, 2005, hino 350

²²⁴ Neste momento, antes da oração, falou-se sobre a unção e explicou-se que o óleo fica sobre a mesa do altar e que com a oração ele é abençoado. Falou-se sobre o óleo e sobre a maneira como de costume ocorre a unção.

Venham e participem da unção na certeza de que Cristo quer cuidar de nós. Amém

Unção

L. "Receba este óleo como o sinal do grande amor de Deus que cura, liberta e restaura. Vá na paz do Senhor. Amém".

Cantos²²⁵

401, 466, 460, 456, 453, 452, 438.

Oração

L. Amado Deus, com nossos corações agradecidos nos dirigimos a ti. Agradecemos-te por renovar nossa esperança, fortalecer na fé e perceber através da unção que te colocas ao nosso lado em nossas dores e sofrimentos. Que em gratidão a este teu gesto de amor e cuidado, possamos nos dedicar ao convite que nos faz de sermos tuas testemunhas, vivendo em amor e gratidão a tua vontade de ser bênção na vida uns dos outros.

Amado Deus, que ao sairmos daqui estejamos certos da tua companhia e do teu cuidado. Que nossa vida seja reflexo do teu amor e que tenhamos alegria em testemunhar a nossa alegria de sermos teus filhos e filhas. Na unção fomos lembrados do Teu amor e por sermos amados queremos lembrar de irmãos e irmãs que passam por dificuldades e entregar a Deus em oração. Unamos nossas mãos e fé e oremos:

Pai Nosso...

Canto

Meu coração transborda²²⁶

Bênção

L. Que o Senhor nosso Deus vos abençoe a vos guarde, que o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vós e tenha misericórdia de vós. Que o Senhor sobre vós levante o seu rosto e vos dê a sua paz. Amém!

Envio

L. Vão em paz e testemunhem o amor e o cuidado de Deus!

C. Demos graças a Deus!

²²⁵ HINOS do povo de Deus, 2005, que podem ser utilizados quando há um grupo de musicistas. Caso contrário, a comunidade pode apenas cantar ou coloca-se um fundo musical com canções de relaxamento e meditação.

²²⁶ HINOS do povo de Deus, 2005, hino 451

3.4.3 Encontro da Família Bom Pastor ²²⁷

Acolhida

Saudação trinitária

Oração do dia: Oremos:

L. Deus, aquele que cuida da nossa vida e renova a nossa fé e esperança a cada amanhecer. Traga em nós vida nova, saúde e paz para que possamos ser tuas testemunhas neste mundo carregado de sofrimentos e angústias. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina contigo e o Espírito Santo, de eternidade a eternidade. Amém.

Canto

/: Em ti, ó Deus, nossos olhos esperam.:/

Apresentação (slides)²²⁸

Liturgia da Unção

Oração e Unção

Venham e participem da unção na certeza de Cristo quer cuidar de nós.

(Ligar o som – faixas musicais escolhidas anteriormente)

Unção:

L.Receba este óleo como o sinal do grande amor de Deus que cura, liberta e nos restaura. Vá na paz do Senhor. Amém.

Oração Final

L. Amado Deus, com nossos corações agradecidos nos dirigimos a ti. Te agradecemos por renovar nossa esperança, fortalecer nossa fé e perceber através da unção que te colocas ao nosso lado em nossas dores e sofrimentos. Que em gratidão a este teu gesto de amor e cuidado, possamos nos dedicar ao convite que nos fazes de sermos tuas testemunhas, vivendo em amor e gratidão a tua vontade de ser bênção na vida uns dos outros. Escuta o nosso clamor em favor da tua criação, escuta o nosso clamor em favor das pessoas enfermas, enlutadas, em crise familiar. Senhor, que a partir do teu cuidado,

²²⁷ A comunidade Bom Pastor fica no Bairro Rondônia na cidade de Novo Hamburgo/RS. Sempre na última quinta de todo mês a comunidade encontra-se para discutir algum tema. No mês de novembro pude estar com a comunidade, onde tivemos um momento de diálogo sobre a unção com óleo.

²²⁸ Neste momento dialogou-se sobre a unção (em torno de quarenta minutos). Percebeu-se um grande interesse, mas também desconhecimento sobre a unção com óleo.

tenhamos condições de cuidar uns dos outros e ser uma comunidade viva e atuante. Amado Deus, que ao sairmos daqui estejamos certos da tua companhia e do teu cuidado. Que nossa vida seja reflexo do teu amor, que possamos testemunhar a nossa alegria de sermos teus filhos e filhas. Em nome de teu Filho Jesus, que nos ensinou a orar:

Pai Nosso...

Liturgia de Despedida

Canto

/:Dá-nos esperança e paz. Dá-nos bênção, dá-nos fé. Dá-nos a luz de teu olhar. Dá-nos teu amor.:/

Bênção

Que o Senhor nosso Deus vos abençoe a vos guarde, que o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vós e tenha misericórdia de vós. Que o Senhor sobre vós levante o seu rosto e vos dê a sua paz.

Envio

L. Vão em paz e testemunhem o amor e o cuidado de Deus!

C. Demos graças a Deus!

3.4.4 Unção com imposição de mãos a pessoas enfermas²²⁹

Acolhida e saudação

L. Paz seja contigo. Estamos reunidos em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Amém.

Invocação do Espírito Santo

L. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Confissão de pecados + anúncio da graça

L. Confessamos a Deus que somos pecadores e rogamos o seu perdão: *(silêncio para confissão individual)*

²²⁹ Esta celebração tem uma forma mais abreviada e é pensada para o quarto hospitalar.

C. Confessamos que temos pecado em pensamentos palavras, atos e omissões. Reconhecemos nossa culpa e pedimos o teu perdão, Senhor.

C. (canta) Perdão, Senhor, perdão.

L. Deus que é fiel e justo nos perdoa os pecados. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Oração

L. Misericordioso Deus. Graças te damos pela vida. Agradecemos-te por sermos tua comunidade e por estarmos aqui com nosso irmão (N. N.). Vem Senhor e permanece conosco. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Leitura bíblica

Tiago 5.13-15.

Mensagem

Consagração do óleo

L. Deus doador da vida, saúde e salvação: envia teu Espírito para santificar este óleo a fim de que assim como apóstolos ungiram a muitos enfermos e os curaram, que do mesmo modo este óleo, a ti consagrado, seja fonte de cura. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que contigo e o Espírito Santo vive e reina de eternidade a eternidade. Amém

Unção + imposição de mãos

L. N.N., eu imponho as mãos sobre ti, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, suplicando que te ampare e te revista com sua graça. a fim de que conheças o poder curador de seu amor.*(o oficiante toma do óleo santo e como dedo polegar faz o sinal da cruz na frente da pessoa)*

N.N., eu te unjo com óleo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém

Oração de intercessão

Um dos melhores serviços que a comunidade cristã pode prestar é a intercessão. Por isso, intercedamos:

L. Deus da vida. Intercedemos por tua comunidade para que caminhemos em fé, esperança e amor. Pedimos-te por tua Igreja e pelos seus obreiros. Dá, Senhor, que eles

anunciem sempre a tua Boa Nova. Intercedemos, Senhor, pelo nosso mundo e nosso país para que em ti confiem que nosso mundo tem salvação. Ó Senhor, rogamos por nosso irmão N.N., para que tu continues o acompanhando em sua jornada. Tudo o mais que permanece no *silêncio* de nossos corações colocamos a ti. Ouve, Senhor, nossa oração. Amém

C. Pai nosso

Bênção

L. Que o Senhor vos abençoe e vos guarde. Que o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre vós e tenha misericórdia de vós. Que o Senhor sobre vós levante a sua face e vos dê a sua paz. Amém.

3.4.5 Liturgia de unção pelo aniversário²³⁰

Acolhida

L. Em nome do N. N. queremos dar as boas vindas a todas as pessoas presente e que possam se sentir acolhidos/as neste momento tão importante para o N. N. que hoje completa 97 anos de vida.

Invocação Trinitária

L. Estamos reunidos neste dia tão maravilhoso, em nome de Deus Pai Criador do universo e tudo que nele existe, em nome de Deus Filho que resgatou e nos salvou de todos os pecados na cruz do Calvário, em nome do Deus Espírito Santo que nos mantém e ilumina toda nossa vida.

Canto

C. Pela graça e louvor a Deus por ter abençoado o N. N. com 97 anos;²³¹

Leitura Bíblica

Salmos 133

²³⁰ Esta liturgia foi pensada para ser realizada na casa do aniversariante e quer expressar gratidão a Deus e bênção pelos noventa e sete anos de vida, dos quais certamente Deus foi muito presente e importante.

²³¹ HINOS do povo de Deus, 2005, hino 239.

C. Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes. Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre.

Jo 15.1-5

C. Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado. Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

Mensagem

L. Lembrar das bênçãos recebidas. A importância de estar firme nas promessas de Deus.

Oração

L. Agradecimento pelos 97 anos. Por todas as pessoas que estão nesta faixa etária
Interceder para que Deus lhe continue dando saúde...

C. Pai nosso (todos e todas de mãos dadas)

Alocução e Autobiografia

L. Queremos compartilhar com todas as pessoas presentes. Que o N. N. nasceu no interior de Vera Cruz, onde cresceu e casou-se com Ofélia, teve 7 filhos e 2 filhas...

O ato da unção

L. Receba este óleo como sinal do amor que Deus tem por ti.

Oração pós-unção

Canto

C. Vejam que belo ²³²

Bênção

Entrega de uma lembrança: pode ser um cartão com assinatura de todos os presentes.

²³² HINOS do povo de Deus, 2005, hino 395.

3.4.6 Culto de Tomé

Liturgia de Entrada

Acolhida meditativa²³³

Canto

C. Em tua presença²³⁴

C. Leitura do Salmo 42

Confissão de pecados

L. Senhor queremos abrir a nossa vida e o nosso coração a Ti. Sabemos que nos aceitas assim como somos. Temos falhas, cometemos erros, pecamos contra Ti e contra nosso próximo e próxima. Por isso, pedimos perdão, pois durante nossa vida carregamos mágoas, sentimentos de culpa, injustiças sofridas e cometidas. Tira de nós o pecado. Ajuda-nos a produzir frutos do Espírito Santo.

Absolvição

L. Cremos num Deus misericordioso, cheio de amor. Por isso, Ele aceita o pedido de perdão que é sincero, que nasce do coração. Amém.

Canto

C. Conscientes do amor e do perdão de Deus, cantamos o hino 420 – Queria um anjo²³⁵

²³³ Pode ser usado como forma de acolhimento meditativo - Alguma vez você já observou crianças brincando? Ou ouviu a chuva batendo no chão? Alguma vez já observou e seguiu o vôo de uma borboleta? Ou fixou o olhar no pôr-do-sol? É melhor você diminuir o passo. Não dance tão depressa. O tempo é curto, a música vai acabar. Você corre através de cada dia voando? Quando você pergunta “como vai” você ouve a resposta? Quando o dia termina, você fica deitado na cama, pensando só afazeres de amanhã? É melhor você diminuir o passo. Não dance tão depressa. O tempo é curto, a música vai acabar. Você disse alguma vez a uma criança: “-Vamos deixar para fazer isto amanhã?” E na sua pressa não viu sua tristeza no rosto dela? Perdeu contato, deixou uma boa amizade morrer porque você nunca tinha tempo para ligar e dizer “oi” ou de visitá-lo? É melhor você diminuir o passo. Não dance tão depressa. O tempo é curto, a música vai acabar. Quando você corre tão depressa para chegar a algum lugar, você perde metade da satisfação de chegar lá. Quando você se preocupa e se apressa em seu dia todo, é como se fosse um presente que não foi aberto. Um presente jogado fora! A vida não é uma corrida. Leve-a mais devagar. Ouça a música, antes que a canção acabe! O Culto de Tomé chama você a não dançar tão depressa, chama você a parar e silenciar diante de Deus. A chegar perto de Deus. “Cheguem perto de Deus e Ele chegará perto de vocês” (Tg 4. 8a).

²³⁴ HINOS do povo de Deus, 2005, hino 473.

²³⁵ HINOS do povo de Deus, 2005, hino 420.

Convite às estações²³⁶

Enquanto se ouve músicas meditativas há tempo para visitar as diferentes estações.

Canto

C. Em preparação à unção com óleo, cantamos o Salmo 66.²³⁷

Unção

L. No Salmo 23, somos lembrados do Bom Pastor que unge nossa cabeça com óleo, pois Ele não se afasta quando caminhamos por vales de sombra e morte. O Culto de Tomé é a celebração do sim de Deus que nos acompanha. Nesta celebração, unguindo com sinal da cruz na testa, pedimos a Deus que este óleo se torne um sinal que consola e abençoa os que sofrem. Venham receber este sinal.²³⁸

Canto

C. O Senhor é a minha força²³⁹

Após este hino a celebração continua com a Liturgia da Palavra e Liturgia de Saída.

3.5 Unção com óleo: relatos a partir de experiências práticas

Saindo um pouco da teoria, gostaríamos de compartilhar algumas experiências práticas em celebrações onde foi realizada a unção com óleo. Importante ressaltar que as comunidades não conheciam e nunca tinham sequer ouvido falar a respeito da unção com óleo. Compartilho quatro depoimentos de pessoas que participaram da unção em duas celebrações distintas.²⁴⁰

²³⁶ As estações precisam ser explicadas como fizemos no subtítulo 3.1.3. Em seguida acolher as pessoas com uma breve introdução que pode ser: Vivemos em um mundo onde todos e todas carregam aflições, sofrimentos e inquietações. Diante destas situações, Deus vem ao nosso encontro e temos a oportunidade de falarmos com Ele em oração e reabastecer-nos através desse encontro. Temos tempo para ouvir nosso íntimo, há tempo para os pensamentos e sentimentos. Há tempo para escrevermos orações e intercessões, há tempo para orar pelos outros, por mim e pelo mundo.

²³⁷ HINOS do povo de Deus, 2005, hino 383.

²³⁸ Quando se aproxima a pessoa diz seu nome e o liturgo diz: “N.N, receba este óleo como sinal do grande amor de Deus que se renova hoje em tua vida. Paz seja contigo. Amém.” Depois do sinal da cruz com óleo na testa, pode-se como sinal de bênção colocar a mão sobre a cabeça ou ombro da pessoa unguida.

²³⁹ HINOS do povo de Deus, 2005, hino 454.

²⁴⁰ Após as celebrações, muitas pessoas demonstraram grande admiração pelo que o rito havia causado nelas. Algumas demonstravam-se admiradas com a riqueza e a capacidade acolhedora e abençoadora do rito da unção com óleo. Após ouvir relatos, perguntei se poderiam escrever isso em um papel e se, pudesse usar os relatos como exemplos na dissertação, sem mencionar nomes.

Depoimento 1 - *Dia 29 de Novembro tive a alegria de participar de um culto na Comunidade de Formosa, o qual foi celebrado por Jefferson Schmidt, Fabiane Schmidt, durante a celebração teve um momento muito significativo para esta época de Advento, foi a unção com óleo que me deixou com uma paz de espírito, e me senti mais fortificada depois da bênção recebida, e preparada para testemunhar a graça de Deus sobre nós, também senti que as pessoas presentes no culto se sentiram bem à vontade para participar, depois da explicação do significado do rito e com certeza também saíram com as forças renovadas.*

Esta celebração com unção aconteceu na época de Advento. O sentido do Advento é avivar nos fiéis a espera do Senhor. Um tempo de parada, de reabastecer, que quer fortalecer a comunhão e a fé dos fiéis. Destaco neste depoimento as palavras: paz de espírito; fortificada; graça de Deus; forças renovadas. Em poucas palavras esta pessoa consegue expressar o sentimento de acolhida e bênção que sentiu durante a participação no rito.

Depoimento 2 - *No domingo dia 29 tivemos culto em Formosa com a unção de óleo no início achei um pouco estranho porque não conhecia, mas quando o pastor começou a explicar, já comecei a sentir algo de diferente da maneira que ele foi explicando as palavras foram transmitindo mais segurança, esperança e Fé. Quando começou a celebração da unção eu me senti mais confiante na minha própria fé, amor, paz e uma purificação de fé depois do culto parecia que as pessoas estavam mais solidárias e felizes.*

Esta unção também foi realizada no culto de Advento. Destaque para as palavras: não conhecia; segurança; esperança; fé; amor; paz; purificação de fé; solidárias e felizes. Importante perceber o desconhecimento e a estranheza que a pessoa expressa sobre a unção, mas como rapidamente ela muda o discurso e depois de algumas palavras do ministro, já sente o acolhimento, a paz, a graça de Deus que a encontra.

A celebração da unção nesta comunidade foi muito importante, porque é constantemente abalada por rachas de opiniões (grupos políticos) que não conseguem trabalhar juntos e ao invés de edificar, destroem a paz e a harmonia de uma vida comunitária saudável. Está senhora acolheu a paz de Deus que veio pelo óleo da unção e a faz sentir vários sentimentos de gratidão. Além disso, percebeu que também outras pessoas se encontravam mais felizes e solidárias.

No Advento, Deus também se solidariza com seu povo e envia seu Filho Jesus ao mundo, para que este traga paz, esperança e amor. A unção conseguiu trazer este Espírito de

Deus sobre e para o meio desta comunidade fragilizada e, certamente a fez refletir sobre a forma com que vivem a presença de Deus em seu meio.

Depoimento 3 – *Participar do rito da unção foi significativo. Momento de sentir através do óleo o cuidado e o amor de Deus por seus filhos e filhas. O que também não deixa de ser um momento de reflexão e agradecimento por tudo que Jesus Cristo fez, faz e continua fazendo por cada um de nós. Sentir o óleo na pele faz com que sintamos de forma mais intensa a presença e a proteção diária que Deus nos oferece. Senti através da unção o que confessamos: um Deus gracioso que nos ama hoje e sempre.*

Relato de uma mulher muito ativa na comunidade e diz ter certeza que temos um Deus gracioso que nos ama hoje e sempre. Esta pessoa cultivava uma vida de gratidão e fé e percebe a presença graciosa de Deus em sua vida. Sabe da importância de ter Deus, que a acompanha em todos os momentos. Através da unção pode sentir esse Deus de forma ainda mais presente e real em sua vida.

Depoimento 4 - *Até agosto de 2015 eu nunca havia participado de um culto de unção, foi no encontro intersinodal de pessoas com deficiência, familiares, amigos voluntários que realizamos pela primeira vez um culto de unção, foi uma experiência muito marcante para quem esteve no seminário. Depois o teólogo Jefferson Schmidt propôs que fizéssemos culto de unção no Advento em duas das três comunidades da Paróquia de Ferraz, nas comunidades de Ferraz e Formosa. Participei do culto de Ferraz, me senti muito bem, notei também que ninguém deixou de participar, pois foi colocado que participaria quem se sentisse à vontade, todos foram, também quem era de outra igreja cristã e estava lá participando do culto, foi no momento da unção. Durante os dias após os cultos fiz uma pesquisa nas duas comunidades, comentando com quem podia sobre o culto de unção, e fiquei surpreso que mesmo as pessoas mais tradicionais, as mais críticas, as mais petrificadas, todos acharam este momento muito significativo, sugerindo inclusive que se repetisse em outros momentos. De início fiquei um pouco apreensivo com as reações que viriam, pois são comunidades centenárias, bem tradicionais, mas acho que podemos afirmar com certeza que devemos resgatar muito mais estes momentos de toque, de individualidade, de bênção na IECLB, e não devemos temer em arriscar novas modalidades de celebração, pois as pessoas então sedentas de cuidado, de se sentirem aceitas, valorizadas, e estas oportunidades fazem toda a diferença na vida das pessoas e da própria comunidade de fé.*

Esse depoimento também expressa o que penso sobre a prática da unção com óleo nas comunidades da IECLB. Muitas ficam presas em dogmas e não se possibilitam

experimentar algo que seja diferente daquilo que sempre viveram. A abertura e acessibilidade a novas formas de celebração e a ritos nem sempre existem.

No entanto, as pessoas necessitam de momentos mais meditativos, de toque, de bênção, de acolhimento e a unção com óleo consegue reunir estas necessidades e transmiti-las as pessoas.

3.6 Considerações finais

Embora a unção com óleo faça parte de toda a história da Igreja, como vimos anteriormente, tenha e continue sendo usada por muitas confissões religiosas como uma prática terapêutica, infelizmente ela não faz parte da tradição luterana.

Como forma de resumir e ressaltar a importância deste rito para a vida comunitária e pessoal percebe-se que as pessoas compreendem a mensagem cristã presente na unção com óleo. Deus se faz presente de forma carinhosa, abençoa, purifica, reacende o sentimento de amor, de esperança, de paz, de acolhimento que as pessoas tanto anseiam em seus dias corridos.

CONCLUSÃO

Depois de meses de pesquisa chego à conclusão de que todo nosso esforço se concentra em fazer o bem para viver melhor. A igreja possui a tarefa de anunciar os feitos de Deus em favor do ser humano, como nos são contados na Bíblia. Essa tarefa é realizada de muitas maneiras, através de cultos e celebrações, pelo anúncio do Evangelho (em palavras e ações), por meio da formação e atuação de lideranças, encontro de grupos, visitação, através da música. É viver a vida de forma simples e justa e estar presente na caminhada. É esta a missão de Deus no mundo.

Esta missão acontece quando a comunidade está reunida em culto, celebrando ou visitando pessoas da comunidade. Os ritos ajudam a fortalecer a fé e a superar desafios que surgem durante a vida. Também o rito da unção com óleo quer ser instrumento de missão e presença de Deus em meio a seu povo.

Na tradição bíblica constatamos que há referências ao rito de unção com óleo. Ao receber a unção as pessoas se fortalecem para percorrer os caminhos da vida. O recurso da unção com óleo não deve ser visto como um mero ritual, mas como um gesto de fé. Portanto, todo rito alimenta a fé, enriquecendo-a. Certamente, Deus não precisa de ritos para agir, Ele manifesta-se independentemente de pessoas, ritos ou elementos usados. Não existe um “poder” especial no óleo. Nada pode conter o poder de Deus e a sua vontade. Ele é superior a qualquer coisa. Seu poder, sua força e sua vontade vão além da nossa capacidade. É o próprio Deus, através de Jesus Cristo e do Espírito Santo que age por meio deles. Porém, o que é dispensável para Deus não o é para o ser humano. Este possui uma carência de símbolos e sinais para estimular sua fé. Por isso, o rito de unção com óleo é tão importante para as pessoas. O óleo e o rito têm a função de suprir a carência que o ser humano possui de ter algo palpável e concreto da presença, do amor e do cuidado de Deus.

É importante para a igreja, enquanto instituição que prega em favor da vida, dar-se conta da sua importância na sociedade e na vida das pessoas, oferecendo apoio através de seus ritos. Além disso, que ela também lute por mudanças concretas na vida de tantas pessoas que precisam de apoio e esperança em suas vidas.

Este é um dos propósitos desta pesquisa que pode a partir da realização da unção em algumas comunidades da IECLB perceber maior participação e envolvimento das pessoas na comunidade. Talvez pela curiosidade ou por realmente estarem em busca de algo que aja em

suas vidas. Percebeu-se que a participação mais ativa proporciona vida para as celebrações e faz com que a mensagem cristã atinja as pessoas por outros sentidos, além do ouvir.

O propósito deste trabalho foi pesquisar a unção com óleo, observando a partir do embasamento bíblico e histórico para dentro da vida religiosa e comunitária da IECLB. No entanto, é impossível fazer essa observação, sem olhar para a prática da unção realizada pela Igreja Católica Apostólica Romana e as Igrejas Ortodoxas que buscam a cura, tanto corporal como espiritual ligada ao perdão dos pecados. Na prática da Igreja Luterana não se costuma relacionar a unção com óleo ao perdão dos pecados, antes como demonstração de apoio, acolhimento, ajuda, amor e esperança aos sofrimentos e angústias da vida.

Concluo este trabalho com ânimo e incentivo à prática de celebrações com unção com óleo, principalmente por possibilitar uma participação mais ativa da comunidade e proporcionar que Deus se aproxime e seja real na vida de seu povo que anseia pela sua presença. A unção com óleo é capaz de proporcionar isso. Celebremos com amor e esperança.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Júlio Cezar; STRECK, Valburga Schmiedt. Ritos e práticas pastorais em tempo de mudança: uma reflexão a partir da liturgia e do aconselhamento pastoral. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n.2, p. 319-333, 2011.
- ARAÚJO, Maria Betânia Melo de. Culpa/reparação. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Ed.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 235-238.
- ARRINGTON, F. L.; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- BAESKE, Albérico. Lutero para nossos dias. In: *Devocionário Semente de Esperança*. PPL/OIKOS/IECLB: Ibirama, São Leopoldo, Porto Alegre. 2011, p. 122.
- BAIGORRI, Luis. *A unção dos Enfermos*. São Paulo: Edições Loyola. 1986.
- BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BARTZ, Alessandro. História eclesial e práticas pastorais: devolvendo o lugar da unção dos enfermos. In: WACHHOLZ, Wilhelm. (Org.). *O Luteranismo no contexto religioso brasileiro*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007, p. 163-172.
- BECKHÄUSER, Alberto. *Símbolos litúrgicos em forma popular*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BOER, de Sjaak. *Por uma liturgia libertadora*. A unção coletiva de doentes. Tradução: Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BORÓBIO, Dionísio. Unção dos enfermos. In: BORÓBIO, Dionísio. (Dir.). *A Celebração na Igreja II. Sacramentos*. São Paulo: Edições Loyola. 1993, p. 541-616.
- BOYER, Orlando. *Lucas: o Evangelho do filho do homem*. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1964.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Por que ser Cristão? Dez boas razões para crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- BRAND, Eugene L. *Batismo: uma perspectiva pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.
- BRUNOTTE, W. *aleipho* (ungir). In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BUYST, Ione. *O segredo dos ritos*. Ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CABRAL, E. Cura Divina, Provisão para os Tempos Atuais. *Manual do Obreiro: Doutrinas Bíblicas Pentecostais*. Rio de Janeiro, Ano 31, n.45, p. 45, 2009.

CAZENEUVE, Jean. *Sociologia do rito*. Porto – Portugal: RÉ.S. Tradução: M.L. Borralho, 1957.

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de Bíblia*. Teologia e Filosofia. São Paulo: Hagnos, 2001.

_____. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Hagnos, v. 6. 2002.

COLLINS, Mary. *O Ritual Romano: Assistência Pastoral e Unção dos Enfermos*. Concilium, n.234, 1991/2. p. 12-117.

COLOMBO, G. Unção dos enfermos. In: SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille M. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1203-1213.

COUTO, Márcio. Prefácio. In: BOGAZ, Antônio Sagrado. *Celebrar sem fé: é possível?* São Paulo: PAULUS, 2003.

DAVIS, Phylis K. *O poder do toque*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

DEIFELT, Wanda. O corpo em dor. Uma análise da arte pictória de Frida Kahlo. In: STROHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S (Coord.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; CEBI; Sinodal, 2004. p. 15-36.

DOS SANTOS JUNIOR, Reginaldo José. O rito: Aproximação introdutória ao tema. *Via Teológica*. Curitiba. v.2, n. 4. Dez 2001.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1966.

DOUGLAS, J. D. Unção, Ungido, in: *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

EVANS, Abigail Rian. *O Ministério Terapêutico da Igreja*. Programas práticos para ministérios de Saúde. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

GRETHLEIN, Christian. Bênçãos e unção de enfermos. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. *Manual de Ciência Litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, v. 3, 2014, p. 155-192.

GRÜN, Anselm. *50 rituais para a vida*. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAACKE, Maurício Roberto. *Aconselhamento pastoral hospitalar: os ritos religiosos como parceiros da conversação pastoral na mediação da graça de Deus*. 2001. 177f. Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2001.

_____. Unção com óleo. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 13, p. 13-15, 2004.

HAGIN, Kenneth E. *Uma nova unção*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 19--.

HARPPRECHT, Christoph Schneider. *Como acompanhar doentes*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

HOCH, Lothar Carlos. A cura como tarefa do Aconselhamento Pastoral. In: BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto (Orgs.). *Prática Cristã, novos rumos*. São Leopoldo: Sinodal: IEPG, 1999.

_____. A Crise pessoal e sua dinâmica. In: SANTOS, Hugo N. (Org.). *Dimensões do Cuidado e Aconselhamento Pastoral*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008. p. 143-154.

_____. Função Terapêutica dos Ritos Crepusculares: Aconselhamento pastoral junto aos que andam no vale da sombra da morte. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 38, n. 1, p. 63-73, 1998.

_____. Sofrimento. In: BORTOLLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Ed.). *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 937-939.

_____. ROCCA L. Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 72-80.

HOEPFNER, Daniel. *Cuidado Pastoral num centro de tratamento intensivo adulto: referenciais bíblico-teológicos e competências pastorais*. 2012. 169 p. Tese (Doutorado). Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012.

JENSEN, Richard. *O Toque do Espírito*. A luta de um homem para compreender a sua experiência com o Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

KIRST, Nelson (Org.). *Culto e cultura em Vale da Pitanga*. São Leopoldo: IEPG/EST, 1995.

_____. (Org.). *Livro de Batismo*. 2 ed. rev. e atual. São Leopoldo: Oikos, 2008.

KOENIG, Harold. G. *Medicina, religião e saúde*. O encontro da ciência e da espiritualidade. Tradução de Iuri Abreu. Porto Alegre: LePM, 2012.

LAFRANCE, Jean. *A graça da oração*. São Paulo: Paulus, 1998.

LOPES, Vera Lúcia B. *Doutor, estou com câncer? Conduta médica e familiar nas comunicações dolorosas*. 2. ed. Porto Alegre, 2005.

LUTERO, Martim. Da Ceia de Cristo – Confissão. In: _____ *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 4, p. 217-375.

_____. Do cativo babilônico da Igreja. In: _____ *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 2, p. 341-424.

MANISK, Erli. *A linguagem dos símbolos no culto cristão*. Porto Alegre: IECLB, 2012.

_____. *A ritualização das passagens da vida: desafios para a prática litúrgica da Igreja*. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2009.

_____. Ritos de passagem: necessidade humana e oportunidade para a vida litúrgica da comunidade. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 25, p. 3-5, maio, 2008.

MOTTA, Roberto. Prefácio à edição brasileira. In: RIVIÈRE, Claude. *Ritos profanos*. Petrópolis: Vozes. 1996.

MÜLLER, Marisa Campio. Introdução. In: TEIXEIRA B, Evilázio F.; MÜLLER, Marisa C.; DA SILVA, Juliana D. Tigre (Orgs.). *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 9-10.

NETO, Rodolfo G. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI. São Paulo: Paulus, 2001.

NOÉ, Sidney Vilmar. *Amar é cuidar*. Dez boas razões para integrar pessoas com deficiência, valorizar a terceira idade, cultivar a saúde integral, viver uma sexualidade sadia e buscar o perdão. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RIENECKER, Fritz. *O Evangelho de Mateus*. Comentários esperança. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998.

RIETH, Ricardo Willy. Cruz e cura na teologia e na poimênica de Lutero. *Estudos Teológicos, São Leopoldo*, ano 43, n. 2, p. 7-20, 2003.

RIVIÈRE, Claude. *Ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROBERTO, Gilson L. Espiritualidade e saúde. In: TEIXEIRA B, Evilázio F.; MÜLLER, Marisa C.; DA SILVA, Juliana D. Tigre (Orgs.). *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 151-163.

RODOLPHO, Adriana Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*. v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

SANTOS, Hugo N. Perspectivas em torno a La visitación a los enfermos y enfermas Del corpo. *Visiones y Herramientas: Itinerario por La Teologia Práctica*, Buenos Aires, v. 5, 2007.

SANTOS, Manoel Augusto. *Impor ou não as mãos?* Telecomunicação, Porto Alegre, v. 23, n. 102, 1993.

SCHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e teologia: vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SÖLLE, Dorothe. *Sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOUSA, Rômulo Cândido de. O cristão e o símbolo do óleo. *Vida Pastora*. São Paulo, ano XXIV, n. 3, p. 24, 1983.

TERRIN, Aldo. *Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo: Paulus, 2004.

TIAGO. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 341-346.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

VILHENA, Maria Angela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005.

WACHHOLZ, Wilhelm. *História e Teologia da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WEISSHEIMER, Vera C. *Quando a vida dói*. Confiança nos momentos de angústia. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WILLRICH, Breno; WEINGÄRTNER, Walmor. Culto de Tomé. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 12, p. 3-6, dez. 2003.

VOLKMANN, Martin. Ofícios casuais – desafio e oportunidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 38, n. 1, p. 42-62, 1998.

ZILLES, Urbano. *Qual o significado da Imposição de mãos?* TELECOMUNICAÇÃO. Porto Alegre, v. 28, n. 122, 1998.